



uma HISTÓRIA
INCOMUM
SOBRE LIVROS
e MAGIA

LISA
PAPADEMETRIOU





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



uma HISTÓRIA
INCOMUM
SOBRE LIVROS
e MAGIA



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Título original: *A Tale of Highly Unusual Magic*

Copyright © 2015 por Lisa Papademetriou
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Carolina Alfaro

preparo de originais: Flávia Midori

revisão: Gabriel Machado e Raphani Margiotta

capa: Sarah Creech

arte de capa: Julie McLaughlin

adaptação de capa, projeto gráfico e diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para ebook: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P229h

Papademetriou, Lisa

Uma história incomum sobre livros e magia [recurso eletrônico]
/ Lisa Papademetriou [tradução de Carolina Alfaro]; São Paulo:
Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: *A tale of highly unusual magic*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-507-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I.
Alfaro, Carolina. II. Título.

16-29663

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

*Este livro é dedicado à minha filha,
Zara Marguerite Usman,
com amor e uma dose extra de magia.*

Nota da autora

EU TENHO UM LIVRO MÁGICO.

Vou contar como ele me encontrou. Meu bisavô era alemão. Durante a Primeira Guerra Mundial, ele foi enviado para a França. Sentia muita saudade da família e, um dia, comprou um presente para a filha de 6 anos, minha omi (avó). Era um livro de contos de fadas, escrito em inglês, pois ele queria que ela aprendesse o idioma.

Omi foi a única integrante da família dela a emigrar. Ela e o marido grego se mudaram primeiro para a Inglaterra e depois para os Estados Unidos, fugindo da Alemanha pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial. Ela levou o livro, que ficou numa estante em Nova Jersey, à espera.

Meus pais se separaram quando eu tinha 10 anos. Naquele verão, talvez como uma forma de me tirar da névoa de infelicidade que pairava sobre a nossa casa, eles me mandaram para visitar Omi. E, de presente de aniversário, minha avó me deu o livro.

Como qualquer menina de imaginação fértil, soube imediatamente que o livro era mágico. A capa tinha um tom brilhante de azul e era decorada com fadinhas douradas. Tratava-se de um elegante volume antigo de contos de fadas, muitos dos quais eu desconhecia. As ilustrações coloridas eram lindas, estampadas num papel macio cor de creme. As histórias tinham uma escrita elegante, num estilo vitoriano, e, ao passar os dedos pelo texto, eu sentia a reentrância das

letras deixada pela antiga prensa de metal. Aquelas palavras me confortaram muito. A antiguidade delas me lembrava que o livro havia cruzado continentes e décadas para aterrissar no meu colo justo no momento em que eu precisava de um pouquinho de magia.

Uma vez, quando eu estava no ensino médio, minha amiga disse:

– Lisa, não é reconfortante pensar que, neste exato minuto, Deus está selecionando alguém especial para você?

Estávamos conversando sobre encontrar o marido perfeito.

– Mas e se essa pessoa especial estiver no Japão? – respondi. – E se eu nunca conseguir encontrá-la?

Minha amiga revirou os olhos, mas mal sabia ela: naquele mesmo momento, meu futuro marido estava em Lahore, no Paquistão. E eu *realmente* o encontrei. É assim que a magia acontece. Meu marido, Ali, estava destinado a mim da mesma forma que aquele livro. Nós tínhamos que ficar juntos – era o destino.

Uma lenda chinesa diz que os deuses usam um fio vermelho para conectar as pessoas feitas uma para a outra. Imagino todos nós como pontos que existem no espaço e no tempo, com fios vermelhos que nos unem às pessoas, aos lugares, aos acontecimentos e até às coisas que serão importantes na nossa vida. Esses fios se cruzam e se entrelaçam. Formam uma imensa rede que contorna o mundo.

É por meio das histórias que revelamos esses fios. *Aconteceu tal coisa e, por causa dela, estamos aqui.* É assim que os seres humanos compreendem a si próprios e se tornam quem são. As narrativas nos mostram o que é importante na nossa vida. Tornam visível a magia do destino.

Meu livro mágico foi o modo como meu bisavô fez contato comigo – a bisneta americana, alguém que ele jamais conheceu. Ele comprou o livro para Omi, mas estava

destinado a mim.

Nota

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, ou acontecimentos é mera coincidência.

Exceto pelas partes mágicas.

Elas são reais.





CAPÍTULO UM

Kai

NINGUÉM NUNCA TINHA dito a Kai que ela devia prender a respiração ao passar por um cemitério, mas ela prendeu mesmo assim. Segurou o fôlego e agarrou com força o puxador da porta da imensa picape Dodge 1987 azul-clara, enquanto sua tia-avó Lavinia, ao volante, passava correndo e aos solavancos por um grande portão de ferro, subindo a entrada para carros até a casa. Kai observou através do vidro sujo as cruzes antigas e as lápides brancas, caindo aos pedaços, que pareciam espiá-la de trás do velho portão de ferro.

– Você mora ao lado de um cemitério? – perguntou, de queixo caído.

Segurava a maçaneta com força, como se fosse ser lançada para fora do veículo.

– Vizinhos tranquilos! – gritou sua tia-avó para que Kai conseguisse ouvi-la acima de uma música de Jay-Z que tocava no rádio em altíssimo volume.

A velha picape cuspiu cascalho quando Lavinia freou de supetão. Inclinou-se sobre o volante e olhou para Kai.

– E ninguém reclama do que eu escuto. – Lavinia

aumentou o volume ainda mais, cantando junto com o rap, e então desligou o rádio, dando uma piscadela para Kai. – As pessoas por aqui gostam de música country, mas eu não suporto.

– É – disse Kai, pois achou que deveria falar alguma coisa. Conversar não era bem o seu forte, na verdade.

– Você gosta de música country? – quis saber a tia-avó.

– Hum, não.

– Que bom, porque você não vai ouvir muito isso lá em casa.

Lavinia abriu a porta do carro e pulou para fora. Com um movimento ágil, apoiou um pé sobre o pneu traseiro e se lançou por cima da beirada da caçamba, pegando a mala e o estojo de violino de Kai.

A garota não tinha a mesma habilidade. Com cuidado, abriu a porta e olhou para o cascalho da entrada para carros. Parecia que o chão estava a uns 10 metros abaixo dela.

– Quer que eu ajude você a descer, docinho? – gritou Lavinia enquanto subia os degraus da frente da casa.

– Já estou indo.

Agarrando-se à porta, Kai saltou e aterrissou de um jeito estranho, meio rodopiando, meio tombando. Limpou a poeira das mãos e bateu a porta da picape, dando uma palmadinha no carro antes de se dirigir às pressas para a casa.

E que casa!

Tinha um telhado alto e pontudo e, na frente, uma varanda que estava quase sendo engolida por trepadeiras e arbustos descontrolados. Uma imensa planta cheia de flores escapara por pouco da invasão das trepadeiras. Tudo parecia se encaixar de um jeito meio torto, como se a casa tivesse chegado tarde e desarrumada de uma festa daquelas. Uma cerca já velhinha contornava a propriedade e um portão um tanto curvado rangia com qualquer ventinho. O lugar parecia

ter saído de um livro, mas não um que fosse muito divertido. Estou falando daqueles em que as crianças são devoradas no final.

No fim da trilha havia uma caixa de correio corcunda, com um sobrenome pintado em elegantes letras prateadas: *Quirk*.

Significa “incomum”... Combina bem, pensou Kai.

Até agora, a tia-avó Lavinia parecia ser mesmo um pouco... incomum.

“Seu pai sempre a chamou de ‘tia Lavinia’, mas na verdade ela é prima do seu tataravô, então a esta altura deve ter uns 80 ou 90 anos”, explicara a mãe de Kai, Schuyler, pouco antes de colocar a menina no avião. “É bem provável que ela precise de ajuda em casa, pois a pobrezinha deve estar frágil, coitada. Você vai tentar ser prestativa, não vai?”

A tia-avó era frágil como um tanque de guerra. Kai nunca fora boa em calcular a altura das pessoas, mas podia garantir que Lavinia media mais de 1,80 metro. Carregava a mala da sobrinha como se fosse uma bolsinha.

Para Kai, a tia parecia ter uns 60 anos, mas a mãe acertara: Lavinia faria 87 no fim do verão. Tinha algumas rugas nos cantos da boca e dos olhos e os cabelos eram grisalhos e longos, quase até a cintura, amarrados numa trança. Ela usava calça jeans, não aquela típica de vovó, mas uma escura bem justa, além de tênis All Star vermelhos. Anéis turquesa extravagantes enchiam seus dedos das mãos. Lavinia gostava de andar na moda, apesar de ser meio rechonchuda e ter um olho maior que o outro.

Essa mulher, pensou Kai enquanto andava atrás da tia-avó, *com certeza não precisa da minha ajuda em casa*.

Ela hesitou na porta por um instante, mas Lavinia já estava subindo a larga escadaria de madeira, gritando:

– Seu quarto fica aqui em cima, docinho!

Kai a seguiu, mas não se apressou. Deslizou a mão pelo

corrimão escuro. Era do tipo que ela sempre desejara: perfeito para descer escorregando. O prédio onde ela morava com os pais era cinza e quadrado, com um elevador pouco confiável.

No topo da escada, Kai deparou com um longo corredor.

– Este aqui é o quarto de hóspedes – soou a voz de Lavinia do quarto à direita.

Kai a seguiu e entrou num adorável quarto branco, com uma cama de madeira escura de quatro colunas que combinava com a cômoda. Um espelho antigo refletia uma luminosidade tênue, e estantes apinhadas de livros ocupavam uma das paredes. Havia uma poltrona bem acolchoada no canto, perto da janela com vista para o gramado da frente.

Em casa, Kai dormia num colchão no chão e mantinha as roupas em enormes caixas organizadoras de plástico. Sua mãe nunca achara necessário gastar dinheiro com móveis – cada centavo economizado ia para a poupança da faculdade de Kai. Para a garota, o quarto da casa da tia-avó parecia ter saído de uma revista de decoração ou de um sonho.

– Tem mais dois cômodos aqui em cima. Meu quarto fica do outro lado do corredor e o outro é o escritório. – Lavinia olhou ao redor, em busca de um bom lugar para deixar a mala. – Este aqui provavelmente vai adorar ter um hóspede.

– É bonito – disse Kai.

– Não é? – A tia-avó pôs a mala ao lado da cama e se voltou para a menina. – Bem, não sei direito como dizer isso, então vou falar de uma vez. Se você ficar magoada, paciência. – A mulher enfiou os polegares nos bolsinhos da calça jeans. – Eu nunca tive filhos. Nem marido. E não foi por falta de oportunidade. Eu é que nunca quis. – O olho maior ficou mais saliente e as sobrancelhas se arquearam.

– Certo...

– Eu não sei o que fazer com crianças.

– Nem eu.

Lavinia inclinou a cabeça imaginando se a sobrinha estava caçoando dela ou não. Kai não estava. Ela não entendia as crianças. Nem elas a entendiam.

Ao contrário das colegas, não ligava muito para fofocas, paqueras ou gritinhos por causa do mais novo cantor ou ator adolescente. De qualquer forma, ela nem tinha *tempo* para os amigos. Não mesmo.

Isso era algo que ninguém entendia: Kai tinha algo mais importante do que os amigos. Tinha um objetivo. *Ou, pelo menos, pensou ela, costumava ter.*

Na última semana de aula antes das férias de verão, espalharam folhetos por todo o corredor da sexta série: *A Premiação Secreta de Cedar Creek!* Anika Walters levou o troféu de Garota Mais Gostosa, é claro; o Sr. Anderson foi eleito o Professor Mais Gostoso (uma surpresa); Claire McGowen ganhou o prêmio Mais Propenso a Roubar uma Loja de Conveniência, coisa que ela já devia até ter feito; e Kai Grove foi escolhida a Mais Esquisita (ai, ai).

Quando viu a lista, a diretora surtou e disse que a excursão ao parque de diversões seria cancelada a menos que alguém confessasse o feito ou delatasse a pessoa que organizara a premiação. E, assim, Kai foi insultada publicamente e punida com o restante da turma, o que, segundo a diretora, “deveria ensinar a todos uma valiosa lição sobre a vida”.

– Muito bem, docinho. – Lavinia deu um tapinha no braço de Kai. – Então vou apenas fazer... o que eu faço. Não vou me preocupar em tornar tudo divertido.

– Legal. Excelente, na verdade.

Lavinia ficou imóvel por um momento. Kai também. A casa era enorme e silenciosa.

– Está certo – disse a tia-avó, por fim. – Tem comida na geladeira. Não compro refrigerantes nem porcarias. Se você

quiser essas coisas, vá até o supermercado.

– Sozinha?

– Por que não? Você tem 12 anos, não tem? Eu ia na rua sozinha com 5 anos.

Pensar em andar desacompanhada por uma cidade que ela não conhecia fez Kai sentir uma comichão. Sentia-se ferver, como uma lata de refrigerante que foi agitada.

– Onde fica o supermercado?

– A cinco quarteirões. – Lavinia apontou o polegar por sobre o ombro, na direção da janela atrás dela, com vista para o pátio. – Você pode ir aonde quiser, desde que esteja em casa para o jantar. Não quero ter que ligar para a sua mãe e dizer que não sei onde você está.

Excelente argumento, pensou Kai, sentindo um arrepio descer até os dedos dos pés e subir até as pontas dos cabelos.

– A que horas é o jantar?

– Às seis.

– Posso explorar a casa?

– Fique à vontade.

Lavinia mexeu na cortina por um instante e saiu do quarto.

Kai se voltou para a bagagem.

– Pare de olhar para mim – murmurou, cutucando o estojo do violino com o pé. Empurrou-o para dentro do armário e fechou a porta.

Soltando um suspiro, ergueu a mala e a colocou numa mesa baixa, mas não a abriu. Ficou de pé ao lado da janela, apenas sentindo o cheiro do quarto. Era o aroma de coisas limpas e velhas. O lençol branco estava perfeitamente estendido na cama. Foi até a estante e observou os livros. Não parecia haver nenhuma ordenação: exemplares de bolso e de capa dura estavam misturados, um título sobre arte ao lado de suspense barato.

Um livro de capa de couro e letras douradas gravadas na lombada atraiu seu olhar. *O cadáver excêntrico*, dizia. Kai o pegou. Não se importava com títulos assustadores. Até que gostava, na verdade.

Na capa, o título estava impresso em baixo-relevo dourado, com aquela grafia rebuscada que as pessoas de hoje acham antiquada. Logo embaixo havia a imagem da mão de um esqueleto segurando uma pena de escrever. Em vez do nome do autor, havia o registro Cadáver Excêntrico S/A, Kalamazoo, Michigan.

Kai folheou o livro, mas as páginas grossas, com as bordas de acabamento dourado, estavam em branco. *Hum*, pensou, *que estranho*.

Ao examiná-las novamente, com mais cuidado, Kai percebeu que havia uma página com o título (de novo sem o autor) e outra de texto.

Saudações! Bem-vindo a O cadáver excêntrico! Assim como naquele antigo jogo em que uma pessoa desenhava uma cabeça, dobrava a página, outra desenhava um corpo, depois uma terceira desenhava as pernas e assim por diante, você dará vida à sua própria criatura. Você está prestes a embarcar numa viagem mágica, muito além de sua inteligência, imaginação e fé! Basta uma pessoa com a ousadia de pôr a história em movimento!

Que comece a magia!

Abaixo disso, o nome Ralph T. Flabbergast estava escrito numa linda caligrafia.

Havia algo naquele livro que trouxe de volta a excitação de Kai. Mas foi aí que ela fez uma coisa que nunca entendeu direito. Tirou uma caneta do bolso e, depois de *Ralph T. Flabbergast*, ela escreveu: *era um perfeito idiota*.

Kai olhou para a página e sentiu o medo arrepiar sua pele. *Eu não deveria ter feito isso*, pensou. *Foi indelicado*. Não que

Ralph fosse se importar: tinha morrido fazia quase cinquenta anos.

Ela fechou o livro e o colocou de volta na estante. Ficou olhando as letras douradas da lombada por um momento e depois se virou.

Lá fora, o sol brilhava alto e forte. Kai tinha passado quase quatro horas enfiada num avião, o que a deixara inquieta. Não havia motivo para ficar dentro de casa. Então decidiu sair para explorar a vizinhança.

Foi seu segundo erro.



CAPÍTULO DOIS

Leila

NÃO ERA UM CÔMODO GRANDE, mas, para Leila, era o mais elegante do mundo. Ela nunca havia estado numa biblioteca particular antes. O que chegava mais perto disso na casa dela era o porão, onde havia uma estante de livros meio bamba, uma televisão e uma mesa de pingue-pongue caindo aos pedaços. A mãe preferia ler no Kindle. O pai só lia artigos na internet. Não eram pessoas românticas. Leila duvidava que eles conseguissem dar valor a um lugar refinado como aquele. Ficou se perguntando se todo mundo no Paquistão teria uma biblioteca em casa.

É, você ouviu bem: Paquistão.

Eu sei, eu sei, você deve estar pensando: *Como assim? Estávamos nos Estados Unidos ainda agora! Esta narradora perdeu a cabeça? Por que está começando uma história diferente?*

Bom, isso é problema meu. Talvez você acabe descobrindo.

Ou talvez não.

Tudo depende de você, certo?

As paredes eram curvas, como se a biblioteca ficasse

dentro de uma torre, e havia um lugarzinho encantador para sentar em frente à janela que dava para o jardim. Livros de capa dura forrados em couro e tecido, enfileirados como soldados, ocupavam as prateleiras de madeira escura. Uma imensa escrivaninha de madeira, ricamente entalhada com leões e homens de turbante montados a cavalo, se encontrava em um dos lados da janela. *Eu seria capaz de escrever um livro nessa escrivaninha*, pensou Leila. *Um livro daqueles bem grossos!*

Aquilo tudo era antiquado, charmoso e totalmente diferente do que ela estava esperando. Sentia-se como uma princesa ou como uma das personagens de sua série de livros preferida, As Irmãs Amadas. Aliás, ela se sentia *exatamente* como Elizabeth Amada – estudiosa mas, ainda assim, linda – na história em que as duas meninas iam para a Inglaterra e ela se apaixonava por alguém que *pensava* ser o garoto do estábulo e que, na verdade, era o filho de um duque.

– Ah, como eu *amo* bibliotecas! – disse Leila em voz alta, com um sotaque inglês terrível, pensando em quanto adoraria viver uma aventura como a de Elizabeth.

E no Paquistão talvez ela pudesse! Ali teria alguma chance, mas em casa, no subúrbio, era impossível.

Leila percorreu as prateleiras na esperança de descobrir alguns livros *bons*. A maioria parecia terrivelmente entediante, do tipo que sua irmã mais nova e “academicamente notável”, Nadia, gostava de ler. *A profundidade do rio. Tom Wickersham. Os documentos de Pealbur.*

Tão extraordinária a irmã dela, exclamavam todos. *Tão talentosa! Nadia Awan é a menina mais brilhante da escola!*

Humpf, pensou Leila. *Nadia Awan é tão sem sal...*

Ela chegou ao fim de uma das prateleiras e um título atraiu sua atenção: *O cadáver excêntrico.*

Um cadáver parece promissor, pensou. Gostava de

mistérios, principalmente se o detetive da história fosse mulher. Estendeu a mão para pegá-lo, mas hesitou. Afinal, aquela não era a sua casa. Era a casa do tio, mas ele provavelmente não se incomodaria. *Mas... e se ele se importar? Talvez fosse melhor perguntar...*

– Sim ou não, menina? Não fique aí parada feito uma ovelha indecisa!

Leila soltou um gritinho, rodopiando.

– Q-q-quê? – gaguejou, fitando o homem que aparecera subitamente atrás dela.

Ele comprimiu os lábios, apontando para a estante com o bigode grisalho. Vestia um terno marrom de três peças e chapéu-coco da mesma cor, e definitivamente não era o seu tio. Leila ficou de queixo caído, tentando compreender como ele tinha chegado ali, com aquela roupa, aquele sotaque, tudo ao mesmo tempo. Como seu raciocínio era meio lento, o homem parecia ter falado algo como: “Non ficaí parada feituma oveia indicisa!”

– Desculpe, eu não falo urdu – informou Leila.

– Pelo amor de Deus! – bufou o velho, ajustando a gravata azul. – Não consegue reconhecer inglês? Idiota!

– O quê? – perguntou Leila novamente.

Ela só tinha entendido as palavras “inglês” e “idiota”.

O homem se inclinou sobre a bengala e a encarou com os olhos escuros e reluzentes.

– Não fique aí parada feito uma tonta – disse ele, bem devagar. – Se quer o livro, então pegue logo!

Depois que ele diminuiu o ritmo, as palavras enfim ativaram algo no interior do cérebro de Leila.

– Ah! – exclamou ela. – Você está *mesmo* falando inglês.

O homem a fitou com menosprezo.

– Se quer um livro – repetiu ele vagarosamente –, pegue o livro.

– Não é que eu queira um livro.

Ele bufou.

– É claro que quer.

O homem deu batidinhas no chão com a bengala de cabo prateado. Leila voltou a olhar para o livro. E olhou para o velho. Não fazia ideia de quem ele era, mas tinha certeza de uma coisa: não morava naquela casa. No dia anterior, todo mundo tinha ido buscá-la no aeroporto de Lahore: o tio, Babar Awan, a esposa dele e os três filhos. Agora, na biblioteca da família, estava um velho trajando um terno marrom. *Será que tenho que ligar para a polícia?*, pensou. Aliás, qual é o telefone da polícia no Paquistão? (Para você ficar sabendo: o número é 1122. Mas, de qualquer forma, se você não lembrar e tiver uma emergência no Paquistão, é só gritar bem alto.)

Então ela teve a brilhante ideia de gritar bem alto, mas Samir – o primo só cinco meses mais velho do que ela – entrou e foi logo dizendo:

– Ah, oi, Leila. Então você já conheceu Mamoo.

Mamoo é a palavra em urdu para “tio”. Na verdade, significa “irmão da minha mãe”. Há uma palavra diferente para “irmão mais velho do meu pai” (*taya*) e para “irmão mais novo do meu pai” (*chacha*). No caso da mãe, é apenas *mamoo*.

E aquele *mamoo* parecia irritado.

– Ela está com vergonha de pegar um livro!

Leila se sentiu acuada.

– Você gosta de que tipo de livro? – perguntou Samir.

– Na verdade, eu não queria...

– Onde está o seu pai? – perguntou Mamoo para Samir, estreitando os olhos. – Aquele homem vive me ignorando.

– Está no trabalho, Mamoo. Hoje é quarta-feira. Ele vai chegar em casa na hora do jantar.

– Ah, na hora do jantar, é?

Mamoo acariciou o bigode. Leila achou que ele parecia

não acreditar naquilo, e posso dizer que não acreditava mesmo.

– Eu volto às nove em ponto. Mas não digam a ele que eu venho! – esbravejou ele e olhou feio para Leila.

– *Eu* é que não vou contar – disse ela.

– Ele não está evitando você, Mamoo! – exclamou Samir pelo corredor, enquanto o homem saía.

O velho balançou a bengala, mas não olhou para trás.

Samir encarou Leila. Empurrou os óculos retangulares para o topo do nariz. Uma das sobrancelhas escuras e grossas ficava permanentemente arqueada, como se ele estivesse sempre debochando do mundo. Muitas vezes acontecia de as pessoas se ofenderem com aquela expressão. Agora, Samir observava os cabelos de Leila, que logo começou a alisá-los.

– Que tipo de livro você estava procurando?

– Eu... eu só...

Leila corou um pouco sob o olhar de Samir. Se ao menos fosse Elizabeth Amada! Ela com certeza pensaria em algo perspicaz e inteligente, nem um pouco presunçoso, para dizer. Até Nadia poderia tirar da cartola uma Citação Memorável de um Grande Escritor sobre a Importância da Narrativa.

Mas Leila não era nem Elizabeth Amada nem Nadia.

– Eu gosto de todo tipo de livro – respondeu ela. – Não estava procurando nenhum em especial.

– Você pode pegar o livro que quiser – afirmou Samir.

O pai de Leila era do Paquistão e um aspecto da cultura ela conhecia bem: se alguém achasse que você queria algo, fosse uma panqueca ou uma barra de ouro, a pessoa insistiria até que você aceitasse. Ficaria insistindo *para sempre*. A hospitalidade paquistanesa é uma força irresistível e inabalável. Havia somente uma forma de resolver o problema. Ela tirou *O cadáver excêntrico* da prateleira e murmurou um

“obrigada”.

Ficaram em silêncio por um momento, tão imóveis quanto as estantes da biblioteca.

– Você gosta de ler? – perguntou Samir, por fim.

– Claro. Eu leio o tempo todo.

– A arma de Kim está em exposição aqui em Lahore, se você se interessar. – O rosto de Leila continuou inexpressivo, então ele adicionou: – *Kim*, de Rudyard Kipling. Ele morava aqui em Lahore. Você já leu esse livro?

– Não.

– Ah. E *O livro da selva*? E *Histórias assim*?

– Eu conheço *O livro da selva* – respondeu Leila.

Ela não queria admitir que nunca tinha ouvido falar de Kipling. Sempre pensara que Walt Disney tinha escrito *O livro da selva* e adaptado para o cinema com o título *Mogli – O menino lobo*.

– A gente tem que ler Kipling na escola, já que ele morou aqui e ganhou o prêmio Nobel. Qual foi o último livro que você leu?

– *Mais doce que açúcar* – disse Leila. Era o 32º livro da série das Irmãs Amadas. – É muito bom – acrescentou, pensando se soara tão inteligente quanto Elizabeth Amada.

– Com certeza é – comentou Samir com aquela sobranceira arqueada. – A gente pode ir ver a arma, se você quiser.

Leila sentia tanta vontade de ver uma arma que tinha pertencido a Kipling quanto de catar uma bola de pelo vomitada pelo gato dela, Steve. Mas os olhos castanhos de Samir brilhavam e ela percebeu que se tratava de algo importante no Paquistão, então deveria demonstrar entusiasmo.

– Claro. Parece legal.

Leila detestava magoar as pessoas.

– Ah, por falar nisso – acrescentou Samir quando ela começava a se afastar –, Rabeea estava procurando você mais cedo. Acho que ela e minha mãe vão levá-la para fazer compras. Disseram que você queria um *salwar kameez*.

– Sim! – exclamou Leila. – Eu adoro as roupas paquistanesas, mas nunca tenho oportunidade de usar lá em casa. Onde está Rabeea?

Samir explicou como chegar à sala de estar e ela saiu correndo. Quando virou a esquina, quase trombou em alguém.

– Ai, desculpe! – arquejou Leila.

Era Chirragh Baba, o cozinheiro. Ele disse algo ríspido em panjabi. Tinha o rosto envelhecido, com rugas profundas que desciam do narigão até a boca franzida, como se ele houvesse fechado a cara muitas vezes na vida – e havia mesmo. Os cabelos tinham um tom de laranja escuro – grisalhos tingidos de hena – e os olhos pretos pareciam dois poços sem fundo. Eram olhos vazios. Leila conhecera Chirragh na noite anterior e ele não fora muito receptivo.

“Quanto tempo ela vai ficar?”, perguntara, fazendo cara feia. Ele falara em panjabi, claro, mas Wali, de 7 anos, fizera o favor de traduzir para Leila.

Agora os olhos de Chirragh cintilavam como os de um animal prestes a dar o bote. Era seu olhar característico. Parecia o mordomo malvado do Superespecial nº 8 de *As Irmãs Amadas: O caso do castelo arrepiante*. Aquele cara era mesmo um pesadelo.

– Hum, desculpe – murmurou Leila pela segunda vez.

Fitou seus pés, evitando aquele olhar sombrio e perturbador.

Chirragh não falou mais nada e continuou descendo as escadas mancando, apoiando-se na perna forte, a direita.

Leila ergueu a cabeça e observou-o se afastar. *É melhor eu ficar de olho nele*, pensou, meio que torcendo para que ele

fosse mesmo um grande vilão – talvez roubasse colheres ou espalhasse boatos. Aquilo poderia lhe abrir uma porta para várias aventuras!

Ela foi até o próprio quarto e colocou o livro na beirada da cama. *O cadáver excêntrico. Definitivamente um mistério*, julgou ela. Leila sabia que Elizabeth Amada não estaria nele, mas mesmo assim tinha esperança de que fosse ao mesmo tempo romântico e assustador.

Mal podia esperar para começar a ler.



CAPÍTULO TRÊS

Kai

KAI NÃO DEVERIA TER ido ao supermercado. Como eu disse, esse foi seu segundo erro. Teria tido uma aventura de qualquer jeito – escrever no livro garantia isso.

Mas teria sido menos divertido. Enfim, ela acabou indo ao supermercado mesmo.

Eram cinco *longos* quarteirões. Na sarjeta, Kai viu uma rã que fora atropelada e tinha secado no calor texano. Eu chamo isso de carne-seca de rua. Uma brisa densa acariciava a nuca suada da garota. A grama da entrada das casas estava tão ressecada que parecia palha.

Pela calçada, os chinelos de Kai faziam *shlep-shlep-shlep* conforme ela andava. Era a única pessoa na rua. Os outros estavam trancados nos carros, respirando ar condicionado, como se estivessem tão habituados ao calor de verdade que não queriam perder tempo lutando contra ele.

Parou no sinal e olhou para a rua, para onde o asfalto encostava no céu. Estava tão quente que o piche que preenchia as ranhuras da rua tinha derretido e ficara mole como cera de vela. Quando o sinal vermelho se acendeu, ela atravessou correndo o cruzamento. Aquele piche seria capaz

de agarrar no chinelo e arrancá-lo de seu pé. Aí ela teria que correr no meio do trânsito para pegá-lo de volta. E provavelmente seria atropelada por uma caminhonete, o que transformaria esta história numa outra completamente diferente. Bem menor, aliás.

Kai atravessou o estacionamento e chegou à calçada larga que contornava o centro comercial. Ali estava o supermercado. O lar dos refrigerantes e dos biscoitos. E com ar-condicionado. O paraíso para o tipo de garota que nunca podia sair de casa sozinha – o tipo de garota que ela era. Kai até cogitou comprar *dois* pacotes de salgadinhos! Para você ver como aquela aventura era importante.

Dois suportes de jornais faziam sentinela do lado de fora da porta dupla de vidro. Em torno de um deles, havia uma coleira de cachorro frouxa. Arfando à sombra da marquise do centro comercial, estava um chihuahua branco e marrom deitado, parecendo exausto. Sua pequena língua pendia da lateral da boca e as costelas douradas subiam e desciam em ritmo acelerado.

– Oi, fofinho – disse Kai, abaixando-se.

– Você não devia brincar com os animais dos outros.

Kai ergueu o olhar. Uma menina de cabelos pretos cacheados e o rosto salpicado de sardas esticou a cabeça por trás de uma coluna de estuque.

– Sua mãe nunca ensinou isso? – questionou ela.

A pergunta pesou em Kai como uma bigorna. Em primeiro lugar, sua mãe *tinha* dito aquilo. Mas a mãe nunca a deixava fazer *nada*. Segundo, essa garota se parecia com as Coelhinhas, as meninas bonitinhas da escola que sempre achavam que sabiam tudo mas, na verdade, tinham cérebros que mais pareciam terrenos baldios. E, terceiro, o cachorro era *minúsculo*. Devia pesar mais ou menos meio quilo! Quanto estrago seria capaz de fazer?

Kai ignorou a menina sardenta e tocou a ponta da orelha do cãozinho.

O chihuahua estourou feito um rojão! Rosnou e investiu contra Kai, que soltou um grito e caiu para trás, de bunda no chão. O cachorro latia como se estivesse sendo atacado por um tubarão.

Uma mulher de vestido havaiano passou correndo pela porta eletrônica, gritando:

– Taco! Taco!

Mas Taco já tinha avançado até onde a coleira permitia e cravara os dentes na bainha da calça jeans de Kai.

– Tire o cachorro de cima de mim! – gritou Kai.

– Taco! – A cabeleira loira gigante da mulher tremia a cada berro que ela dava. – Taco!

A menina sardenta agarrou o cachorro pela nuca e deu uma boa sacudida nele até que o animal soltasse a calça. Em seguida, entregou-o à mulher.

– Ah, Taco, seu malcriado! – repreendeu a mulher, que, com carinho, afundou o nariz no pelo dele. Ela se virou para Kai e berrou: – Por que você foi provocar o meu cachorro?

– Por que você deixou um cachorro perigoso assim aqui sozinho? – contestou a sardenta. – Taco precisa usar uma focinheira. Meu pai é advogado. Você tem sorte se não for processada. Aposto que o Taco já fez isso antes, não fez?

A mulher do cabelo gigante bufou e saiu andando, resmungando para Taco, que lambia o pescoço dela.

Kai se levantou e, sem dizer nada, observou a mulher se espremer no carro. O cachorro ficou com a cabeça para fora da janela. Em seguida, ela virou-se para a menina das sardas.

– Eu sou a “Doodle” – disse a menina. – E de nada.

Kai já ia agradecer, mas ficou irritada de novo. As Coelhinhas sempre tinham apelidos engraçadinhos e aquela não era exceção.

– Por que Doodle? “Rabisco”? Você é artista ou algo do tipo?

– Eu nasci no dia 4 de julho, Dia da Independência.

Kai franziu a testa.

– E daí?

Doodle começou a cantarolar a melodia da música “Yankee Doodle”, enfatizando as ocorrências da palavra “Doodle” na letra.

– Ah – disse Kai, sentindo-se ainda mais irritada e idiota do que antes. – Bom, enfim, obrigada por me salvar daquele chihuahua.

Doodle deu um sorrisinho torto. Tinha uma boca irrequieta e esses sorrisos eram meio cômicos. Todos pensavam isso, não só eu.

– O que é tão engraçado?

– Será que tem um cartão de agradecimento por aqui? “Obrigada por me salvar daquele chihuahua.” Tipo, com uma rosa, letras douradas rebuscadas e um poeminha dentro?

– É, deve vender bastante – respondeu Kai. – Pelo menos aqui. Bom, a gente se vê por aí.

Ela se virou para as portas. O sensor de movimento a identificou e as abriu, e Kai recebeu uma rajada de ar frio no rosto.

– Ei! – chamou Doodle. – Qual é o seu nome?

Por um momento, Kai ficou tentada a fingir que não tinha ouvido. Sua mãe sempre dissera que não devia revelar seu nome a estranhos. Por outro lado, achava que dificilmente encontraria aquela garota outra vez, então que diferença fazia?

– Kai! – gritou um instante antes de as portas se fecharem atrás dela.

Doodle deu um sorriso engraçado e torto para ela através do vidro.

Kai não sabia o que pensar daquele sorriso. Ainda. Mas eu tinha certeza de que ela o desvendaria.

Para voltar, deveria fazer a mesma longa caminhada na direção contrária, só que dessa vez não haveria mais nenhum ar-condicionado. Kai estava circulando pelas estantes de revistas até que o assistente magricelo e cheio de espinhas foi até lá e as reorganizou como se tivesse que protegê-las.

Então Kai deu uma volta pelos corredores, e o mesmo assistente começou a segui-la, observando seus bolsos com desconfiança. Por fim, ela se convenceu de que estava na hora de sair dali.

Kai sentiu o ar frio evaporar de sua roupa assim que a porta se abriu. O canto das cigarras fazia o ar vibrar. Kai seguiu em direção à casa de Lavinia e constatou que a leve tontura deixada pela viagem de avião tinha desaparecido. Caminhar havia ajudado.

Ela ouviu a discussão antes de vê-la acontecendo. Quando estava a poucos passos da casa de Lavinia, Kai viu, por incrível que pareça, a menina sardenta de cabelos encaracolados encarando um garoto que tinha um sorrisinho malicioso no rosto e os olhos duros como aço.

Ele era mais alto que Doodle e, por mais que Kai não quisesse admitir, bonito. Usava roupas largas, bem na moda, que pareciam novas. Tudo nele parecia dizer “EU SOU RICO”, assim mesmo, em maiúsculas. O garoto estava segurando alguma coisa. Um pote.

– Devolva, Pettyfer – exigiu Doodle, mas num tom de voz de quem já perdera as esperanças. – Você vai estragá-lo.

– Estragá-lo? – Ele riu, sacudindo o pote. – Já está todo ruim mesmo. E para que você quer isso?

O garoto sacudiu-o de novo. Kai percebeu que havia um

Kai olhou para ela.

– Ele não esperava por isso – explicou ela.

– *Ninguém* esperava por isso – retrucou a menina. – Nunca.

– Sua borboleta está bem? – perguntou Kai quando Doodle se abaixou para pegar o pote.

Como era de plástico, não tinha se quebrado quando Pettyfer o largara.

Doodle ergueu o pote.

– É uma mariposa. E já estava morta quando a encontrei. – Balançou a cabeça. – Queria ver se conseguia identificá-la, mas agora é tarde demais.

Ela desenroscou a tampa e virou o pote de cabeça para baixo, deixando a mariposa cair no chão feito um chumaço de algodão, e não algo que tinha vivido, respirado e voado.

– Quem era aquele garoto e por que ele estava tentando roubar a sua mariposa morta? – perguntou Kai. – E por que você estava andando por aí com uma mariposa morta, para começo de conversa?

– Eu sou lepidopterologista.

Kai pensou um pouco.

– Isso é contagioso?

Doodle não chegou a rir, mas seus olhos se estreitaram como se ela talvez estivesse considerando fazer isso.

– É a pessoa que estuda borboletas e mariposas. Eu me dedico principalmente às mariposas.

– E isso é... interessante?

– Para mim, é.

– Entendi. – Kai olhou para a forma inerte na grama. Conseguia compreender por que as mariposas poderiam ser interessantes. Para a pessoa certa. – Por que aquele garoto estava tentando pegá-la de você?

– Porque ele gosta de destruir tudo que não entende, ou

seja, quase tudo.

Kai assentiu. Conhecia o tipo. (Quem não conhece?)

– Todo mundo na escola tem medo dele porque sua família é rica.

Doodle voltou a atarraxar a tampa no pote. As duas meninas foram para a calçada.

– Eles são os donos da fábrica de caixões – continuou.

– Fascinante.

Doodle deu de ombros.

– Eles empregam metade da cidade, pelo que dizem. E sempre vão ter clientes, então...

– Certo.

As meninas se entreolharam. Kai estava começando a pensar que talvez Doodle não fosse uma Coelhinha, afinal de contas. As Coelhinhas eram bonitinhas por fora e vazias por dentro, como um ovo de Páscoa. Já Doodle parecia... sólida.

– Então... Quem exatamente é você? Onde você mora? – perguntou ela.

– Lá.

Kai apontou para a casa corcunda e esquisita, instalada lá em cima, ao fim do gramado, como se vigiasse sua propriedade.

– Na Quirk?

Era engraçado ouvir o sobrenome da tia-avó em voz alta, já que também significava *incomum*. Parecia que a casa inteira era incomum, o que fazia bastante sentido.

– Ela é minha tia-avó. Bem, na verdade, é prima do meu tataravô. Mas eu chamo de tia-avó.

– Nossa, eu não sabia que Lavinia tinha algum parente. Digo, algum parente vivo. – O tom de voz de Doodle parecia conter tanto surpresa quanto alívio. – Eu moro bem ali, do outro lado da rua.

Ela apontou para uma pequena casa de campo com o

gramado mais seco e malcuidado que Kai já tinha visto. Havia apenas um arbusto na frente: tão magrelo e espinhoso que só em sonho poderia desabrochar uma flor.

– Então acho que vamos nos ver bastante – comentou Kai.

– Talvez. – Doodle olhou para o pote. – Ei, o que você vai fazer depois do jantar?

– Nada. Por quê?

Kai estava torcendo para que Doodle quisesse ir ao cinema, pois adorava filmes. Ela e a mãe iam toda semana.

Doodle sorriu.

– Quer me ajudar a pegar uma mariposa?

Quando pensou naquilo depois, Kai não conseguiu entender por que tinha aceitado. Talvez porque ela e Doodle tivessem se identificado – uma salvara a outra de algo malévolos e ridículo. Ou talvez porque era difícil recusar a ideia de caçar algo que estava extinto desde 1882.

Isso mesmo. Doodle não queria achar qualquer mariposa. O objetivo era encontrar *aquela* mariposa. Uma que não existe: a mariposa-celestial. O último registro da espécie era de Falls River, no Texas, quando fora avistada por uma mulher chamada Edwina Pickle.

– Extirpação – explicara Doodle.

Kai franziu as sobrancelhas.

– Você sabe um monte de... palavras.

Kai também sabia um monte de palavras, mas *extirpação* era nova no seu vocabulário.

– Significa que está extinta, mas só por aqui. Ainda dá para achar essa mariposa em outras partes do mundo.

– Então o que faz você pensar que a gente vai achar uma aqui? Agora? – questionara Kai.

Doodle deu de ombros.

– É só um palpite. As coisas deixam de ficar extintas o tempo todo.

– Tipo o quê?

– Tipo o langur-cinzentos.

– Parece o nome de um prato sofisticado. *Eu gostaria de pedir um langur-cinzentos ao molho de ervas finas, por favor.*

– É um primata. Um macaco da Indonésia. Os cientistas achavam que estava extinto, mas aí alguns foram encontrados. Então talvez essa mariposa não esteja extinta afinal. De repente o problema é que ninguém está procurando por ela. – Doodle sorriu. – Quer dizer, ninguém a não ser eu. Então ninguém vai encontrá-la... a não ser eu. Estou com um bom pressentimento.

Kai teve que admitir que não devia haver mesmo muita gente por aí em busca dessa mariposa em particular. Ela mesma nunca tinha saído para procurar *nenhuma* mariposa nem ouvido falar de alguém que tivesse. Então concordou. Combinou de encontrar Doodle mais tarde se a tia-avó não visse problema na caça à mariposa.

Kai subiu até o quarto para descansar, ainda atônita com a sua (pequena) aventura.

Kai nunca tivera esse tipo de liberdade até então. Sua mãe sempre se comportava como se a cidade estivesse tomada por drogados e assassinos de crianças e não permitia que ela fosse sozinha nem até a padaria da esquina.

Pegou a mala (ainda não tinha arrumado as roupas) e a colocou em cima da cama. Ao abrir o zíper, notou que a ponta de alguma coisa saía de baixo do travesseiro. Afastou-o. Era um livro. Lia-se *O cadáver excêntrico* em letras rebuscadas douradas.

Que estranho! Ela não se lembrava de tê-lo colocado ali.

Abriu o livro e quase o largou na mesma hora.

Alguém havia escrito nele. Logo depois de *Ralph T.*

Flabbergast era um perfeito idiota, alguém acrescentara:

Sim, Ralph era um idiota. Mas ele não sabia disso.

Sabe, Ralph acreditava em magia. Acreditava de todo o coração. Desde que era criança, quando sua ome contava histórias mágicas de fadas e animais que falavam.

Ele amava muito a avó e chorou bastante quando ela morreu, embora tivesse apenas 3 anos e todos dissessem que era jovem demais para compreender o que a morte significava. Quatro anos depois, ainda se lembrava do cheiro da comida da avó e do que sentia enquanto a ouvia contar aquelas histórias.

Em uma tarde abafada, Ralph se arrastava pela calçada quente com uma moeda no bolso. Havia um problema: ele tinha somente uma moeda, mas muitas formas de gastá-la! O aroma dos pretzels recém-saídos do forno flutuou até ele. Os doces coloridos sorriam por trás da vitrine. Brinquedos e apitos, castanhas ou um filme. Era um tormento.

– Venham, venham! Quero ver se vocês conseguem encontrar a ervilha debaixo da casca mágica! O vencedor ganha o dobro! O que acha, juvenzinho?

O homem tinha nariz comprido e dentes grandes, e mais parecia um cavalo de cartola. Era impossível desconfiar de um homem com aquela aparência.

– O que é isso? – perguntou Ralph.

O homem explicou o jogo. Havia três cascas de noz e uma ervilha. Ele colocava a ervilha debaixo de uma das cascas e as embaralhava, para tentar confundir a pessoa.

– Você revela onde está a ervilha – disse o homem – e é o vencedor! Dobra o seu dinheiro!

Ralph observou as cascas dançarem para lá e para cá, por dentro e por fora, para a frente e para trás. Parecia mesmo uma dança. Uma dança lenta e delicada. Ele apontou para uma casca e o homem a virou. Ali estava a ervilha.

Isto é fácil!, *pensou Ralph ao entregar a moeda ao sujeito para tentar novamente.*

– *Está pronto?*

O homem fez as nozes dançarem. Ralph observou. Apontou. Ali estava a ervilha.

– *Um vencedor! – anunciou o homem. – Puxa, filho, isso foi incrível! A maioria das pessoas não consegue acompanhar a casca. Você tem um talento natural. Tem, sim!*

Ralph estendeu a mão para receber o dinheiro.

– *Você não quer mesmo tentar outra vez? – perguntou o homem. – Bom, eu seria um tolo se o deixasse fazer isso. Você vai tirar 10 centavos de mim, pode ter certeza. Não acredito que quer ir embora justo agora.*

O homem tirou a cartola e a segurou sobre o coração, revelando uma cabeça careca e sebosa, coberta de fios pretos desgrenhados.

Ralph riu. Ele nunca tinha sido bom em nada na vida!

– *Acho que vou jogar de novo.*

O homem pôs a ervilha debaixo da casca e fez as nozes dançarem. Cada vez mais rápido, como dançarinas enlouquecidas. Mas Ralph não tirou os olhos daquela casca. Ele sabia. Ele sabia. O homem parou. Ralph apontou. O homem levantou a casca. Não havia nada ali.

– *Sinto muito, filho – disse o homem. – Quer tentar de novo?*

– *Não tenho mais dinheiro.*

– *Puxa, que azar...*

Ralph foi tomado de emoção ao se encontrar ali parado, imóvel, observando o homem guardar as cascas. Eu sei o que você deve estar pensando: tristeza, sofrimento, desolação. Mas você está errado. Sabe, Ralph tinha visto algo. Algo que mudou sua vida. Quando o homem levantou as cascas, a ervilha não estava embaixo de nenhuma delas.

O mundo de Ralph saiu do eixo. O céu se abriu acima dele, revelando uma luz branca.

A moeda não tinha importância. Não tinha importância nenhuma.

Ele vira a magia acontecer.

Kai virou as páginas seguintes. Estavam em branco.

Fechou o livro com força. *Que diabo era aquilo?*

Como assim?

Como...

Foi Lavinia que escreveu, pensou. Só pode ter sido ela! Mas por quê? Para fazer graça?

Era improvável. Lavinia não parecia ser o tipo de pessoa que pregava trotes. Kai olhou ao redor, se perguntando se a tia-avó misteriosa estaria prestes a assustá-la ali mesmo. Foi andando até o armário na ponta dos pés. Respirou fundo e escancarou a porta de supetão. Mas não havia nada, exceto o estojo do violino, que estava lá no fundo, como uma sombra empoeirada.

Alguém entrou aqui escondido e escreveu uma história estranha enquanto eu não estava, pensou ela. Ou eu fiquei doida, escrevi tudo e esqueci completamente.

A imaginação é uma coisa muito criativa, não é? Kai fez um esforço danado para tentar dar sentido à história e entender como aparecera ali. Mas estava enganada o tempo todo.

É uma brincadeira, pensou. Uma brincadeira idiota. Fechou o livro e o largou na prateleira dentro do armário. Vestiu um casaco com raiva, ordenando a si mesma que parasse de pensar no livro. *Não pense nele*, dizia sua mente com firmeza. *Pense na mariposa. Ou na Doodle. Pense na Lavinia.*

Mas não conseguia. Sua cabeça foi completamente consumida por aquele livro e aquela história durante o resto

da tarde – na verdade, até a hora do jantar.



CAPÍTULO QUATRO

Leila

DO LADO DE FORA, a cidade de Lahore estava às escuras. Às escuras *mesmo*, pois havia faltado luz. Para economizar energia, o governo local tinha instituído uma “redução de carga”: apagões programados para acontecer durante as horas mais frescas do dia. Dentro da casa dos Awan, porém, os cômodos estavam bem iluminados e alegres, graças aos geradores que zumbiam no quintal.

Leila inalou o aroma pesado de *masala*, entrecortado pelo cheiro forte de *gobi* e do *parathas* quente e gorduroso, como um cobertor áspero. Ela conhecia a maioria das receitas do que havia no seu prato, mas não todas, e estava determinada a provar tudo – até aquela coisa verde. Fazia parte de ter uma “experiência cultural autêntica”, expressão que Leila tinha lido naquela tarde no blog da irmã.

Nadia estava no Quênia, participando de um programa para meninas do ensino médio com desempenho excepcional em ciências. Ela estava estudando os elefantes e ajudando a construir uma biblioteca em uma vila de quenianos muito fotogênicos, retratados em seu blog no momento em que se reuniam em torno dela para a ouvirem tocar violão.

Não era fácil ter uma irmã mais nova na mesma série que você. Por mais que o blog fizesse Leila se sentir mais próxima dela, também lhe dava vontade de estrangulá-la. Nadia tinha sempre que bancar a irmã fascinante, não é?

Leila teve a ideia de começar um blog também. Mas precisaria da ajuda de Nadia para configurá-lo. Além disso, a conexão de internet da casa da família Awan era muito instável, então teria que esperar até voltar para sua casa de verdade. Ainda assim, poderia fazer anotações. Leila deu uma mordidinha na coisa verde. Picante... picante... superpicante! Bebeu um copo d'água, mas de nada adiantou.

Título para o primeiro post: Picante!

De vez em quando, Chirragh entrava na sala mancando e servia mais um prato. Leila observou que ele só tinha duas expressões faciais: Cara Amarrada e Cara Amarrada Furiosa. Por outro lado, era assim com todo mundo, o que a reconfortava ligeiramente. Ninguém da família Awan parecia se importar ou notar. Mal registravam a existência de Chirragh, muito menos seus sentimentos.

– Estou com calor – comentou Rabeea, ajustando a diáfana *dupatta* azul que levava dobrada sobre os ombros. Abanava-se dramaticamente, fazendo as mangas da blusa se agitarem.

– O ar-condicionado está ligado – disse a tia, Jamila Tai. – Leila, querida, experimente a *gobi*.

Leila não era lá muito fã de couve-flor, mas aquela era macia e pouco apimentada, tão deliciosa que a fez cogitar incluir receitas no blog.

– Não dá para ficar mais frio? – questionou Rabeea. – Aqui está sempre abafado. Você não está com calor, Leila?

– Eu estou bem – respondeu ela, sentindo uma gotinha de suor deslizar pelas costas.

– Está confortável, Leila? – O tio pousou os talheres na

borda do prato. – Com certeza aqui faz mais calor do que na sua casa. Posso pedir que o Chirragh deixe mais frio. – Olhou ao redor, procurando o cozinheiro.

– De verdade, Babar Taya, eu estou bem.

– *Eu* estou com calor! – exclamou Wali.

Ele tinha 7 anos. Ninguém prestava atenção nele.

– Ela só não quer incomodar vocês – disse Rabeea para a mãe.

– Rabeea. – A voz de Jamila Tai era de advertência.

Leila estava torcendo para que o suor debaixo dos braços não manchasse o *salwar kameez* rosa que usava. O passeio daquela tarde fora meio frustrante. Rabeea e a mãe levaram Leila a uma loja de tecidos, insistindo que ela encomendasse o que quisesse. Ela havia pesquisado um bocado na internet e escolhido seus modelos preferidos, mas, toda vez que apontava para um tecido e descrevia o que queria, Rabeea dava um sorrisinho de zombaria.

– Não está muito na moda ultimamente – explicava, para logo depois acrescentar: – Mas você devia comprar, se é isso que quer.

Leila não tinha viajado até quase o outro lado do mundo para correr o risco de ser considerada cafona.

Então saíram dali e foram até uma loja de roupas, o que culminou numa discussão muito educada entre Rabeea e a mãe sobre o fato de Leila usar manga curta ou não.

– Não é apropriado – disse Jamila Tai, franzindo a testa, ao ver o vestido azul brilhante que a filha pegara.

– Ela é americana – retrucou Rabeea. – Pode usar o que quiser. Além do mais, todas as garotas estão usando vestidos sem manga.

Jamila Tai sorriu.

– Isso definitivamente não é verdade – retrucou ela, entre dentes.

– É, sim. – Rabeea falou com voz doce, mas estreitou os olhos. – Você quer que ela use *hijab* também?

Isso durou algum tempo. Leila apenas observava. Era o mesmo tipo de discussão que muitas vezes sua irmã tinha com a mãe a respeito de celulares. Leila sabia que não valia a pena se envolver.

Nem mesmo tinha energia para argumentar, de qualquer forma. A verdade é que Lahore no verão se resume a uma palavra: calor. E, naquele dia, fazia mais calor do que nunca. Estava quente até mesmo dentro da loja com ar-condicionado. Era o tipo de calor de que é difícil se recuperar.

Você já abriu o forno para verificar se um bolo estava pronto? Já foi atingido por uma onda de ar quente assim? Em Lahore, isso era a *brisa*. Era preciso fechar as janelas para que o vento não entrasse e manter a casa no escuro durante o dia.

Fazia tanto calor que, quando saiu de casa, Leila sentiu o cérebro cozinhar dentro do crânio, como um ovo cozido. Fazia tanto calor que parecia loucura vestir uma camisa de manga comprida. Por outro lado, Leila não queria se destacar como aquela “americana esquisita”.

Aliás, isso é muito curioso: nos Estados Unidos, as pessoas achavam que Leila era paquistanesa, mas ali a viam como americana. Filha de uma americana branca e um paquistanês, costumava pensar que era as duas coisas ao mesmo tempo, mas na verdade agora começava a se dar conta de que, sob alguns aspectos, não era nem uma coisa nem outra. Pelo menos de acordo com o modo como os outros a enxergavam.

De qualquer forma, Leila não ligava muito para as mangas, então acabou dizendo:

– Pode ser o de manga comprida mesmo.

Jamila Tai abriu um sorriso vitorioso. Rabeea parecia

querer estrangular Leila.

Então ali estava ela, vestindo o *kameez* de manga comprida, com a prima ainda claramente revoltada mas sem dizer nada, pelo menos não diretamente.

Bem, talvez o Debate sobre o Kameez sem Manga possa ser assunto para o segundo post do blog, refletiu Leila.

A campainha soou, mas ninguém da mesa se levantou. Apenas esperaram que Chirragh ou algum dos outros empregados abrisse a porta. Após alguns minutos, apareceu uma mulher gorda com um sorriso enorme e vibrante no rosto. A seda do *kameez* com apliques reluzentes (sem mangas, diga-se de passagem, exibindo os braços flácidos) ondulava com o movimento. A mulher tinha um quê de glamour, e Leila gostou dela imediatamente.

Mas só pensou nela por um momento, pois logo atrás da senhora elegante vinha o garoto mais bonito que Leila já tinha visto. Assim que ele entrou, ela soube que era o homem da sua vida. Soube do mesmo jeito que Elizabeth Amada ao ver o cavaliariço em *Sonhos da Inglaterra*. E como Elizabeth soube quando trocou um aperto de mão com o editor do jornal da escola, Roland Whiting, em *Tigres de papel*. Ah! E como Elizabeth soube ao conhecer o misterioso atendente da cafeteria, Alex James, em *Amor com leite*.

Ele tinha cabelos escuros e grossos, arrepiados, como se estivesse tramando alguma gracinha e pudesse sair correndo a qualquer momento. Tinha longos cílios pretos e os olhos pareciam delineados, lembrando o céu à noite – escuro e com estrelas. Ele era lindo! E fez o cérebro de Leila cozinhar dentro do crânio como o sol quente do Paquistão, pode acreditar. Seu cérebro passou de ovo cozido a mexido em segundos.

– *As-salaam alaikum!* – declamou a mulher gorda.

Todos se levantaram e retribuíram o cumprimento. As

mulheres se beijaram no rosto.

– Senhora Haq, gostaria de lhe apresentar a minha sobrinha – disse Babar Taya, indicando Leila. – Esta é a Leila. Leila, esta é a senhora Haq e o filho, Zain.

– *Salaam, salaam.*

“Paz, paz.” Pelo menos isso Leila sabia falar.

– *Ap kitne den Lahore me henh?* – indagou a Sra. Haq, cujos cílios cobertos de rímel pareciam acenar amigavelmente.

– Ela não fala urdu – disse Jamila Tai, com o mesmo sorrisinho sarcástico que Rabeea exibira antes quando Leila desprevera os modelos de roupa fora de moda.

– Ah! Seus pais nunca lhe ensinaram? – O rosto da Sra. Haq era pura inocência. – Que pena! E seu pai é tão brilhante, *mashallah...*

Jamila Tai murmurou algo, mas a única palavra que Leila captou foi *amrikan*. Ao ouvi-la, Zain deu um passo à frente.

– Você é a americana! – exclamou ele, como se isso fosse a coisa mais incrível e fantástica do mundo.

– É, mas ela se veste de um jeito mais conservador que um *fundo* – interveio Rabeea.

Jamila lhe lançou um olhar fulminante.

Zain riu.

– Não chega a ser uma burca – disse, referindo-se à roupa de Leila.

Leila queria que Rabeea esquecesse aquilo. Ela havia adorado as roupas. O *kameez* rosa de algodão, com adoráveis continhas na gola e na barra, era de longe uma das peças mais lindas que ela já tinha vestido. E ainda havia mais três de cores diferentes lá no quarto!

Na última vez que visitara Lahore – numa viagem de família, quando tinha 4 anos –, ela havia sido mimada pela avó, que a vestia como uma princesa, com uma roupa nova a

cada quatro horas. Mas sua avó falecera no ano seguinte. Dessa vez, então, Leila precisava se virar sozinha, mas também não ia se queixar. Nem precisava usar um lenço na cabeça. Apenas a *dupatta* esvoaçante sobre os ombros, a menos que fosse hora das orações. Os homens também usavam chapéus de orações na mesquita. Quando Leila tinha 7 anos, perguntara ao pai por que Alá não gostava de olhar para o topo da cabeça das pessoas. Ficou pensando se ele sentia o mesmo que ela quando precisava olhar os pés dos outros.

– Então, estão levando você para passear? – perguntou Zain.

– Quero visitar os Jardins de Shalimar e a Mesquita de Badshahi – disse Leila. – E quero dar uma volta de camelo.

– Uma volta de camelo? – indagou Rabeea. – Não tem passeio de camelo em Lahore.

– Tem, sim! – insistiu Wali. – No zoológico!

– Eu só quero uma foto minha montada num camelo – retrucou Leila, e Rabeea lhe abriu aquele mesmo sorrisinho de reprovação.

– Talvez a Leila goste do Museu de Lahore – sugeriu Babar Taya.

– E da arma de Kim – acrescentou Samir. – Ela gosta de Kipling.

Leila se perguntou de onde ele havia tirado aquilo. Ela não tinha dito exatamente isso, tinha?

– Você gosta? – perguntou Zain, como se fosse muito engraçado gostar de Kipling. – Eles deveriam levar você ao novo shopping.

– Ah, é verdade, fizeram um ótimo trabalho lá – concordou a Sra. Haq. – Tem mármore em todos os cantos! – falou, fazendo um gesto amplo, como se quisesse que todo mundo tivesse noção da enorme quantidade de mármore.

– Leila não liga para shoppings – disse Samir, parecendo um pouco irritado.

– Como não? – retrucou Rabeea. – Tem ar-condicionado.

Leila ficou pensando por que eles de repente pareciam conhecer todos os seus gostos.

– Eu quero ir! – exclamou Wali. – Leila vai gostar! Tem McDonald's!

Zain e Rabeea riram. Então Leila deu uma risadinha também, para não ficar de fora. A sobrancelha arqueada de Samir se ergueu mais alguns milímetros.

– Bom, poderíamos ir todos juntos... – Babar Taya começou a dizer.

– *Inshallah* – falou a Sra. Haq.

– *Inshallah* – concordou Jamila Tai.

– Eu sei que você está aí. Estou ouvindo a sua voz!

Um gigante de 2,40 metros invadiu a sala de jantar, seguido por um Chirragh carrancudo. Leila deixou escapar um gritinho, mas em seguida percebeu que não era um gigante. Era Mamoo com seu chapéu-coco.

– Agora você não pode me evitar!

– *As-salaam alaikum* – disse Zain, e logo todos estavam cumprimentando o furioso homem de terno.

Babar Taya o acalmou e lhe ofereceu uma cadeira. Não o estava evitando, explicou o tio, com a mesma voz suave que se usa para distrair uma criança de 3 anos que dá escândalo.

– Você acha que ele usa uma máquina do tempo para comprar roupas? – murmurou Zain para Leila.

Ela deu uma risadinha, claro. Ele poderia ter dito qualquer besteira e Leila teria rido. Como eu falei: cérebro de ovo mexido.

– Ah, olá, senhora Haq – cumprimentou Mamoo. – Ora, ora, que joias adoráveis – disse, sem entusiasmo algum, e os olhos da mulher se estreitaram.

– Olá, senhor Bilal. Como vai o trabalho na universidade?
A voz da Sra. Haq parecia um ácido escorrendo de seus lábios. Devia ser capaz de corroer o tapete.

Mamoo tirou o chapéu e ergueu o queixo com orgulho.

– Minha pesquisa está indo muito bem, obrigado.

– *Mashallah* – respondeu a Sra. Haq.

Embora os dois falassem quase tudo em inglês, Leila tinha a sensação de que aquela conversa exigia um tradutor. As palavras estavam ali, mas ela não conseguia entender o que significavam de verdade.

– Bem, Zain e eu temos que ir – anunciou a Sra. Haq.

Desejou *Allah hafiz* para todos e saiu pelo corredor. Com um sorriso desajeitado, Zain deu boa-noite e seguiu a mãe. Mas, antes de se retirar e antes de Leila voltar à mesa do jantar, ele olhou para trás. Era um sorriso para Leila. Ela o capturou como uma borboleta numa rede. Um instante depois, ele tinha ido embora, mas ocupava os pensamentos dela: *Aqui está! Minha aventura! Meu romance! Meu futuro blog! Mal posso esperar para contar a Aimee...*

Então Leila se conteve. *Não*, pensou. *Não a Aimee. Vou contar a Ta'Mara*. Leila ainda estava se acostumando com o fato de que Aimee não era mais sua amiga. Seu coração às vezes parecia sofrer de jet lag, atrasado em outro fuso horário.

Alguém pegou uma cadeira para que Mamoo se sentasse e levou seu chapéu e sua bengala. Todos voltaram a se acomodar em volta da mesa de jantar e Leila recomeçou a beliscar a comida. Sentiu os olhos de alguém sobre ela e, quando ergueu a vista, descobriu que Rabeea a observava. Não estava sorrindo. Quando Leila a flagrou, a prima desviou o olhar.

Chirragh apareceu mancando e pôs uma nova pilha de *chapatis* quentes na mesa.

– Maravilha, Chirragh Baba! – exclamou Mamoo,

esfregando as mãos. – O melhor *chapati* de Lahore.

Chirragh não demonstrou ter escutado, mas Leila captou um sorrisinho nos lábios dele enquanto se dirigia à cozinha. Durante uma fração de segundo, ele não ficou de cara amarrada. É claro que Leila registrou aquilo. Será que Mamoo também era malvado? Ela esperava que sim! Poderia contar tudo sobre ele na terceira postagem do blog: “Vilões revelados!”

Coisas acontecem por aqui, pensou Leila enquanto enfiava na boca uma garfada do frango *jalfrezi* picante. *Coisas acontecem à minha volta e eu não sei o que são. Por enquanto.*

Mas ela não se importava. Toda boa história tem um mistério, não tem?

Algumas horas depois, Leila estava sentada no meio de uma colcha vermelha no quarto de hóspedes, olhando para a parede branca. Havia tentado ligar para a mãe pelo Skype, mas caíra na caixa postal. Depois telefonara para o pai, também em vão. Deixou uma mensagem de “eu te amo” para cada um.

Leila ficou imaginando o que deviam estar fazendo. Trabalhando? Os dois trabalhavam feito condenados. A mãe era escritora e editora freelancer e sempre assumia cinco projetos além do que conseguia dar conta. Adorava fazer aquilo e era muito boa, por isso tinha dificuldade em dizer “não”.

O emprego do pai envolvia passar muito tempo olhando para uma tela de computador e tomar chá preto forte.

Eles eram boas pessoas e haviam pensado em viajar juntos para Lahore, mas perceberam que tinham projetos importantes em etapas cruciais que não poderiam ser

abandonados durante três semanas. Leila amava seus pais, mesmo que às vezes desejasse que fossem um pouco mais... extraordinários. Como os pais dos livros, que sempre pareciam ser gênios distraídos, ou superespões, ou malvados, ou tinham morrido. Porque quem teria uma aventura com pais como os dela? Eles eram tão *normais*...

Mas ela sentia saudade deles, de qualquer jeito.

Leila ficou olhando para o teto, que tinha um tom de branco diferente do teto do seu quarto em casa, ainda que ela não soubesse explicar por quê. Aquele cômodo era estranho. Era grande demais. Nunca tinha lhe ocorrido que um quarto grande poderia ser desconfortável. A cama de casal e a cômoda de três gavetas pareciam miniaturas. Além disso, ela precisava dar 23 passos para abrir a porta do armário. Vinte e três! Ela havia contado. Era uma longa caminhada só para pendurar uma camisa, mas o *salwar kameez* era bonito demais para ficar largado por aí. Com um suspiro, levantou-se da cama e atravessou o cômodo até o armário. Em seguida, vestiu a calça de pijama da Hello Kitty e uma camiseta velha. Já se sentia melhor.

Ao empreender a longa jornada de volta à cama, Leila notou o livro que tinha deixado ali mais cedo: *O cadáver excêntrico*. Ela já o tinha lido e decidido que seria melhor devolvê-lo à biblioteca no dia seguinte. Com exceção da primeira frase, as páginas fluíam em uma linda caligrafia antiga. Não se tratava de nenhum romance de mistério; parecia mesmo ser a história de vida de alguém.

Leila abriu a janela por um momento, para liberar um pouco do ar condicionado. A cidade cheirava a fumaça, mas ainda assim ela respirava melhor. Deu uma olhada na vista, pensando na sorte que era ter um quarto no segundo andar.

A casa era grande, rodeada por um jardim que seria frondoso se o sol não o castigasse tanto e o vento não

depositasse poeira em todas as folhas. Exatamente naquela manhã, enquanto apreciava a paisagem, Leila vira um papagaio pousado numa árvore. Tinha pensado que era um animal de estimação que fugira, como os periquitos que às vezes ela via perto de casa. Mas Rabeea explicara que não: aqueles eram selvagens e estavam por toda parte.

Mas estou me desviando do assunto de novo!

Do outro lado da rua, o minarete de uma mesquita bloqueava uma parte do céu. Ela sentia a amplidão do quarto atrás de si, o espaço vazio. Quando já ia fechar as cortinas, algo passou flutuando através da janela e voou até o abajur de cabeceira. A mariposa era linda, de um verde e azul metálico, e por um instante pousou na borda da cúpula, perfeitamente imóvel. Mas a luz era inebriante demais e a mariposa voltou a bater as asas, voando em volta do abajur e mergulhando em direção à lâmpada.

– Eu sei que a luz é bonita, mas isso não vai acabar bem para o seu lado – disse Leila para a mariposa.

Foi até lá e a apagou. Demorou algum tempo até que seus olhos se ajustassem à escuridão do quarto, mas, então, Leila viu que a mariposa era fosforescente ao brilho da noite. Ela voou mais um pouco pelo quarto, então encontrou a janela aberta e passou para o lado de fora, em busca de outra fonte de luz.

– Você vai se queimar! – gritou Leila, mas a mariposa não voltou. Não devia entender inglês, somente urdu.

Leila fechou a janela e voltou para a cama. Pegou o livro e deu uma folheada, sem se dar o trabalho de reler a estranha história de Ralph Flabbergast, apenas observando a caligrafia. Quando chegou ao fim do texto, parou.

Isso não foi lindo?

Uma nova linha, escrita numa caligrafia elegante, surgiu ao fim da página: *Isso não foi lindo?*

Como se estivesse conversando com ela. Como se tivesse visto a mariposa.

Ela não se lembrava de ter lido aquilo antes e pensou que talvez tivesse pulado aquela linha. Mas não entendia como tal coisa poderia ter acontecido. Mais cedo, pela manhã, ela havia começado a ler a história de Ralph Flabbergast, o tolo que acreditava em magia. E agora ali estava a frase: *Isso não foi lindo?*

Leila sentiu uma coisa estranha, como se aquelas paredes ao seu redor tivessem desaparecido. Como se a cama fosse uma jangada flutuando no espaço. Não era uma sensação alegre, divertida, do tipo “Elizabeth Amada descobre um mistério assombroso”. Estava mais para um calafrio, do tipo “isso dá medo e não sei onde estou”.

Mas, quando olhou para a página outra vez, a frase havia desaparecido. Ela achou aquilo reconfortante, embora na verdade não devesse.

Havia uma caneta na mesinha de cabeceira. Leila a pegou.

A última linha da história agora era: *Ele vira a magia acontecer.*

Será que eu também vi?, Leila se perguntou. *Não. Você imaginou a frase nova. Você ainda não se acostumou ao horário local. Nada disso foi real...*

Ela ficou olhando para a página.

Não faça isso, ordenou a si mesma. Mas o livro era como a luz. Ela era como a mariposa. De repente, Leila se sentiu compelida a escrever no espaço deixado pela frase que desaparecera. Talvez quisesse garantir que ela não retornaria.

Então ela escreveu no livro: *Mas a magia pela qual Ralph era fascinado não era verdadeira. Não era real.*

Em seguida, largou a caneta, fechou o livro com força e o colocou sobre a mesinha. Apagou a luz e ficou sentada, completamente imóvel na escuridão.

Não era real.

Ela sentia aquelas palavras pulsarem no livro ao seu lado, mesmo de olhos fechados.

Não importa, disse Leila a si mesma. Vou devolver o livro à biblioteca amanhã de manhã. Aí vou esquecer tudo.

Isso prova que as pessoas não têm ideia do que vai acontecer com elas.

O cadáver excêntrico

Mas a magia pela qual Ralph era fascinado não era verdadeira. Não era real.

– *Como você fez isso? – perguntou Ralph ao homem de cartola.*

– *Fiz o quê?*

O homem sorriu, cada dente parecendo uma tecla de piano, enquanto seus dedos dançavam sobre as cascas de noz.

– *Como você fez a ervilha desaparecer?*

– *Ora, é a magia, meu jovem. – O homem se inclinou para a frente e aproximou os lábios da orelha de Ralph. – Você acredita em magia, não acredita?*

– *Claro – sussurrou Ralph.*

Inclinando-se, o homem estreitou os olhos e observou o menino do alto de seu longo nariz.

– *Sim – disse lentamente, sibilando como uma serpente pensativa. – Sim, acredito em você. Poucos são assim nos dias de hoje.*

– *O senhor pode me ensinar?*

– *Posso fazer melhor. – O homem enfiou a mão no bolso do paletó e retirou um pequeno frasco de vidro com tampa*

prateada. – Posso lhe dar um pouco de magia, se quiser. Três magias por vidro.

– Uau!

Ralph estendeu a mão para o frasco.

– Não tão rápido, meu jovem! Uma coisa preciosa assim custa dinheiro. Não posso sair distribuindo de graça.

A tampa prateada reluziu ao sol, deixando Ralph ainda mais fascinado. Ele simplesmente precisava ter aquele frasco. Precisava!

– Quanto? – perguntou.

O homem envolveu o recipiente com os dedos e fechou os olhos.

– Duas notas de dólar... uma moeda de 50 centavos... cinco moedas de 25 centavos... uma moeda de 10 centavos... três moedas de 5 centavos... 47 moedas de 1 centavo.

Ralph começou a se sentir zozinho. Era muito estranho que aquele homem listasse exatamente as moedas que ele tinha escondido atrás da tábua solta no fundo da caixa de pão. Todo o dinheiro que havia ganhado fazendo pequenos serviços e ajudando o pai na loja nos últimos dois anos.

Os olhos do homem agora estavam bem abertos, assim como a palma da mão. O frasco brilhava como uma estrela tênue. Ralph precisava dele.

– Já volto.



CAPÍTULO CINCO

Kai

ASSIM QUE KAI ABRIU a porta da cozinha, foi envolvida pelo aroma de maçã, canela e algo mais – gengibre? – e se viu criancinha, estendendo as mãos para o fogão, enquanto alguém se abaixava e lhe dizia com delicadeza: “Não, não, Kai, o bolo ainda não está pronto.”

– Fiz meu famoso bolo de maçã – anunciou Lavinia. – Era a sobremesa preferida do seu pai! Ele me obrigou a lhe dar a receita quando estava no ensino médio.

Kai não sabia o que dizer. Sua mãe sempre sussurrava as palavras “seu pai” como se fossem especiais demais para permitir que o mundo ouvisse. A menina se acostumou a pensar nele como um mito ou talvez uma criatura mágica, e não como alguém que comia bolo. Ou que o preparava. Ficou parada por um momento, apenas respirando. Por alguma razão, não conseguia imaginar o sabor.

– O cheiro está uma delícia.

– Bom, então vamos comer! – exclamou Lavinia. – Quanto mais cedo a gente jantar, mais cedo poderemos provar a sobremesa. Vá lavar as mãos, docinho.

Kai usou o lavabo do andar de baixo, apreciando o

sabonete fino em forma de rosa e as toalhas com acabamentos em renda. Eram o tipo de coisa que a mãe dela sempre dizia serem “boas demais para usar”, então ficavam guardadas dentro de um armário, acumulando mofo, enquanto elas utilizavam o mesmo jogo de banho com estampa de rosas, que, de tanto lavar, já tinham desbotado. Schuyler era uma mulher muito cuidadosa. Muito cuidadosa e confiável, e Kai achava isso muito bom.

Ela entrou na sala de jantar. Toalhinhas rendadas ocupavam todas as superfícies e quadros a óleo com pinturas de rosas cobriam as paredes. A madeira antiga da mesa reluzia sob um candelabro de prata. Caules prateados de flores subiam e desciam pelo papel de parede desbotado e a luz de fim de tarde formava um jogo de sombras e tons de dourado.

Havia na mesa dois pratos com salsichões e chucrute, além de uma pequena salada junto de cada um. Kai olhou para o repolho com desconfiança. Não tinha uma cara boa.

– Antiga receita de família – disse Lavinia, lendo sua expressão. – Você vai adorar.

– Tem certeza? – perguntou Kai, cética.

Mas, como gostava daquela senhora, provou um pouquinho. Ficou quieta por um momento, mastigando.

– Viu só?

– É muito bom mesmo.

– E eu não sei? Coma um pouco com um pedaço daquele salsichão.

Kai obedeceu e foi recompensada com uma deliciosa explosão de salgado, azedo e doce que derreteu na sua boca.

– Sua mãe ligou – avisou Lavinia enquanto a sobrinha comia outra garfada. – Ela mandou um beijo e disse que espera que você esteja praticando o violino.

Kai mastigou até o fim e depois engoliu.

– Obrigada.

Ela pensou no violino, fechado no estojo e trancado no fundo do armário. A tia-avó não questionou mais nada nem indagou se de fato ela havia praticado. Então Kai não contara nenhuma mentira.

– Como foi lá no supermercado? – perguntou Lavinia.

Kai relatou à tia-avó como havia conhecido Doodle, além de Pettyfer e a mariposa.

– Ah, essa Doodle Martell é uma peça! – exclamou a senhora. – O pai é outra figura. Pobre homem.

– Por que “pobre homem”?

Lavinia olhou para o teto e balançou a cabeça.

– Ele tem um emprego ingrato, coitado. Trabalha na fábrica de caixões.

– Fábrica dos Pettyfer?

Interessante. Doodle não tinha mencionado que o pai trabalhava lá.

Lavinia fechou o cenho.

– É assim que o pessoal chama, mas o nome correto é Caixão Americano.

– A senhora acha que teria problema se eu saísse para procurar essa tal de mariposa-celestial?

– Por que teria?

– Bem, é depois do... jantar.

Kai evitou dizer “depois de *escurecer*”, embora tivesse lançado um olhar para a janela atrás de Lavinia, onde sombras compridas cobriam o jardim.

– A mariposa não vai sair durante o dia, não é? Meu tio falava dessas mariposas. Dizia que elas gostavam da Árvore do Raio.

– O que é isso?

– Uma antiga figueira que foi atingida por um raio há uns 150 anos. O raio cortou um dos ramos principais, então ela

cresceu toda torta durante vários anos. Continua lá, eu acho.

– Onde fica?

Kai mal podia esperar para passar essa informação a Doodle.

– Perto da fábrica de caixões – disse Lavinia logo antes de colocar uma grande quantidade de salada na boca.

Um pedacinho de espinafre ficou de fora, fazendo-a parecer uma lagartixa feliz mastigando uma folha.

Perto da fábrica de caixões? O velho hábito de se preocupar com o que a mãe pensaria surgiu na mente de Kai. Ela jamais a deixara sair sozinha e teria um treco se soubesse que a filha planejava fazer isso, ainda mais para vasculhar o entorno de uma sombria fábrica de caixões... Sentiu novamente aquela comichão, uma sensação que parecia explodir a qualquer momento, como quando Lavinia permitira que saísse desacompanhada.

A tia-avó olhou para trás, pela janela.

– O céu ainda está claro. Às vezes, quando faz um calor desses, é porque vai cair uma tempestade. Mas você deve conseguir enxergar bem as estrelas hoje à noite.

As estrelas. Nunca dava para vê-las direito em Baltimore, e foi naquele instante que Kai sentiu o impulso de sair. Afinal de contas, sua mãe não precisava saber. Seria como no caso do violino – bastaria não mencionar nada sobre o assunto. E qual o problema de a fábrica fazer caixões? Eram apenas caixas. Era apenas uma fábrica. Não tinha por que ser assustador. Engolindo o medo junto com outro pedaço de salsichão, perguntou:

– Onde fica a fábrica?

Lavinia apontou por sobre o ombro em direção à janela, onde a luz se dissipava rapidamente. Deu uma piscadela com o olho menor e arregalou o maior ainda mais.

– Do outro lado do cemitério, docinho.

Depois do jantar e do bolo de maçã – que Kai quase devorou de tão delicioso –, ela foi até o quarto pegar um casaco quando viu o livro de novo sobre a cama. Sorrateira como uma cobra, aproximou-se e o abriu.

– Não é possível – murmurou.

Havia mais história.

Kai passou os olhos pela página. Um frasco? O que... o que era aquilo?

Uma batida na porta a fez dar um salto.

– Ah! – gritou ela.

O livro caiu no chão com um baque surdo, a maçaneta girou e...

– Nossa, o que aconteceu? Bebeu café demais, foi? – perguntou Doodle, entrando no quarto a passos largos.

Kai foi até a porta e espiou o corredor deserto. O aroma suave de bolo de maçã ainda pairava no ar.

– Quem deixou você entrar?

– A Lavinia, ué. – Doodle olhou ao redor. A luminosidade do sol poente pintara as paredes e o edredom de um tom rosado. – Eu adoro este quarto. Ele recebe a melhor iluminação.

Por um instante, Kai tinha esquecido que Doodle conhecia sua tia-avó. E, pelo visto, a casa dela também.

– O que é isto?

Antes que conseguisse impedi-la, Doodle já tinha se abaixado e pegado *O cadáver excêntrico*. Kai tomou o livro da sua mão.

– Ei! – reclamou Doodle. – O que é isso? Seu diário ou algo do gênero?

– Não, é... – Kai não sabia como terminar a frase. *É um livro mágico esquisito?* – Sim, é como se fosse o meu diário.

Doodle deu de ombros.

– Legal. E aí, quer ir procurar uma mariposa?

Ela mostrou o cabo cor de laranja de uma rede bastante usada de capturar borboletas.

– Claro.

As duas desceram as escadas e entraram na cozinha para se despedir da tia-avó de Kai. Lavinia estava sentada à mesa forrada com um tecido puído, escrevendo alucinadamente num bloco de papel amarelo. Ela ergueu os olhos e indicou a rede de Doodle com a cabeça.

– Vocês querem mesmo caçar mariposas? Acham que vão pegar alguma com isso aí?

Bem, era verdade que a rede tinha sido bem barata. E talvez estivesse furada.

– Não acha que ela é grande o suficiente? – perguntou Doodle.

– Acho grande demais, se quer saber.

Lavinia mordeu o lábio. Apoiou-se na mesa para se levantar e atravessou a cozinha, escancarando a porta de um armário. Um monte de coisas saiu lá de dentro: equipamentos de hóquei, três guarda-chuvas, uma bola de praia (cheia), uma taça de plástico dourado, um urso de pelúcia, um chapéu de safári, vários pares de sapatos e uma cúpula de abajur se amontoaram a seus pés. Ela enfiou o braço nas tralhas e, depois de um momento sacudindo e batendo, puxou um longo cabo de marfim que tinha, em uma das extremidades, uma rede prateada que cintilava à luz fraca da cozinha.

– Vocês precisam é disto aqui!

– Não podemos usar isso! – exclamou Kai.

A rede era linda e parecia pertencer a um museu.

– Por que não? – retrucou Lavinia. – Vocês só vão pegá-la emprestada. Ela era da *minha* tia-avó!

– A gente traz de volta – prometeu Doodle.

– Muito bem, meninas, boa caçada! Não quero atrasar mais vocês!

As duas rodopiaram de empolgação enquanto Lavinia as conduzia até a porta dos fundos. Antes de entender o que estava acontecendo, Kai deu por si na varanda coberta de trepadeiras.

– Boa noite! – disse a senhora, fechando a porta.

As meninas ficaram olhando a porta fechada por um momento. Kai se virou para Doodle, que agora observava a linda rede.

– Isso não foi meio esquisito?

– Os poetas às vezes são assim – respondeu Doodle. – Agora vamos pegar uma mariposa.

A noite foi uma revelação para Kai. Seria exagero dizer que ela nunca tinha saído de casa depois de escurecer, mas não seria um *imenso* exagero. Certamente nunca tinha saído de casa *sozinha* depois de escurecer. Nunca tivera permissão para circular pela vizinhança e, agora, sentia-se como um balão, como se a qualquer momento pudesse sair flutuando até as estrelas. Tocou o tronco de uma árvore ao passar, sentindo os sulcos ásperos e o musgo macio.

– O que você está fazendo? – perguntou Doodle.

– Só... só sentindo a casca da árvore.

Tudo parecia diferente no escuro. Ainda assim, Kai ficou surpresa ao constatar quanto conseguia enxergar e passou a reparar em coisas a que não dera atenção antes. Ela e Doodle tinham lanternas, mas os fochos de luz só iluminavam um pequeno trecho de chão à frente. Aquilo, de algum modo, fazia a escuridão parecer ainda mais negra. Kai nunca tinha percebido que havia mil tons de sombra entre o cinza e o preto.

Não era noite de lua cheia, mas ela pendia baixa, redonda e amarelada. Dava a impressão de estar tão próxima que

poderia ser tocada. Era totalmente diferente do círculo pálido e doentio que muitas vezes Kai vislumbrava pela janela do seu quarto em Baltimore.

– A lua é enorme aqui – comentou.

– Ela vai diminuindo de tamanho conforme a noite avança.

– Um galho estalou debaixo do pé de Doodle. – Quando fica mais alta no céu.

– Porque vai se afastando?

– Não. Na verdade, é uma ilusão de ótica. Quando ela está no horizonte, a gente a vê ao lado de árvores, postes, essas coisas, então parece maior. Quando está lá no alto, não tem...

Doodle se interrompeu, mas continuou andando.

– Como comparar?

– É. Quando está sozinha lá em cima, não temos como saber quanto ela é grande.

Agora que o sol tinha se posto, tudo parecia voltar a respirar. Insetos emitiam ruídos. Kai tentou acompanhar a sinfonia, que a lembrava de algo – os compassos iniciais de uma sonata de Haydn, talvez? Pressionou os dedos da mão esquerda contra a perna, lembrando a posição daqueles primeiros compassos no violino. Ela nem percebeu que estava fazendo o movimento, mas eu sim, e aquilo demonstrava quanto estava concentrada em tudo que acontecia ao redor.

Um gato branco atravessou um quintal em disparada. Uma pequena luz cintilou. Depois outra.

– Vaga-lumes!

– Podemos pegar alguns, se você quiser – disse Doodle.

– Não, tudo bem.

Kai não queria ter parecido tão entusiasmada, mas as luzinhas a haviam surpreendido. Ela nunca vira vaga-lumes de verdade antes, o que a deixava ao mesmo tempo feliz e um pouco triste, pois ficou pensando quanto tempo fazia que sua

mãe tinha visto um pela última vez.

– Como a gente vai achar essas mariposas?

– Elas são bioluminescentes. Como os vaga-lumes, só que não tão brilhantes.

Doodle fez uma curva brusca e Kai meio que sapateou atrás dela, balançando a rede da tia-avó. Do outro lado das grades de ferro viam-se as lápides, que projetavam sombras compridas e arrepiantes.

– Aqui estamos – anunciou Doodle.

Bem, agora que estavam *ali*, Kai decidiu que não gostava muito da aparência do lugar. Mas não quis admitir isso para Doodle.

– O que é aquilo? – perguntou, apontando para a construção ao final da grade.

– A Caixa Americana, claro. Lar do famoso Caixa Eterno. Com a garantia de ficar em perfeito estado por duzentos anos.

– Nossa – disse Kai. – Mas como sabem disso?

– Pois é.

– Bom... e agora?

– Agora a gente entra.

Doodle já tinha se esgueirado pelo portão, que, embora estivesse trancado com uma corrente, deixava um vão que dava para uma pré-adolescente passar.

Bem, como eu já mencionei, Kai era boa em traçar planos. Porém, em todos aqueles anos de planejamento, nunca havia pensado numa estratégia caso uma amiga entrasse num cemitério sombrio e a obrigasse a segui-la. Kai não era exatamente uma pessoa corajosa. Aliás, a coisa mais corajosa que fizera foi ter tocado o Concerto nº 4 de Mozart em Ré Maior para Susan Laviere – o que havia sido aterrorizante, mas de um jeito diferente. Então, por favor, perdoem Kai por ter pensado em largar Doodle no cemitério e

voltar para casa, de preferência correndo.

Mas na verdade ela só pensou nisso por um minuto. Depois percebeu que seria golpe baixo deixar uma amiga entrar sozinha, no escuro, num cemitério cheio de lápides brancas tortas. E foi assim que ela se obrigou a pôr um pé na frente do outro.

Kai seguiu um elegante caminho de pedras e estremeceu quando o vento soprou atrás dela, fazendo o portão ranger como num filme de terror.

– Doodle? – chamou, contornando as lápides enormes.

Uma mulher de mármore branco olhava para o céu, presa a um pedestal que dizia *M. Jonas 1835–1913*. Tentou não pensar em M. Jonas debaixo da terra, esperando que Kai se aproximasse para estender a mão e segurar seu tornozelo. Chamou Doodle outra vez.

– Aqui! – respondeu a garota.

Kai a avistou ali perto, inclinada, observando algo na base de uma grande árvore curva e retorcida, cujo conjunto de ramos parecia tentar alcançar a estátua de mármore. Com certeza aquela era a Árvore do Raio. Kai esqueceu o medo e correu até lá.

– Achou alguma?

– Veja.

A voz de Doodle era um sussurro. A garota apontou para o tronco.

Kai acendeu a lanterna, mas Doodle disparou:

– Desligue isso.

Kai desligou.

– Não estou vendo nada.

– Espere.

Ela esperou. Olhava para o tronco da árvore, a reentrância preta para onde Doodle apontava. Ficou observando a escuridão na ponta dos pés. Lentamente, algo começou a

surgir. Algo comprido e luminoso, como uma pérola deformada, emitindo um leve tom azulado.

– Isso não é uma mariposa, é?

– Não, mas pode ser um casulo. – Doodle o retirou delicadamente da casca da árvore. – Está coberto de resina.

– Como um inseto em âmbar?

Kai tinha visto uma exposição de insetos pré-históricos no Museu de História Natural.

– Exatamente.

Doodle apontou a lanterna para uma flor vermelha que havia brotado perto das raízes da árvore.

– Hum, nunca vi esta flor antes. Um monte delas cresce num campo aqui perto, mas a fábrica sempre acaba com as que brotam aqui.

Voltou a observar o casulo.

Kai estava quase perguntando se Doodle achava que aquele era o casulo de uma mariposa-celestial quando algo estalou alto atrás delas. Ela girou o corpo e Doodle se levantou de um salto.

Viu-se um clarão – um movimento entre as lápides. Kai deixou escapar um gritinho.

Doodle ergueu as sobrancelhas.

– Sério que você está gritando?

Kai mal conseguia respirar. Queria dizer “Tem alguma coisa ali!”, mas as palavras não saíam. Não que fizesse diferença. A coisa voltou a se mover e Doodle saiu no seu encaixo.

– Não me deixe aqui! – gritou Kai, correndo atrás da amiga, que disparara pelo caminho de pedras.

A coisa estava do outro lado do portão de ferro, perto da fábrica de caixões. E fugiu ao som dos passos de Doodle.

Ai, graças a Deus, pensou Kai. Por que Lavinia me deixou sair depois de escurecer? Por quê?

– Pare aí! – gritou Doodle. – Pare aí mesmo, seu imbecil!
Continuou correndo atrás da coisa, que entrou atrás da fábrica e desapareceu. Doodle balançou a rede na direção do fugitivo, com raiva.

– O que era aquilo? – perguntou Kai.
– Aquilo, não. Quem.

Doodle olhou para a rede. O casulo ainda estava lá, ileso. Encarou Kai.

– Vamos.

Kai não estava entendendo nada.

– O que aconteceu, afinal?

Doodle avançou feito um furacão. Não parou nem diminuiu o passo.

– Pettyfer – foi a única palavra que saiu.

A pérola azulada na rede pendia para trás enquanto Doodle corria. Kai se perguntou se aquilo seria mesmo um casulo.

E, se fosse, o que haveria dentro dele.

O cadáver excêntrico

O que haveria dentro dele? *Ralph examinou o frasco. Era pequeno e achatado, feito de um vidro roxo meio fosco. O homem o havia instruído a abri-lo somente quando estivesse sozinho. “Há três mágicas aqui dentro”, dissera. “Não as deixe sair todas de uma vez.”*

Ralph foi correndo para casa, mas não percorreu todo o trajeto. Passou pela Caixão Americano e atravessou um campo cheio de vibrantes flores vermelhas. No meio do caminho, olhou para o céu, que o sol forte tingira quase de branco. Não ouvia nada à sua volta, exceto o cantarolar dos

grilos aos seus pés. Parou à sombra de uma figueira e se recostou no tronco de manchas cinzas e brancas. Com cuidado, desenroscou a tampa prateada do frasco. Um finíssimo pó branco se ergueu como uma névoa e uma leve brisa o soprou contra a árvore. Ralph olhou para cima, fitando a copa de largas folhas verdes de sete pontas, imaginando por um instante se ele seria como o João do Pé de Feijão e a árvore fosse crescer e levá-lo até o céu esbranquiçado.

Os grilos continuaram cantando. Nada aconteceu.

“Talvez eu tenha que fazer um pedido”, pensou Ralph.

– Eu desejo – falou Ralph em voz alta – que alguma coisa aconteça.

As folhas murmuraram por um instante acima dele e depois pararam de se mexer.

Ralph lutou contra o impulso de espalhar todo o pó do frasco. “Seja paciente”, disse a si mesmo. “Nem o pé de feijão de João cresceu imediatamente.” Voltou a tampar o vidro e foi para casa, apressado.

Assim que entrou na cozinha, foi dominado pelo cheiro de repolho. Como de costume, sua mãe estava no fogão, mexendo a panela. Ralph e toda a família fediam a chucrute. As roupas deles fediam a chucrute. A mãe de Ralph colocava chucrute em tudo. Seus pais estavam até começando a vendê-lo na loja. Era a receita secreta da avó de Ralph, que afirmava que fora o chucrute que a ajudara a chegar aos 103 anos. Às vezes o garoto se perguntava se gostaria mesmo de ser um velho de 103 anos fedendo a chucrute, mas nunca contou isso à mãe, pois a magoaria.

– Por onde você andou? – perguntou a mãe assim que Ralph abriu a porta.

– Na cidade.

Sua mão procurou o frasco no bolso e o envolveu.

– O que você tem aí?

A Sra. Flabbergast levou os punhos ao quadril largo.

– Nada.

Ele ficou vermelho como uma lagosta.

– Ralph...

– Sério, não é nada – disse ele, retirando o frasco do bolso e exibindo-o para a mãe. – É só um...

– Parece um saleiro chique.

– Sim, é isso! Eu achei.

Ele não costumava mentir, e dava para notar quando tentava.

– Hum.

Então, para horror de Ralph, a Sra. Flabbergast pegou o frasco e jogou um pouco do pó branco no repolho do chucrute.

– Bem, vamos ver se faz alguma diferença.

Ela devolveu o frasco para o filho, cujo queixo tinha caído até quase bater no chão.

À noite, caiu uma tempestade por volta da hora do jantar, com direto a clarões de raios e trovões estrondosos. Nenhum membro da família Flabbergast notou. Todos estavam muito ocupados devorando o chucrute, que – todos concordavam – tinha ficado (excepcionalmente) delicioso.

De um jeito quase mágico.



CAPÍTULO SEIS

Leila

UM TÊNUE SOL DA manhã surgiu no céu enfumaçado de Lahore. Leila ainda estava atrapalhada com o fuso horário e só agora, tarde demais, começava a sentir sono após uma noite em claro, mas não voltou para a cama. Não teve coragem de sair do quarto antes de o sol nascer. Elizabeth e Jennifer Amada muitas vezes descobriam mistérios quando vagavam por estranhas casas escuras, mas Leila já tivera sua dose de mistérios. Por exemplo, o que estava por trás daquele livro medonho? Essa era a questão principal. Além disso, quem estava escrevendo mais história? O que o chucrute tinha a ver? Será que alguém estava zombando dela?

Leila foi até a biblioteca e devolveu *O cadáver excêntrico* à estante. Sentiu o corpo relaxar no momento em que deu as costas e saiu. Agora poderia tirar um cochilo antes do café da manhã.

Já no quarto, ela se enfiou debaixo dos lençóis brancos macios e fechou os olhos. Nem se deu ao trabalho de fechar as cortinas. O sol no rosto a fazia se sentir um gato. Pensando na cauda cinza de Steve, encolheu os joelhos junto ao peito. Algo pontudo a espetou na coxa.

– Ai!

Leila apalpou o objeto e puxou um livro. Soltou um gritinho e caiu da cama.

Preciso dizer? Está bem, eu digo: era *O cadáver excêntrico*.

Ela se levantou e foi mancando até a porta, saindo pelo corredor. Espiou dentro da biblioteca. Havia um espaço vazio na estante onde o livro deveria estar.

Leila sabia que não estava sonhando, mas com certeza desejava isso. Sempre ansiara por uma aventura mágica. Parecia o máximo quando acontecia nos livros! Mas, agora que *estava* vivenciando a aventura, queria poder ir para casa. Bem, talvez não para casa. Não ainda. Só queria ir a algum lugar que não fosse mágico. Algum lugar onde se sentisse à vontade. Algum lugar onde os livros não ficassem seguindo as pessoas.

Afinal, percebeu, essa situação com o livro não renderia nem uma boa postagem no blog. As pessoas iam pensar que ela tinha ficado maluca. Que o calor havia amolecido seu cérebro.

Muito bem. Leila decidiu não voltar para o quarto, então desceu as escadas e se dirigiu à cozinha.

A cozinha era um lugar interessante. Na verdade, havia duas. “Uma para mostrar e outra para sujar”, como sua mãe diria. Uma delas era linda, com bancadas de granito e um suporte de facas, além de um adorável conjunto de mesa e cadeiras de madeira branca e uma janela que dava para uma mangueira. Uma porta conduzia à segunda cozinha – a cozinha *de verdade*. Era estreita, entulhada, tinha o chão de concreto e panelas que pareciam ter sido usadas para quebrar rochas. Ali, os empregados preparavam as refeições. Na cozinha bonita, a família fazia torradas ou aquecia algo no micro-ondas.

Leila se sentou numa cadeira de madeira branca. Em seguida, resolveu tomar um copo d'água. Elizabeth Amada sempre bebia água quando precisava se acalmar. Atravessou a cozinha até os armários e abriu um deles. Tigelas. Tentou outro e deu um gritinho.

Adivinhe o que estava lá dentro?

– Não... – murmurou ela enquanto retirava *O cadáver excêntrico*.

Folheou-o. Era o mesmo livro, não havia dúvida. Era a mesma caligrafia.

Segurou o volume contra o peito, pensando numa forma de destruí-lo.

Era óbvio que não adiantaria nada jogá-lo no lixo – ele apareceria de novo onde ela estivesse, como um bumerangue. O que mais? O que mais ela poderia fazer?

Seus olhos foram atraídos para o fogão a gás.

Vou queimá-lo, pensou Leila. *Rá!*

Acendeu uma das bocas do fogão e segurou o livro sobre a chama, deixando o fogo lamber a beirada de uma página. O papel se incendiou e o livro inteiro foi envolvido pelas chamas. Leila deu um gemidinho e o soltou. As páginas caíram de forma estranha sobre o fogão.

– Me desculpe – murmurou Leila ao vê-lo queimar.

Acometida por um súbito pânico de que o fogo incendiasse a casa toda, Leila usou um pegador para segurar o livro, jogando-o na pia.

Uma densa fumaça preta encheu a cozinha, produzindo um cheiro semelhante ao da loja de artesanato hippie que a amiga Ta'Mara adorava. Leila tossiu e se perguntou se haveria um extintor de incêndio...

Então ouviu o som de passos se aproximando e pensou em sair correndo, mas Samir apareceu antes que ela conseguisse fazer alguma coisa.

– A casa está pegando fogo? – berrou ele.

– Não é a... Ai! – Tossindo, Leila abanou a fumaça do rosto. – Não é a casa!

Ela abriu a torneira, molhando as páginas, enquanto Samir ligava o ventilador sob o micro-ondas e, em seguida, escancarava a janela.

O alarme de incêndio disparou. Ficava bem em cima de onde Leila se encontrava e parecia apitar dentro de sua cabeça.

– Faça alguma coisa!

– *Chup kar!*

Samir pegou uma vassoura e bateu com força no alarme, que caiu no chão e morreu com um grunhido. Olhou para Leila.

– Eu nem sabia que a gente tinha esse negócio.

Lentamente, Leila destapou as orelhas. A fumaça havia cessado e ela fechou a torneira. O livro estava encharcado na pia, mas não tinha sofrido danos.

– Ah... – murmurou Leila, pegando o livro.

Não havia queimado. Ela o abriu. A tinta não tinha borrado com a água.

Aliás, havia uma frase nova: *Não se via o dano que o fogo havia causado, mas ele estava lá.*

Leila fechou o livro com força.

– O que foi? – perguntou Samir, olhando para o livro molhado e depois para o rosto da prima. – Você está bem? Você parece...

– O que está acontecendo aqui?

Era Babar Taya, que entrou às pressas na cozinha, seguido pela mulher e por Rabeea, parecendo muito irritada. Todos ainda estavam de pijama, mas Jamila Tai tinha vestido um robe sobre a camisola.

– Vocês estão bem? – acrescentou ele.

Wali se intrometeu, gritando:

– O que aconteceu? *Kya ho raha hai?* Que cheiro é esse?

Uma gota d'água pingou do livro, caindo no mindinho do pé de Leila.

– A Leila queimou uma torrada – explicou Samir. – Vocês sabiam que a gente tinha um...? – Ele apontou para o detector de fumaça. – Sabiam que isso funcionava?

– Bem, parece que não funciona mais – falou Rabeea, observando as peças do alarme espalhadas no chão.

– É claro que a gente tem um alarme de incêndio – explicou Jamila Tai. – Eu mandei o Chirragh instalar.

– Por quê? – perguntou Rabeea. – A casa é de concreto.

– Porque seu pai e eu moramos dois anos em Connecticut e todo mundo nos Estados Unidos tem um desses. E eles sempre ficavam nos lembrando de trocar as pilhas, então acabei me acostumando – respondeu Jamila Tai. – Leila, se quiser torradas, posso preparar para você.

A menina lançou um rápido olhar para Samir. Ele ergueu mais um pouco sua sobrancelha já elevada e meneou a cabeça.

– Claro – disse ela devagar, sentando-se numa cadeira. – Muito obrigada.

– Eu vou voltar para a cama – anunciou Rabeea.

Ninguém tentou impedi-la.

Wali subiu na cadeira ao lado dela.

– *Halvah poori!*

Como de costume, todos o ignoraram e entraram em ação. Babar Taya começou a preparar o café e Jamila Tai perguntou se mais alguém gostaria de *roti*. Depois, gritou por Chirragh, que entrou mancando, com a cara amarrada habitual.

Sem emitir uma palavra, Samir pôs um copo de suco de laranja diante de Leila. Ela olhou para ele, que sorriu gentilmente. O livro úmido estava no colo dela e Samir o fitou

de relance. Continuou calado.

Não se via o dano que o fogo havia causado, mas ele estava lá.

A frase ecoava na mente de Leila, que segurou o volume com mais força.

Foi só então que começou a imaginar o que o livro poderia querer dela.

Depois do almoço, Jamila Tai perguntou a Leila se gostaria de comprar bugigangas – foi isso mesmo que ela disse, “bugigangas” – de lembrança do Paquistão para dar a amigos e parentes. Nadia havia pedido *khussas* roxos tamanho 36 e Leila queria levar pulseiras para Ta’Mara, então respondeu que sim. Rabeea anunciou que desejava comprar *kohl* para os olhos e Wali aproveitava qualquer pretexto para sair de casa, então pediu para ir junto.

Assim, todos eles se espremeram no carro e Asif, o motorista, deu partida.

– Não estou encontrando o cinto de segurança – disse Leila, achando que Rabeea estivesse sentada em cima dele. As duas estavam com Jamila Tai no banco de trás.

– Ah, acho que este carro não tem – informou Jamila Tai sem dar importância.

Wali estava na frente, distraído com o rádio, saltitando alegremente.

Os pais de Leila viviam preocupados com cintos de segurança, coletes salva-vidas e capacetes de bicicleta. Até porque a maioria dessas coisas era obrigatória por lei. Mas ela percebeu que os paquistaneses não pareciam se preocupar tanto com a segurança quanto os americanos.

Leila também percebia agora que Asif acelerava ao máximo pela contramão até o último momento para então

entrar bruscamente na faixa certa, buzinando. Ninguém mais parecia pensar que aquilo não era certo. Ela fechou os olhos e se concentrou em sua respiração. A mãe costumava fazer isso quando estava estressada. Ao inspirar, sentiu o cheiro de fumaça que o desastre com o livro naquela manhã deixara nos cabelos. Inspirou de novo, esperando que o livro não decidisse segui-la no passeio ao shopping. Por algum motivo, a técnica de relaxamento não estava dando muito certo.

Entraram num estacionamento na frente do que parecia ser um shopping a céu aberto. Mas não era como nos Estados Unidos: havia um monte de lojas, cada uma delas apinhada de itens. Um idoso com uma só mão bateu com o coto na janela do carro. Seus olhos negros imploravam enquanto ele dizia algo em urdu, as palavras abafadas pelo vidro do carro.

Uma lembrança aflorou na mente de Leila, que se encolheu por um momento. Ela era criança e visitava a avó em Lahore. Uma mulher aflita segurou um bebê de olhos pretos na frente da janela do carro, e Leila enterrou o rosto no xale da avó e caiu em prantos. Durante anos, lembrava-se de Lahore como um lugar onde era tratada como uma princesa. Havia esquecido como era sair pela cidade.

Leila já ia pegar a bolsa, mas Rabeea segurou seu pulso.

– Se fizer isso, todos eles vão vir para cá.

Tinha o olhar gentil, mas uma voz firme. Foi então que Leila se deu conta das pessoas que circulavam entre os carros: crianças vendendo flores, velhas, aleijados, pobres, gente desesperada.

– Triste.

Foi a única palavra que lhe ocorreu. Todas as outras pareciam ter congelado. Leila sentiu a garganta fechar e o peito ofegar com o peso da tristeza, tão intensa que mais parecia medo.

– Você não tem como ajudar todos – avisou Rabeea. –

Além do mais, muitos trabalham para o crime organizado. Os chefões pegam o dinheiro e deixam as pessoas passando fome.

Leila não sabia se a prima tinha contado aquilo para fazê-la se sentir melhor, mas o efeito foi inverso: ela parecia ter tomado uma punhalada, imobilizada pelo choque. Estava começando a se perguntar se o coração de Rabeea era feito de granito.

Jamila Tai manteve o olhar fixo à frente quando Wali apontou para um vendedor que segurava um enorme buquê de balões cafonas.

Leila baixou o olhar, fixando-o nas pernas. *Inspire*, disse a si mesma. *Expire*.

Atrás do vendedor estava o mercado. Viam-se elegantes roupas infantis, joias reluzentes, um banco, uma loja de tapetes vibrantes. Asif circulou pelo estacionamento e freou de repente. Com agilidade, desceu do carro e abriu a porta de Leila.

– Obrigada – agradeceu Leila. – *Shukria*.

– De nada – respondeu ele, sorrindo sob o bigode preto.

Asif era jovem – devia ter 20 e poucos anos – e muito bonito. Leila o vira ajudando na cozinha uma ou duas vezes. Ele costumava escutar música com fones no ouvido e conversar ao telefone enquanto arrumava frutas numa travessa. Ela tentou imaginar como seria a vida dele nos Estados Unidos.

– O Mercado da Liberdade – anunciou a tia como se fosse comissária de bordo.

Jamila a conduziu até a banca de pulseiras e Wali ficou na ponta dos pés para ajudá-la a escolher. Leila tinha certeza de que Ta'Mara gostava de roxo, mas o menino insistiu que a turquesa era a mais bonita, então foi a que Leila pegou. Depois, o vendedor de bijuterias – com o rosto marcado pela

varíola, orelhas enormes e vários dentes a menos – tentou lhe mostrar alguns brincos segurando os pares na frente das próprias orelhas, como se fosse modelo. Leila teve que se segurar para não rir. Por um instante, cogitou levá-los para Aimee, mas imediatamente rejeitou a ideia. De que serviria?

– Só isso aqui – disse Leila, indicando as pulseiras turquesa.

Depois, foram a uma loja de CDs e DVDs – todos pirateados e à venda por uma fração do preço que custariam nos Estados Unidos.

– *Pakistan Idol!* – gritou Wali, apontando para uma estante de CDs. – Zamad Baig!

– Ele ganhou a primeira temporada – explicou Rabeea. – Wali é fã número um dele.

– Nã-ãooo – cantarolou Wali. – Eu queria que o outro ganhasse.

– Muhammad Shoaib – esclareceu Jamila Tai. – Samir também estava torcendo para ele.

Rabeea deu um sorriso constrangido.

– É o programa preferido da minha mãe.

– E seu também! – completou Wali, recebendo um olhar feio de Rabeea.

– É o preferido da minha mãe também – disse Leila. – Quer dizer, o *American Idol*. Nem sei se ela conhece esse aí.

Ela achou engraçado e esquisito ver *Pakistan Idol* escrito com a mesma letra do programa americano, assim como era curioso ver um balão do Homem-Aranha ao lado de um homem que vendia mangas numa carroça puxada por um burro. Para Leila, o Paquistão misturava coisas familiares e exóticas e fazia cada momento parecer um sonho.

Leila comprou um CD do *Pakistan Idol* para a mãe. Então, Rabeea anunciou que queria fazer as sobancelhas. Jamila Tai ia escovar o cabelo.

– E você, Leila? – perguntou ela. – Quer pintar as unhas?

– Ah, não, obrigada.

As amigas de Leila gostavam de esmaltes, mas ela achava que isso deixava seus dedos esquisitos e pesados.

– Eu não quero ir para o salão! – reclamou Wali.

Jamila Tai estava quase insistindo para que Leila fosse com elas quando a garota se ofereceu para levar Wali para tomar sorvete. O menino ficou tão entusiasmado que a tia não pôde recusar.

– Bom, ele ia deixar a gente maluca se ficasse lá dentro, de qualquer forma – disse Rabeea, já subindo os degraus da entrada do salão.

Jamila Tai franziu a testa, mas, no fim, teve que concordar. Havia uma sorveteria a três lojas de distância do salão. Ela nem precisou indicar: Wali sabia o caminho.

Quando Jamila Tai e Rabeea desapareceram atrás da porta de vidro fumê, Leila ficou feliz, quase triunfante. Estava em outro país e ia levar o priminho para tomar sorvete. Sentiu-se tão independente quanto Elizabeth Amada.

– Qual é o seu sabor preferido? – perguntou para Wali.

– Baunilha! – exclamou ele, fazendo Leila rir. – Baunilha está errado? – indagou.

– Claro que não. Baunilha está perfeito. Um clássico.

À frente deles, um menino descia a rua puxando dois bodes. Um era branco, com uma longa faixa vermelha nas costas e um desenho vermelho no flanco direito em forma de flor. O outro era preto. Ambos estavam adornados com guirlandas de flores nos chifres e em volta do pescoço. Eram os bodes mais elegantes que Leila já tinha visto.

– Uau! – disse Leila, pegando a câmera.

– São para o Eid – explicou Wali enquanto Leila tirava uma foto.

O menino que puxava os bodes olhou para Leila com ar

interrogativo. Ela ergueu o polegar, fazendo o sinal de “joia” para ele.

Ele lhe disse algo em panjabi, então ela sorriu e respondeu:

– Bonito bode!

Fez outra vez o gesto com o polegar.

O menino falou mais alguma coisa.

– Ele perguntou se você quer olhar mais de perto – explicou Wali. – São duas fêmeas.

– Ah, claro! – exclamou Leila, concordando com a cabeça.

Outro sinal de “joia”. Ela nunca tinha feito aquele gesto, mas parecia ser a única resposta adequada para aquela situação em particular.

O menino levou as cabras até ela, que tirou mais algumas fotos. A branca tentou morder a ponta do seu cachecol e Leila riu. Ela lhe deu uma bronca e a acariciou no pescoço.

– Que cabra boazinha! Que cabra simpática! – A cabra recostou a cabeça nela e Leila lhe deu um beijo. – Nossa, quero levá-la para casa!

O pastor olhou para Wali, que disse algo em panjabi e apontou para Leila. Ela deduziu que ele tivesse traduzido o que ela dissera, pois o menino exibiu as cabras para ela, abrindo a boca dos animais, mostrando os dentes e tudo o mais. Leila notou que ele sentia muito orgulho dos animais. Ela assentiu sorrindo e fez mais carinho neles.

– Ele quer saber de qual você gostou mais – disse Wali.

– Gostei das duas. Bom, acho que mais da branca. Ela tem personalidade. – Fez mais um carinho na cabra mencionada. – E adorei a pintura com hena.

Wali e o pastor trocaram algumas palavras. Em seguida, o menino fez uma reverência para Leila, que abriu outro sorriso para ele. O pastor disse mais alguma coisa em panjabi.

– Ele quer 500 rúpias agora – traduziu Wali.

– O quê? Por quê?

– Pela cabra – explicou o primo, como se fosse óbvio.

A alegria de Leila murchou. Ela tinha ouvido falar de pedintes desse tipo, que exigiam dinheiro quando alguém tirava uma foto. Estava quase recusando a proposta, mas, quando olhou para baixo, viu que o menino estava descalço e tinha calos grossos nos pés sujos. Sentiu uma vergonha profunda.

Talvez eu não possa ajudar todos, pensou Leila, lembrando as palavras de Rabea. Mas posso ajudar este menino com as cabras. Ele está andando por aí na esperança de que alguém fotografe os animais enfeitados. É insano. Provavelmente eu serei a única cliente que ele vai ter no dia inteiro. Na semana inteira. Lahore não é exatamente uma cidade turística.

Leila vasculhou o bolso e pegou 500 rúpias. Não sabia direito quanto dinheiro era aquilo. Quantos dólares. Precisava de um monte de rúpias para dar um dólar, disso ela sabia. O pastor sorriu e agradeceu.

– *Shukria* – respondeu ela, sorrindo novamente.

– É uma cabra excelente! – exclamou Wali, entusiasmado, o que fez Leila rir.

Bem, ele estava certo. A cabra era bonitinha.

Leila passou as fotos da cabra na câmera. Tinham ficado muito boas. Havia uma em que ela parecia sorrir, com um olhar de quem está entendendo tudo. Mal podia esperar para mostrar para Ta'Mara. Ela acharia aquilo hilário. E era mesmo.

Cabras enfeitadas.

Rá!

Até as cabras se enfeitam para o Eid aqui, pensou Leila, sorrindo, e foi imediatamente distraída por Wali, que vira um homem vendendo balões do Homem-Aranha. Leila não tivera tempo de calcular quando seria o feriado de Eid nem o que as

cabras tinham a ver com ele.

Não se demora tanto para tomar sorvete, a menos que você tenha 7 anos e dê lambidinhas mínimas para que o prazer dure mais. Leila não se importava, embora já tivesse terminado o seu fazia tempo. Estava se divertindo ali com Wali, olhando as fotos que tirara, revendo a cabra. Curtia não estar em casa com aquele livro assustador, e quase não pensava nele – só de vez em quando. E, mesmo quando o fazia, já não o achava tão assustador. Aliás, Leila começava a acreditar que tudo não passava de imaginação sua. O jet lag pode explicar muita coisa.

A sorveteria era limpa e iluminada e poderia se localizar em qualquer shopping dos Estados Unidos. Leila se sentia à vontade ali. Na verdade, ela estava se sentindo à vontade até um garoto bonito, de cabelos arrepiados, entrar.

– Leila! – exclamou Zain como se já a procurasse por muito tempo.

Ele vestia um *salwar kameez* creme e foi lindo vê-lo se aproximar da mesa deles e bagunçar o cabelo de Wali.

– Ei! – reclamou o menino, sem tirar os olhos do sorvete.

– Eu devia saber que ia encontrar vocês aqui – disse Zain, apoiando-se na mesa de mármore. – É a melhor sorveteria de Lahore.

Leila sorriu, torcendo para que o embaraço fizesse sua pele reluzir. Elizabeth Amada sempre fazia com que o rubor aumentasse o seu charme. Ponderou se deveria perguntar pela mãe de Zain, como Elizabeth faria, ou se pareceria estranho.

– Que sabor você escolheu? – perguntou Zain. – Minha mãe sempre pede sorvete de café. Duas bolas de café e uma de chocolate com pedaços. O de chocolate é para mim.

Com um sorriso, ele foi até o balcão e fez o pedido. Ela o viu esperar apoiado na bancada de mármore. Quando o sorvete de Zain chegou, Wali tinha terminado, então os três saíram juntos.

Zain caminhou até um Lexus branco, voltando-se para Leila com um sorriso largo.

– Talvez isto não chegue ao seu destino – disse, mostrando a sacola.

Leila estava prestes a responder quando um homem puxou o cotovelo de Zain. Era muito pequeno, apenas um pouco mais alto que Wali, e o rosto tinha uma teia de rugas profundas espalhadas pela pele escura. Usava um gorro pontudo de ouropel e o que parecia ser um lençol laranja imundo. Falou algo para Zain e olhou para Leila.

– O que foi? – indagou Leila.

Zain o enxotou com uma resposta irritada. Mas o homem continuava a fitar Leila, à sombra das grossas sobrancelhas grisalhas. Aquele olhar a deixou paralisada e ele pronunciou algumas palavras lentamente, como se quisesse ajudá-la a entender. Mas ela não entendeu.

O homem estendeu a mão na direção dela, mas Leila não conseguiu se esquivar. Os dedos dele tocaram o topo da cabeça dela.

Leila finalmente encontrou a própria voz:

– O que ele está fazendo?

– Ele é um faquir – explicou Wali enquanto Zain pegava a carteira. – Está abençoando você.

Leila não se sentiu exatamente aliviada, mas pelo menos o faquir parou de falar. Zain lhe ofereceu uma nota e ele fez cara de desgosto. Porém, pegou o dinheiro antes de se afastar.

– Peço desculpas – disse Zain, fechando a carteira e voltando a guardá-la no bolso de trás. – Tem mendigos em

todo lugar. Está cada vez pior.

– Ele é um sacerdote – explicou Wali a Leila, ignorando Zain.

– O que ele disse? – perguntou ela.

– Que o mundo é um milagre – explicou Wali. – E que você não deve temer o mundo, mas procurar as respostas no livro.

– No livro? – repetiu Leila.

Sentiu a cabeça girar. Como o faquir saberia do...

– O Alcorão, eu suponho – complementou Zain.

Leila se perguntou o que Elizabeth Amada faria, mas não conseguiu pensar numa resposta. Aquilo tudo estava ficando esquisito demais. O faquir se referia ao Alcorão ou ao seu livro? Seu livro mágico? Aquele que parecia escrever a própria história toda vez que ela o fechava? *Mas isso é impossível, porque aquele livro não é mágico.*

Olhou para Zain, que estava sorrindo para ela como se esperasse tranquilizá-la. *Isto aqui é que é real*, disse a si mesma. *Esta é a minha história. Sou eu que decido a minha história, e minha história é uma aventura romântica! Porque eu tenho uma vida de viagens internacionais e fortes emoções!*

Isso, meus amigos, é mais conhecido como pensamento positivo.

O cadáver excêntrico

Não se via o dano que o fogo havia causado, mas ele estava lá.

Contavam-se muitas histórias sobre por que o fogo não havia destruído a casa. Alguns afirmavam que era feita de pedra, então o fogo não poderia queimar. Outros relatavam

que uma tempestade repentina tinha apagado o incêndio. E uns diziam ainda que era impossível queimar uma casa feita com o coração frio de Melchisedec Jonas.

Vou contar a história dele.

Melchisedec Jonas foi capataz da Companhia Caixão Americano durante oito anos.

– É o melhor capataz que eu já tive – elogiava seu chefe, o Sr. Pickle, dando um tapinha nas costas de Melchisedec.

Claro, o homem fora o único capataz que ele tivera. Mas isso não importava.

Melchisedec era rigoroso e, quando estava na fábrica, os caixões ficavam sempre perfeitos. Se assim não estivessem, eram destruídos e jogados no lixo. Mas o pessoal dizia que ele gostava mais dos mortos do que dos vivos, de tão mal que tratava os funcionários. Não havia folgas. Não havia compreensão. Havia apenas trabalho.

A fábrica, porém, prosperou. E, quando o proprietário e sua esposa morreram num incêndio misterioso, poucos se surpreenderam ao saber que Melchisedec assumiria o cargo de presidente da Companhia Caixão Americano até que a filha mais velha deles, Edwina, atingisse a maioridade. As pessoas também não se espantaram ao ouvir que Edwina Pickle e seu irmão caçula, Parker, ficariam sob os cuidados do novo guardião, Melchisedec Jonas. O Sr. Pickle sempre confiara nele.

Mas Ralph não sabia de nada disso enquanto esperava pacientemente no pátio de Melchisedec. Seus pais haviam sido chamados à casa do Sr. Jonas para uma reunião. Ralph agora tinha 13 anos – passaram-se cinco desde que a Sra. Flabbergast salpicara o pó do frasco na panela de repolho. A partir daquela noite, todo chucrute que preparava nela ficava incrivelmente delicioso.

O pai de Ralph começou a vender o Famoso Chucrute dos

Flabbergast, e nunca havia potes o suficiente na prateleira. Pela primeira vez, a família finalmente conseguira juntar algum dinheiro.

Agora, Melchisedec Jonas desejava comprar a fábrica, mesmo que não existisse nenhuma. Ele queria o nome e a receita, e não aceitava recusas.

– Escolha uma carta, qualquer uma – disse Ralph para a menina de olhos amendoados sentada à sua frente.

Ela era tímida, tinha longos cabelos pretos e olhos que lembravam um oceano profundo num dia de tempestade: azul, verde e cinza.

– Não gosto de truques – retrucou a menina.

– Eu escolho uma!

O irmão tirou uma carta. Ele era mais alto e animado que a menina, mesmo sendo mais novo, mas não muito.

– Não me deixe ver – pediu Ralph.

Ele o instruiu a devolver a carta ao maço e o surpreendeu retirando-a de trás da orelha do menino.

– Edwina! – gritou ele para a irmã, sorrindo. – Olhe! É mágica!

– É só um truque, Parker. Isso não é mágica de verdade.

– Como sabe? – perguntou Ralph.

Edwina olhou bem no fundo dos olhos dele.

– Porque eu sei como é a verdadeira mágica.

Ralph sentiu uma leve tontura.

– Sabe? – indagou, sem desviar o olhar.

Pensou no frasco que estava escondido em seu bolso. Passara cinco anos sem abri-lo, desde que jogara um pouco do pó na árvore e, horas mais tarde, ela fora atingida por um raio mas não morrera. (Aliás, nas semanas seguintes, abriu folhas ainda mais viçosas do que já tinha produzido.) No mesmo dia, sua mãe salpicara um pouco na panela de chucrute, e isso acabou mudando a vida da família. Dois

desejos já tinham sido gastos sem qualquer planejamento, e Ralph não queria desperdiçar o terceiro.

Ralph também acreditava em magia e ansiava por ela, embora sentisse medo. Era por isso que aprendera truques e nunca tirava o frasco do bolso – queria se aproximar o máximo possível da magia, mas sem tocá-la de fato. Não queria jogar fora a última dose nem perdê-la de vista.

Ralph tentou ler o pensamento de Edwina para ver o que estaria escondido nas profundezas daqueles olhos.

A porta se abriu e três adultos saíram atabalhoadamente.

– Ralph, já estamos indo – anunciou o Sr. Flabbergast, segurando o chapéu na frente da barriga.

– Vou pedir que meu advogado mande os documentos.

Melchisedec Jonas era um homem pequeno, vestia-se de modo extravagante e tinha os cabelos pálidos colados à cabeça e olhos que pareciam sem vida.

Os pais de Ralph eram sempre muito bem-educados, mas não olharam para o Sr. Jonas quando pegaram o filho e o fizeram andar. E, assim, Melchisedec matou a pequena magia que quase mudara o destino da família.

A Sra. Flabbergast nunca mais fez outro vidro de chucrute.



CAPÍTULO SETE

Kai

SE A BIBLIOTECA QUERIA se camuflar de chalezinho de madeira, fez um ótimo trabalho, pensou Kai. Era muito diferente das bibliotecas de Baltimore. Não parecia ser nem um pouco oficial. Aliás, não fosse o cartaz pintado à mão na cerca branca, ela mal teria notado aquela casinha na rua principal.

– Por que a gente não pesquisa a mariposa no computador do seu pai? – perguntou Kai.

– Esta biblioteca tem coisas que você não vai achar em nenhum outro lugar – contou Doodle.

Kai olhou para a construção antiga e ergueu as sobrancelhas.

– Ácaros, por exemplo?

Doodle a ignorou e empurrou o portão, que cedeu com um rangido acolhedor. A tinta dos degraus da entrada de madeira estava desgastada de tanto que as pessoas carregavam livros para lá e para cá. De modo geral, havia algo naquela casa que fazia Kai pensar numa senhora amigável, do tipo que adora receber visitas.

– Doodle!

O jovem do outro lado do balcão ficou encantado de vê-la. Tinha os braços cheios de tatuagens coloridas, que apareciam por baixo das mangas arregaçadas da camisa retrô de atendente de posto de gasolina. Estava escrito “Vinnie” na frente do bolso. O cabelo escuro tinha sido cortado bem rente nas laterais e terminava num topete sobre os óculos de armação preta.

– Espere aí! – disse ele, abaixando-se atrás do balcão.

– Quem é esse? – sussurrou Kai.

– O bibliotecário, quem mais poderia ser? – rebateu Doodle. Não sussurrou. Ela não era nada sutil. – Carlos.

– O nome dele não é Vinnie?

Doodle deu uma risadinha.

– Não acredite em tudo que você lê.

Carlos reapareceu segurando um volume enorme que estava caindo aos pedaços.

– Desencavei do arquivo!

– Não acredito! – exclamou Doodle, correndo até ele.

Uma mulher loura muito magra, de olhos verdes e boca larga, fez “shhh” para eles.

Carlos murmurou:

– Estava lá embaixo. Oi – acrescentou, olhando rapidamente para Kai. – Enterrado nos fundos. Totalmente *fora* do lugar! – Falou isso como se já estivesse acostumado à incompetência alheia.

Doodle estendeu a mão, mas se conteve.

– Posso?

Carlos lhe deu um par de luvas brancas de algodão, que ela calçou.

– Você vai olhar o livro ou se preparar para uma cirurgia? – perguntou Kai.

– Carlos, a Kai é nova por aqui.

Doodle não tirou os olhos do livro, virando com cuidado as

frágeis páginas de anotações feitas à mão.

– Você também é lepidopterologista? – sussurrou Carlos, empurrando os óculos grossos para o topo do nariz.

A armação não demorou a deslizar novamente.

– Não, por quê? Por acaso *todo mundo* nesta cidade curte mariposas ou algo do tipo? – indagou Kai.

Doodle ergueu os olhos. Ela e Carlos fitaram Kai.

– O que foi?

– Whittier Springs era um grande destino turístico – explicou Doodle. – Por causa da migração anual de mariposas.

– Turístico?! – repetiu Kai, com um leve sorrisinho.

Supôs que estivessem zombando dela.

– Tivemos uma colônia inigualável de mariposas-celestiais, a única do país – explicou Carlos. – Por isso temos um festival anual – disse, apontando para baixo.

Colado na frente do balcão havia um folheto anunciando a 134ª Feira Anual de Lepidopterologia!

Pois é, eles estavam falando sério.

Kai sentiu o rosto ficar vermelho.

– Antigamente as pessoas acreditavam que as mariposas curavam doenças – continuou Doodle. – Até doenças mentais.

– É, mas... – Kai torceu o nariz, ainda sentindo o rubor. – Vocês não acreditam nisso, né?

Carlos franziu as sobrancelhas com tanta força que os óculos quase caíram da ponta do nariz.

– Como a gente vai saber? – questionou ele, acomodando os óculos lentamente. – Ervas e insetos são a base da medicina moderna.

Kai não sabia como contestar aquele argumento. Até era convincente, mas ela não estava acostumada a ser contrariada e não achou isso muito legal.

– E como uma mariposa curaria uma doença mental?

Pousando na sua cabeça?

A moça na mesa próxima fez “shhh” novamente.

– Peço desculpas – disse Carlos. Seu tom de voz pareceu sincero, mas a mulher franziu o cenho. Ele se virou para Kai outra vez. – Acho que há uma resposta bastante óbvia para a sua pergunta, se você parar para pensar.

Mais um ponto para Carlos. Kai ficou com vontade de se enfiar debaixo do tapete. Como ninguém parecia querer lhe dar razão, ela decidiu mudar de assunto:

– Humm... que livro é esse?

– É o diário de um lepidopterologista amador – respondeu Doodle.

– Foi a Doodle que achou o título no nosso antigo catálogo de fichas – explicou Carlos.

– Que mais parece uma peça de decoração – completou Doodle. – Ninguém mais procura nada lá.

– Só a Doodle – disse Carlos. – Ela me mostrou a ficha e eu comecei a revirar o arquivo atrás dele.

– Foi assim que achamos vários outros livros raros.

Kai percebeu que Carlos tinha com os livros a mesma relação que Doodle com as mariposas. A mesma que Kai tinha com o violino. Era uma coisa que se aninhava dentro da pessoa e a deixava feliz toda vez que pensava no assunto.

Pelo menos era assim que ela costumava se sentir com o violino. Por alguma razão, pensar nele agora a enchia de solidão.

– Posso levar para casa? – perguntou Doodle.

Carlos contorceu o rosto.

– Não posso. É o único exemplar, Doodle.

– Eu sei, mas...

– Guardo atrás do balcão para você. Não vou deixar ninguém mais pegá-lo.

Doodle hesitou, aparentando preocupação.

– Promete?

– É claro!

– Quem mais ia querer um livro desses? – perguntou Kai, genuinamente curiosa.

– Ai, meu Deus!

Doodle arrancou as luvas de algodão, olhando, chocada, por sobre o ombro de Carlos.

O bibliotecário nem questionou – apenas tirou o livro de cima do balcão e o guardou na prateleira de baixo, bem na hora que Kai se virou e viu Pettyfer se aproximar.

– Oi, *Miriam* – Pettyfer cumprimentou Doodle. – Veio fazer uma pesquisazinha?

Ele fitou Kai com os olhos azuis sem emoção, e ela sentiu um leve calafrio.

– É o que eu perguntaria para você ontem – rebateu Doodle. – O que estava fazendo no cemitério?

Pettyfer se apoiou casualmente no balcão. Kai teve vontade de lhe dar um empurrão e fazê-lo se estabacar no chão. Mas se conteve.

– Não preciso de uma desculpa para estar perto da fábrica da minha família.

– Tem certeza de que você não estava caçando mariposas?

Pettyfer deu um meio sorriso.

Kai resistiu à tentação de lhe dar um tabefe e acabar com aquela arrogância toda. Queria apenas que ele fosse embora. Havia algo naquela frieza metida a besta que a deixava ao mesmo tempo furiosa e amedrontada.

Carlos torceu o nariz como se tivesse sentido um cheiro ruim.

– Eu tenho que... arquivar uma coisa – disse, dirigindo-se para o carrinho de livros.

Carlos e Doodle se entreolharam antes de ele se afastar.

Pettyfer acompanhou o carrinho com os olhos e, em seguida, voltou a fitar Doodle.

– Talvez eu estivesse atrás de uma certa mariposa-esfinge – falou com ar de superioridade.

– Ou talvez quisesse roubar o que quer que eu conseguisse capturar – replicou Doodle.

– Por que eu faria isso? – perguntou Pettyfer com um sorrisinho petulante que fez Kai sentir um calafrio lhe descer pela espinha. – Já tenho um projeto para a Feira de Lepidopterologia que vai dar uma surra em qualquer coisa que você consiga pensar em apresentar. Uma demonstração.

Kai não conseguiu mais resistir à tentação.

– Você está falando sério?

E soltou uma risada roncada.

A moça loura fechou o livro com força e fez uma careta para eles.

– Falem baixo – disse num sussurro alto. – Algumas pessoas estão tentando estudar.

Kai assentiu e se virou para Pettyfer.

– Você está falando sério? – repetiu num murmúrio estrangulado. – A gente está preparando uma coisa tão incrível que provavelmente vai fazer o seu cérebro explodir e escorrer pelos ouvidos.

Doodle balançou a cabeça e arregalou os olhos para Kai, indicando em silêncio que devia parar com aquilo.

Pettyfer pareceu cético.

– Aham. Tipo o quê?

– Tipo uma *surpresa* – disparou Kai. – Uma *grande* surpresa! A maior surpresa que você vai ver no próximo século!

– Até parece. Miriam tentou ganhar o prêmio de 500 dólares por três anos seguidos. E em todas as vezes ela perdeu. Para *mim*.

– Por que você fica chamando a Doodle de Miriam?

– Porque é o nome dela.

Kai olhou para a amiga, que deu de ombros.

– Tecnicamente, Doodle é meu *segundo* nome.

– E que história é essa de 500 dólares? – Kai exigiu saber.

Ela não imaginava que a Feira de Lepidopterologia incluísse um prêmio em dinheiro. Olhou para Doodle, que comprimiu os lábios e se encaminhou para a porta.

– Vejo vocês mais tarde – disse Pettyfer.

– Não se a gente vir você primeiro – rebateu Kai. – Ok, ok, já estamos saindo – acrescentou ela, quando a loura fez um “shhh” tão alto que podia derrubar a casa do terceiro porquinho.

Doodle já passava pelo portão a passos rápidos. Kai hesitou um instante, sem saber se deveria segui-la. Tinha pensado que ela era sua amiga... mas seria mesmo? Ela não mencionara nada sobre o prêmio de 500 dólares e Doodle nem era seu nome verdadeiro.

Kai se sentiu pequena, tão ínfima quanto uma semente de dente-de-leão. E inútil. Ela detestava isso, mas não sabia o que fazer para melhorar.

Doodle parou e se virou para trás.

– Você vem?

Kai continuou do outro lado do portão.

– Quando você ia me contar sobre os 500 dólares?

– Depois que a gente ganhasse. Se ganhasse.

– Por que não antes?

– Porque o foco da Feira de Lepidopterologia não é o *dinheiro* – explicou Doodle lentamente. – Não é *vencer*.

– E qual é?

– São as *mariposas*.

Aquela palavra suave, *mariposas*, ficou ali pairando no ar entre elas. Kai sentiu a raiva titubear, como um dente-de-leão

ao vento. Flutuou por alguns momentos, então tomou a direção de Pettyfer.

– Ok, mas a gente também não pode deixar aquele... aquele idiota ganhar.

– Exatamente – concordou Doodle. – Ele não se importa com as mariposas.

Kai pensou.

– Bom, parece que se importa, sim. Ou se interessa, pelo menos.

– Ele só se interessa em *matá-las*. Pettyfer espeta as mariposas ainda *vivas* numa placa, Kai. – A voz de Doodle tinha um tom desesperado. – Ele não é lepidopterologista. É um *coleccionador*.

Kai imaginou uma mariposa frágil, batendo desesperadamente as asas enquanto Pettyfer atravessava seu corpo com um alfinete. Desejava não ter imaginado aquilo. Agora não conseguia parar de visualizar aquela cena e estava ficando nauseada.

– Ele não merece ganhar – murmurou Doodle. – Ele não merece nada.

Kai concordou. *Elas não podiam deixá-lo ganhar. Não deixariam. Porque Pettyfer merecia somente uma coisa: fracassar.*

No dia seguinte, as meninas voltaram à biblioteca. Carlos insistiu que o diário era delicado demais para colocar na fotocopadora, mas permitiu que Doodle tirasse foto das páginas com o iPad do pai. Depois retornaram à casa de Lavinia e se sentaram à mesa de fórmica desgastada com pontinhos dourados, na cozinha.

Doodle ficou olhando as imagens enquanto Kai servia dois copos de uma bebida que tinha inventado no fim de semana:

o Suco Luna, em homenagem às mariposas verdes brilhantes. Era uma mistura de limonada e refresco em pó verde. Surpreendentemente, tinha ficado bom. E ainda deixava a língua esverdeada.

A tia-avó logo ficara viciada e, nos últimos dias, deixara uma jarra pronta na geladeira. “Uau, garota, não saia dando essa receita secreta por aí”, dissera ela. “Vamos ganhar uma nota! Escrevi dez poemas desde que a gente começou a preparar isso. Faz bem para o cérebro!”

– E o que você acha que é isso? – perguntou Doodle, apontando para uma imagem na tela que tinha cinco linhas repletas de números.

– Quase parece uma partitura musical, mas sem as notas. Não sei o que os números podem significar.

– Olhe isto.

Doodle ampliou outro desenho. Era uma mariposa de asas abertas. A cor era singular: azul-claro com faixas brancas na asa superior e um grande ponto preto e amarelo, que quase lembrava um olho, na asa inferior.

– Irregular – disse ela, apontando para a borda ondulada das asas. – É uma celestial.

Kai olhou para o vidro velho de geleia de amendoim que Doodle colocara na mesa. Dentro dele havia um graveto, folhas verdes e a bolinha coberta de resina que podia ou não ser um casulo que podia ou não ser de uma mariposa-celestial.

– Há várias páginas sobre elas.

Doodle passou as imagens, mostrando o desenho de uma mariposa pousada, outra sobre uma flor vermelha e a terceira voando. Depois vinham desenhos de outras mariposas, algumas borboletas e vários louva-a-deus.

– Alguém gostava *mesmo* de insetos – comentou Kai.

– Todo mundo curte alguma coisa. Você curte o quê?

– Violino – respondeu Kai sem pensar duas vezes.

– Sério mesmo? – indagou Doodle, parecendo surpresa.

Kai se encolheu um pouco, em parte temendo que Doodle lhe pedisse que tocasse para ela, em parte desejando justamente isso.

– Mais ou menos.

– Legal. – Doodle voltou sua atenção para o casulo. – É muito difícil identificar qualquer coisa nesse estado.

Os dedos de Kai pressionaram a própria coxa, tocando as notas conhecidas de sua música preferida de Mozart. Era um hábito que tinha ao pensar.

– O que a gente faz com isso?

Doodle suspirou.

– Não sei. Você quer?

– Você não quer?

– Não sei bem como descobrir o que é. Se for um casulo, a pupa provavelmente já secou.

– Ok.

A verdade é que Kai queria ficar com aquela coisa gordinha e estranha. Gostava do brilho que emitia na escuridão. Nunca vira nada parecido.

– É seu.

Doodle empurrou o vidro na direção dela.

Algumas horas mais tarde, depois do jantar e de uma partida de Banco Imobiliário – Lavinia ficara com todo o dinheiro delas, alertando: “Nunca falem de dinheiro com uma gerente de empréstimos aposentada!” –, Doodle foi para casa e Kai levou o vidro para o quarto. Deixou-o na janela e foi lavar o rosto e escovar os dentes. Após vestir o pijama, apagou a luz e sentou-se na beirada da cama, esperando que os olhos se adaptassem à escuridão. Demorou alguns momentos até que

visse o brilho suave do casulo, mas lá estava ele, emitindo uma luz tênue no fundo do vidro.

Seria mesmo o casulo de uma mariposa-celestial? Se fosse, a larva já devia estar morta.

Do lado de fora, os insetos pulsavam e zumbiam diversas melodias. Kai não entendia muito de insetos, mas entendia de música e distinguia o guizo alegre do grilo e a vibração rítmica do gafanhoto. Havia outros ruídos e, embora não conhecesse os músicos, Kai gostava de como aqueles sons faziam sua pele vibrar.

Era incrível pensar que um grilo, um bicho menor do que o seu dedo mindinho, fosse capaz de produzir um som que atravessava o quintal, entrava pela janela, passava pelos cabelos e entrava em seu ouvido.

Havia outro inseto, claramente um tenor. Ela adorava o ruído que ele produzia. Sempre que identificava um trecho da melodia, pensava num violoncelo.

Ah, lá vai ele de novo, pensou, esforçando-se para distinguir aquele som dentre muitos outros.

Lembrava bastante a abertura do segundo movimento da Suíte nº 1 de Bach. *Será que Bach gostava de insetos?*, Kai se perguntou, cantarolando a melodia. Tomada por uma saudade súbita do violino, ela se levantou e foi rapidamente até o armário.

O estojo preto jazia em meio às sombras, mas Kai, familiarizada com a sua forma, se ajoelhou e o abriu. Pegou o arco, o tensionou e aplicou a resina com atenção. Afinou as cordas e, então, caminhou até a janela, enviando uma nota fria e clara noite adentro. Os insetos pareceram se calar por um momento enquanto Kai tocava uma canção que nascia de dentro dela e, pouco depois, o coro respondeu, unindo-se às notas como uma orquestra de murmúrios e vibrações que se elevavam do gramado e das árvores.

Uma luz piscou e desapareceu diante da janela aberta, como uma brasa se apagando. Kai continuou tocando com a sinfonia de insetos, tentando memorizar as notas para não esquecê-las. *Eu devia registrar isso*, pensou. *A Sinfonia dos Insetos*.

O vaga-lume flutuou pelo quarto, pulsando, até que finalmente pousou na mesinha de cabeceira. Seu brilho aumentava e diminuía enquanto andava sobre as páginas de um livro aberto.

O inseto estava caminhando sobre *O cadáver excêntrico*. A orquestra prosseguiu, mas Kai baixou o arco e se aproximou para dar uma espiada. Havia um novo trecho. O pirilampo começou a bater as asas outra vez e voou em ziguezague até sair pela janela. Devagar, Kai atravessou o quarto e passou os olhos no novo trecho.

Talvez a música fosse um sonho, dizia.

O cadáver excêntrico

Talvez a música fosse um sonho.

Ralph piscou para todo aquele branco acima dele. Uma fina rachadura percorria a parede, logo abaixo de onde ela dobrava para o teto. Ele tinha acabado de acordar, mas não se sentia acordado. Sentia-se pesado, muito pesado, como se fosse atravessar o colchão e cair no chão. Como se fosse atravessar o chão e afundar no solo.

As pálpebras se fecharam, deixando de fora o quarto branco desconhecido. Ele não se perguntou onde estava. Não importava. Queria apenas voltar a dormir e, quem sabe, sonhar com música.

Durante alguns minutos, não ouviu nenhum som, exceto o

leve roçar de sua respiração. Depois, uma nota longa e alta, como numa canção.

Seus olhos foram se abrindo devagar. A música recusou-se a se calar.

A luz entrava por uma janela perto da cama. A música pressionava-a, empurrando o vidro como a pata de um gato.

Ralph virou a cabeça na direção da luz e do som.

Uma mulher entrou. Os cabelos escuros estavam partidos com precisão sob um chapéu redondo que lembrava uma pilha de panquecas, e a saia longa ondulava a cada passo. O nariz parecia um tomate cereja e as bochechas eram tão macias que quase pendiam. Abriu um sorriso meigo para Ralph, que pensou em quanto ela era simples e como parecia ser bondosa.

– Acordou, é? – perguntou ela, esticando o lençol sobre ele e prendendo-o no colchão.

– Onde...?

– Você está na ala masculina. Uma perna fraturada e uma concussão. Acho que você fez um truque de baralho com o cliente errado. Tsc, tsc.

Ralph se contorceu de dor ao tentar se sentar. Mais quatro anos haviam se passado – ele agora tinha 17. Tornara-se um ás do baralho e ganhava bem convencendo outros jovens a apostar em uma versão do jogo das cascas de noz. Mas aquela carreira tinha seus riscos. Procurou o frasco que guardava sempre no bolso e ficou chocado ao constatar que vestia apenas uma camisola de hospital.

– Onde está...?

– Todos os seus pertences estão guardados na mesinha de cabeceira.

Quando se inclinou na direção dela, Ralph soltou um gemido e voltou a cair de costas no travesseiro. A enfermeira ficou com pena e abriu a gaveta.

– Está aqui?

Ralph torceu o pescoço, tomando o cuidado de não mexer o corpo. Na gaveta havia uma carteira. Um relógio com corrente de prata. Um molho de chaves. E um frasco de vidro roxo fosco com tampa prateada.

– Está – disse, soltando o ar.

– Ótimo.

A enfermeira fechou a gaveta e levou a mão a uma alavanca metálica nos pés da cama. A cada volta, Ralph sentia o corpo subir.

– Seu pai esteve aqui. Muito gentil. Você tem sorte de estar nesta cama ao lado da janela. Vai se sentir melhor olhando a paisagem.

Ralph colocou a mão na testa.

– Você está ouvindo isso?

– Ah, as lamúrias de Bill? Não dê ouvidos – aconselhou a enfermeira. – É tudo da cabeça dele – sussurrou, franzindo os lábios e arregalando os olhos.

– Não, estou falando de...

Ele se virou para a janela e a luz arrebatou seu rosto como uma brisa suave.

A parede tinha três janelas altas, cada uma delas arqueada em direção ao teto. A cama dele era a que ficava mais perto de uma delas, mas, por aquele ângulo, ele só enxergava o céu, não o gramado.

– Ah, o violino? É a Srta. Pickle. – A enfermeira estendeu para ele um copo com um líquido transparente. – Beba isto. Vai se sentir melhor.

Ralph torceu o nariz.

– O que é isso?

A enfermeira riu.

– É água! Você pensou mesmo que eu ia envenenar você? Deu outra risada e levou a água aos lábios dele.

Ralph bebeu. Nunca imaginara que água pudesse ter sabor, mas aquela era adocicada e refrescante. E parecia ser substanciosa também, como uma fruta. Apoiou a cabeça no travesseiro quando terminou.

– Quem é a Srta. Pickle? – perguntou.

– Como você é curioso! – A enfermeira piscou para ele. – Bem, acho que você vai ter que melhorar e ver com seus próprios olhos, não é?

A música flutuava pela ala masculina, acima do senhor idoso sentado na grande cadeira de rodas e do homem deitado na cama atrás dele.

– Quanto tempo ela vai ficar aqui?

– Não sei. – A enfermeira levou as mãos ao quadril e franziu a testa. Seus olhos cintilavam. – Ela também é paciente, mas acho que está bem. É melhor você se recuperar logo, senão pode perdê-la.



CAPÍTULO OITO

Leila

AS JANELAS HERMETICAMENTE FECHADAS não impediam a entrada da fumaça que pairava, espessa e insistente, sobre a cidade de Lahore.

– É porque não tem chovido – explicou Samir. – Qualquer hora vem uma monção para levar tudo isso embora.

Quando voltaram do mercado, as roupas de Leila estavam impregnadas com o fedor da cidade. Até os lençóis pareciam ter cheiro. Ela pensou que, talvez, seu nariz é que estivesse com cheiro de fumaça e, por isso, não conseguia se livrar dele.

Trocou de roupa, mas continuava com calor e fedorenta. Lembrou-se da fragrância característica de Elizabeth Amada: talco corporal de lilases. *Eu preciso de uma fragrância característica*, decidiu Leila, cheirando a camiseta. *Algo para disfarçar o que quer que seja isto*.

O computador emitiu um sinal e ela caminhou (dezoito passos) até a mesinha de cabeceira para ler a mensagem. Era da mãe.

“Podemos conversar agora?”

“Claro”, digitou ela.

Essas cinco letrinhas foram lançadas ao espaço, rebatidas por um satélite e caíram na costa leste dos Estados Unidos. Um instante depois, o computador fez um barulho e a voz da sua mãe saiu pelos alto-falantes:

– Leila! Como você está? Estamos com saudades!

Como sempre, o computador dela mostrava uma parte da testa e a cortina atrás.

– Mãe, você precisa ajustar o ângulo. Incline a tela mais para baixo. Assim. Mais um pouco. Você está me vendo bem?

Os pais eram péssimos para lidar com essas chamadas com vídeo – apesar de a mãe passar o dia inteiro na frente do monitor e o pai ser especialista em computação.

A tela mudou o foco e seus pais apareceram. A camisa do pai, listrada de verde e cinza, estava esticada na barriga, e Leila soube que ele estava comendo *halvah* de chocolate escondido à noite.

– Oi, pai!

Ele acenou atrás da esposa.

– Oi, querida!

– Você está gostando daí? – perguntou a mãe.

Leila pensou no melhor jeito de responder. “Estou gostando, sim!” parecia mentira, mas um “não” direto e seco dispararia alarmes.

– Sim. O pessoal aqui é legal.

Ela olhou pela janela, que dava para o domo da mesquita. A fumaça no ar o fazia parecer fofo.

– Aposto que estão entupindo você de comida. Achou boa?

– É meio apimentada demais.

– Espero que não esteja reclamando o tempo todo!

Os óculos de armação vermelha da mãe estavam no topo da cabeça e os cabelos não pareciam ser lavados havia três dias. Aquele era seu Visual Prazo Apertado.

– Não, não... É ótima. Jamila Tai sabe que eu adoro kebabs, então eles têm preparado mais para mim.

– É muito generoso da parte deles hospedarem você aí.

– É família! – disse o pai e abanou a mão, não dando muita importância, gesto que Leila descobrira ser bem paquistanês.

– É, eu sei, eles são bem legais – respondeu Leila.

– Compre um presente para eles enquanto está aí.

– Eu dei as coisas que vocês mandaram.

Sua mãe incluía na bagagem sacolas com chocolates, sabonetes e perfumes finos, que Leila distribuía na primeira noite.

– Aquilo não foi nada. Isso é mesmo muito generoso...

– É família! – insistiu o pai. – Acredito que o meu irmão tenha ficado feliz em hospedar a minha filha na casa dele!

– Ah, Bilal... – A mãe balançou a cabeça e se voltou para Leila: – Você queria uma aventura internacional como a da sua irmã, e é muita bondade que seus tios tenham lhe dado essa oportunidade!

O comentário deixou Leila um pouco irritada. Dava a impressão de que Nadia conseguira uma aventura por conta própria, mas Leila precisava de ajuda. Isso até podia ser *verdade*, mas não era muito agradável de se *ouvir*.

– É ótimo para você conhecer um pouco a cultura paquistanesa – completou a mãe.

O pai de Leila bufou.

– Ela *conhece* a cultura paquistanesa!

A mãe ergueu uma das mãos.

– Bilal, por favor.

– É. Não, é legal. É diferente quando você vive no país – Leila se apressou em dizer.

Seus pais não cansavam de discutir isso. A mãe muitas vezes achava que o marido deveria ensinar urdu a Leila ou

levá-la à mesquita de vez em quando. Ele argumentava que nunca fora religioso quando morava no Paquistão, então não passaria a ser agora. E, quanto ao urdu, nem Leila nem Nadia chamavam o pai de *Abu*.

– Então... o que eu compro para o pessoal daqui?

– Não sei. Quem sabe algo para a casa? – A mãe de Leila não era boa em escolher presentes, mas deu uma boa sugestão: – Tente reparar em algo que eles gostem quando vocês saírem juntos, então compre.

O pai revirou os olhos.

– Aí eles vão dar outro presente para a Leila! Essa coisa de dar presentes não acaba nunca!

– Bilal, não quero que Jamila diga que minha filha é tão americana que não saiba...

– Está bem, está bem. – O pai balançou a cabeça. – Está bem. Você está certa. Concordo com você.

– Ok, vou ficar de olho.

Leila sorriu e balançou a cabeça. Era reconfortante pensar que seus pais estavam em casa e não haviam mudado nada.

– E vocês, o que contam de novo?

– Estamos ótimos! Ah, outro dia encontrei a mãe da Aimee. Ela foi escolhida para ser a Bela Adormecida no balé do outono. Não é maravilhoso?

– É. Legal.

Leila não contara à mãe que Aimee não era mais sua amiga. Não mencionara a conversa dolorosa, dilacerante, em que ela explicara que tinha mais a ver com Nadia, agora que estudavam juntas na turma *adiantada*. *Agora, Aimee e Nadia podem ser brilhantes juntas*, pensou Leila com amargura. Respirou fundo e disse, para preencher o silêncio:

– Aimee sempre foi uma ótima bailarina.

– Você tem lido o blog da Nadia? Ela viu um leão!

– Ah. Uau.

Leila achou melhor não comentar sobre o papagaio que vira pela janela. Não lhe ocorria nada que pudesse dizer que não parecesse tolo em comparação com a incrível experiência cultural que Nadia estava vivenciando ou a estreia de Aimee nos palcos.

– Eu quase tive um infarto quando li aquilo – continuou a mãe –, mas Nadia disse que é totalmente seguro.

– Tenho certeza de que é.

– Por que você não escreve um blog? – sugeriu a mãe, entusiasmada. – Não importa se não vai contar como crédito na escola. A gente ia adorar ler! Não é?

– Claro – disse o pai de Leila, no automático.

Ele olhou para baixo, e ela percebeu que devia estar mexendo no celular.

– O wi-fi daqui é meio instável. Nem sei se daria. – Leila preferiu não mencionar o blog secreto que estava escrevendo na cabeça. – Ah, mãe, daqui a pouco vou ter que ir.

– Claro, querida. Eu amo você! Não se esqueça do presente. Use o dinheiro que a gente lhe deu.

– Obrigada! Eu também amo você.

De repente, a mãe começou a chorar.

– Ah, mãe... – disse Leila, tocando a tela do computador. – Pai! Faça alguma coisa!

Ele ergueu os olhos e envolveu a esposa com um dos braços.

– Estamos com saudade das nossas meninas – falou para Leila.

– Também estou.

– Desculpe! – A mãe enxugou os olhos. – Não queria fazer isso.

Outra lágrima escorreu e ela chorou mais um pouco.

– Calma. Calma, Sarah – aconselhou o pai. – Você precisa se animar! Não podemos ir ao teatro desse jeito. A gente vai

assistir a uma comédia!

Teatro? Os pais dela nunca saíam. Leila sabia que não fazia sentido pensar que eles iam ficar o tempo inteiro em casa, apenas trabalhando e sentindo saudade das filhas, mas era mais ou menos isso que esperava que eles fizessem, na verdade.

– Então vamos lá – encerrou o pai. – A gente volta a se falar logo, está bem?

– Eu amo você, querida! Amo muito! – exclamou a mãe. – A gente se fala em breve!

Vou providenciar algumas aventuras para contar para ela até lá, pensou Leila enquanto mandava um beijo na direção da tela e acenava.

– Tudo bem! Tchau!

Leila tocou o teclado com um dedo e viu seu nome desaparecer.

Respirando fundo (certo, vamos ser honestos, foi apenas um suspiro), ela se sentou na cama, em cima de algo duro. Sabia o que era. Durante alguns instantes ficou imóvel sobre o livro. Começou a contar.

Quando chegou ao 83, Leila se deu conta de que precisaria parar *alguma hora*. Mais cedo ou mais tarde teria que se levantar. A única alternativa era ficar ali sentada até morrer.

Leila considerou os prós e contras.

Por fim, levantou uma perna e pegou *O cadáver excêntrico*.

– O que você quer? – sussurrou ela.

Virou as páginas e parou no último trecho, em que Ralph acordava num hospital e ouvia um violino. O nome “Srta. Pickle” atíçou seu ouvido.

Será que Ralph vai se encontrar com ela?, pensou. Então, um momento depois: *Bem, talvez eu possa fazer com que isso*

aconteça!

O pensamento a assustou um pouco, mas também a empolgou. *Por que não?*, perguntou-se Leila. Até agora, parecia que o livro vinha tomando todas as decisões. Ela escreveria uma única frase e deixaria que o livro continuasse a história por conta própria. Era como sua experiência no Paquistão. Leila dissera que queria montar um camelo, ir aos Jardins de Shalimar e visitar a Mesquita de Badshahi, mas ninguém parecia ter pressa para realizar esses desejos. Era sempre “sim, amanhã”, mas, quando “amanhã” chegava, surgia algum compromisso superurgente e inadiável, ao contrário dos passeios que ela queria fazer.

Estava na hora de tomar uma atitude. Leila não podia deixar que aquele livro decidisse tudo.

Ela abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e pegou uma caneta azul. *Ralph conheceu a Srta. Pickle no dia seguinte*, escreveu. Ficou olhando as palavras. Depois de um tempo, não pareciam significar nada.

Então fechou o livro. E o abriu de novo.

Nada de novo tinha sido adicionado. A última frase ainda era a que ela escrevera.

Vários pensamentos rodaram à sua volta, densos feito fumaça, uma estranha mistura de alívio e decepção, raiva e surpresa. Agora que Leila *queria* que o livro escrevesse algo, ele não tinha nada a dizer!

Talvez eu tenha interrompido, pensou. *Quando obriguei o livro a fazer o que eu queria, talvez eu tenha atrapalhado a história toda!*

Sentiu uma pontinha de orgulho. *Rá*, pensou. *Finalmente consegui calar você.*

Mas é claro que não tinha calado.

Todos na família Awan falavam inglês, mas não o tempo todo. Aliás, às vezes começavam a falar urdu sem perceber. Uma vez, Babar Awan tinha se virado para ela e dissera “Não é mesmo, Leila?”, depois de quase vinte minutos falando em urdu. “É”, respondera Leila, mas Samir a flagrou e riu.

De qualquer forma, Leila não se importava que falassem em urdu. Eles pareciam se sentir mais confortáveis assim, o que a deixava mais à vontade também. Ela gostava de ficar sentada no sofá, rodeada pela família, enquanto todos conversavam, discutiam e bebiam chá. Os vizinhos costumavam visitá-los, mas, após as apresentações, ninguém dedicava muita atenção a Leila, e ela não reclamava.

Ela havia sonhado em chegar ao Paquistão e ser a americana cheia de glamour, mas as conversas pareciam se centrar em como era triste que os paquistaneses às vezes perdessem sua cultura ao emigrarem para os Estados Unidos. Naquela noite, todos estavam reunidos no “lounge” – que, para Leila, estava mais para “sala de estar” – para assistir ao novo episódio de *Pakistan Idol*, o que era ao mesmo tempo curiosamente familiar e estranho. O apresentador do programa falava “urdês”: uma combinação de urdu com inglês. Parecia que ele tivera aulas com o apresentador do *American Idol*, e talvez tivesse mesmo. Rabeea explicara que os apresentadores eram artistas paquistaneses famosos.

O programa contava agora com sete candidatos e o tema eram as trilhas sonoras de clássicos de Bollywood. Foi o que Leila aprendeu com as explicações repetitivas do tio: “Esta é clássica. É de um filme de 1982...” A maioria das músicas era horrível, mas também detestava as que seus pais ouviam, então talvez fosse um problema da geração deles.

Chirragh apareceu à porta. Lançou um olhar para Wali, que saiu da sala antes que alguém (exceto Leila) notasse. O menino retornou e andou discretamente até ela.

– Tem alguém aí querendo falar com você! – sussurrou ele, visivelmente animado.

– Comigo, não – respondeu Leila, baixinho.

– É, sim! Com você!

– Quem poderia vir até aqui para falar comigo? – questionou ela, mas o priminho já a empurrava até a porta da frente.

Chirragh esperava na entrada. Ele sorria, então Leila compreendeu que algo terrível devia ter acontecido. Ao vê-la, abriu mais a porta, revelando o menino das cabras.

O pastor deu um largo sorriso e disse algo em panjabi.

Meu Deus, pensou ela. O menino das cabras ficou perdidamente apaixonado por mim!

Era um pensamento natural para alguém que tinha lido os 67 livros da série das Irmãs Amadas. É claro que ele estava perdidamente apaixonado! O que mais poderia ser? Leila não sabia o que fazer. Como informar a um pastor de cabras que você não tem interesse em namorá-lo? Nem Elizabeth nem Jennifer Amada haviam enfrentado aquela situação.

O menino olhava para ela em expectativa. Na cabeça de Leila, com veneração. Ele falou mais alguma coisa e fitou Wali.

– Ele quer o dinheiro – traduziu o primo.

– O quê? – Leila ficou confusa. – Que dinheiro?

– Pela cabra.

Foi aí que Leila percebeu que o pastor trouxera a cabra branca, que emitiu um balido alto. Chirragh apontou para a lateral da casa, como se ordenasse que ela fosse levada para lá.

– Por que eu daria dinheiro a ele pela cabra? – perguntou Leila.

Wali começou a ficar preocupado.

– Porque você a comprou, ora. Você deu 500 rúpias e

prometeu o restante quando ele entregasse a cabra.

Houve um longo silêncio, no qual Leila repassou a cena em sua mente. Ela pagara 500 rúpias pelas fotos com a cabra. O que foi uma facada, mas...

Esperre aí.

O pastor disse algo ríspido.

– Ele quer saber se você não gostou da cabra – traduziu Wali.

– Não, ela... é uma ótima cabra. Legal.

Leila levantou o polegar e então percebeu que foi justamente esse sinal que a metera em encrenca. Enfiou a mão no bolso.

O pastor fechou a cara e começou a gritar. Leila parecia estar encolhendo. Torceu para que alguém fechasse a porta, pois não queria que o tio ou a tia escutasse. Deu uma olhada em Chirragh, que tinha uma cara de desgosto. Virou-se para Wali, que estava prestes a chorar diante dos gritos do menino.

– Ele está dizendo que você quer passar a perna nele para baixar o preço!

– Quanto ele quer? – perguntou Leila.

Wali contorceu o rosto numa careta infeliz.

– São 2 mil rúpias. É caro por causa do Eid.

Isso dá quase 200 dólares. Calculou ela. *Duzentos! Duzentos?* Era muito dinheiro, mas Leila tinha. Bastava dar ao pastor e ele pararia de gritar. Mas aí o que faria com a cabra? A alfândega dificilmente permitiria que ela entrasse com uma cabra nos Estados Unidos e seus pais teriam uma síncope...

– Me desculpe, Leila! Achei que você quisesse uma cabra – choramingou Wali.

– Para que eu ia querer uma cabra?

Não estava sendo irônica, apenas tinha curiosidade.

– Eu pensei... que você quisesse dar a cabra de presente no Eid. Para a minha família.

Ah. Ah! Um presente no Eid? Claro! Ele tinha falado que estava próximo! O Eid celebra o fim dos trinta dias do Ramadã, que segue o calendário lunar, então não tem uma data fixa, podendo cair em qualquer época do ano.

Leila não tinha visto ninguém da família Awan fazer jejum, mas eles não seguiam tanto a religião. É verdade que haviam feito as orações de Jumu'ah na sexta-feira passada, mas não rezavam cinco vezes por dia, então talvez também não jejuassem. O pai de Leila, por exemplo, nunca havia jejuado, e aquela era a família do irmão dele.

Então a cabra passaria a ser seu presente no Eid. Até que não era uma ideia ruim.

– Mas seu pai e sua mãe vão querer uma cabra?

Ela lançou um olhar para o animal. Tinha o tamanho de um labrador. De repente até daria mesmo um bom animal de estimação.

– É claro! – Wali parecia estar chocado com a ideia de que alguém poderia recusar uma cabra. – É uma tradição.

Uma imagem do gato de Leila, Steve, ainda bebê na manhã de Natal, surgiu em sua mente.

– Eles não vão ficar bravos? Tem certeza de que querem uma cabra?

– Vão ter que comprar uma se você não der.

– Mas ainda não escolheram uma?

– Ainda não.

Leila sentiu o alívio correr pelas veias. Aquilo era brilhante. Brilhante! Sua mãe queria que ela desse um presente para a família Awan, que queria uma cabra, e ela *acidentalmente tinha comprado uma!*

Era quase como o destino. Leila se lembrou da bênção do faquir na frente da sorveteria. Ele dissera algo sobre milagres – talvez aquele fosse um! *Obrigada, faquir mágico!*

– Está bem! Certo, vou pegar o dinheiro.

Subiu a escada correndo e retirou uma pilha de rúpias da mala. Entregou-as ao pastor, que continuava de cara amarrada, com a impressão de que Leila tentara lhe passar a perna no último minuto.

Não o culpem: já tinha acontecido antes.

Chirragh pegou a corda da cabra e a conduziu pela lateral da casa. A flor vermelha no flanco foi a última coisa que ela viu desaparecer atrás da parede.

Leila pousou a mão no ombro de Wali.

– Feliz Eid. *Eid Mubarak*.

– Obrigado! – exclamou Wali, saltitando para dentro de casa.

Aquela que faz boas ações, pensou Leila enquanto subia a escada, praticamente flutuando. *É isso que eu sou. Aquela que compra animais de estimação. Mamãe Noel. Essa história vai dar um ótimo post!*

E aprendera uma coisa nova sobre sua cultura. Sua mãe realmente tinha razão: o pai quase nunca mencionava o Paquistão ou suas raízes culturais. Nunca lhe contava nada. Aquele incidente a fez se sentir incrivelmente abençoada. E tudo por causa de Wali e daquela cabra idiota.

Leila se sentia tão bem que nem foi conferir se algo de novo havia sido escrito. Nem pensou na frase que tinha inserido sobre a Srta. Pickle, nem mesmo gastou um neurônio se lembrando do livro.

Mas isso não quer dizer que ele havia deixado de pensar nela.

O cadáver excêntrico

Ralph conheceu a Srta. Pickle no dia seguinte.

As muletas faziam atrito sob os braços de Ralph, que caminhava com dificuldade no gramado. O médico lhe dissera que ele tinha sorte.

– Foi uma fratura limpa, perto do topo da fíbula, mas não no joelho. Logo, logo você já vai conseguir se apoiar na perna.

– O médico tinha um rosto jovial e cabelos que estavam rareando depressa. Seus olhos azul-claros pareciam genuinamente felizes ao dar a notícia a Ralph. – Pusemos uma tala de gesso, a melhor para esse tipo de fratura. Daqui a quatro ou seis semanas vamos poder retirá-la.

Quatro a seis semanas não eram “logo, logo” para Ralph.

– Vou ter que ficar aqui esse tempo todo?

– Ah, não. O gesso deve terminar de secar em 24 horas. Depois disso, vamos deixá-lo em observação. Estou preocupado com a concussão que você teve na cabeça. Deve ter alta em uns dez dias.

Vinte horas haviam se passado desde aquela conversa, mas Ralph já estava cansado de esperar. Apoiando-se na porta dos fundos, empurrou-a e penou para passar pela abertura, mal conseguindo puxar a grossa perna engessada antes que a porta de madeira pesada batesse.

Lá fora, o sol mergulhava por trás das copas das árvores que rodeavam o vasto gramado verde, lentamente pintando o céu de roxo. Um arbusto balançou quando um coelhinho marrom saltitou, sem muita pressa, por entre as folhagens, à medida que o céu acima dele ia se transformando como o vapor que sobe de um lago. As notas doces de um violino vibraram no ar feito as ondas de calor, fazendo Ralph avançar.

Uma moça de cabelos escuros passava o arco pelas cordas na entrada do bosque. Seus olhos estavam fechados e Ralph se aproximou, caminhando com ajuda das muletas. Ele pigarreou para que ela soubesse que alguém estava ali. A Srta. Pickle não deu nenhum sinal de ter ouvido até terminar

de tocar. Foi só então que seus olhos – olhos de ressaca – se abriram lentamente, levando um instante para focalizar o rosto dele.

– Eu conheço você – disse Ralph.

– Não conhece, não – retrucou a moça.

– Conheço, sim. Você é a filha de Melchisedec Jonas.

A moça voltou o olhar para o bosque escuro.

– Ele não é meu pai. É meu guardião. – A palavra parecia lhe dar um calafrio. – Eu sou Edwina Pickle.

– Eu sou Ralph Flabbergast. Seu guardião comprou a empresa dos meus pais.

– É. O Famoso Chucrute dos Flabbergast. – Ela dedilhou algumas notas. – Ouvi falar um bocado sobre aquele péssimo investimento.

– Não se pode produzir chucrute numa fábrica – explicou Ralph, sentindo o pescoço arder. – Apenas em quantidades menores.

– Não se preocupe. Ele continua rico. Além do mais, não fico chateada por vê-lo furioso.

Os olhos dela cintilaram como peixinhos prateados numa onda escura, e Ralph riu ao estudar o rosto dela.

– Já nos encontramos uma vez, lembra? Eu mostrei um truque de mágica.

– É... – disse ela, devagar. – É, acho que lembro, sim.

– Por que você está aqui? Está doente?

– São meus pulmões. Sempre foram fracos. Avisei ao tio Melchisedec várias vezes que o ar da fábrica me fazia mal, mas ele queria porque queria que eu trabalhasse lá. Os médicos esperam que o ar fresco me cure.

Ralph não sabia o que dizer. Edwina parecia pálida, porém mais de tristeza que de doença. O olhar dela se voltou para o bosque e Ralph viu algo voar ali. Era de um azul pálido e brilhava como a lua.

– Está vendo aquilo?

– Mariposas-celestiais – revelou Edwina. – Adoram a luz do crepúsculo.

– Crepúsculo? – repetiu Ralph.

– Do ocaso. O pôr do sol. Também adoram as flores vermelhas que crescem no limite do bosque. – Lentamente, ela abriu um sorriso. – Talvez você queira ver um truque de mágica.

– Conheço quase todos.

– Hum.

Ela levou o arco até as cordas e começou a tocar uma melodia nova e estranha. Os cabelos escuros capturavam a luz quente do entardecer e a mariposa voou em zigue-zague na sua direção, pairando ao redor do violino até pousar na voluta, parecendo satisfeita por descansar ali. Os cantos dos lábios de Edwina se curvaram num sorriso e ela continuou tocando.

– Você consegue fazer as mariposas voarem até você? – indagou Ralph, estudando o inseto.

A mariposa era peluda e robusta, com antenas largas e espiraladas nas laterais da cabeça que tremulavam sobre o corpo azul vibrante. Em cada asa havia um círculo que parecia um olho com uma íris amarela sobre um ponto de interrogação rebuscado.

– Elas gostam de música – explicou Edwina.

Ela parou de tocar. A mariposa ficou mais um instante ali e, em seguida, saiu voando.

– Isso é realmente mágico – disse Ralph, observando-a, maravilhado. – Magia de verdade. Não do tipo que eu faço.

Ele não disse que era o tipo de magia que ele passara a vida inteira procurando, mas pensou.

Edwina pareceu compreender perfeitamente.

– Sim. Eu sei.



CAPÍTULO NOVE

Kai

KAI ESTAVA DE PÉ diante da porta fechada, sem saber bem como proceder. Tinha tocado a campainha, mas, como ela estava perigosamente pendurada por um fio, Kai desconfiava de que não funcionava. Bateu na porta, mas talvez não com força suficiente. E não queria bater forte demais caso a campainha *não* estivesse quebrada e Doodle tivesse ouvido a primeira batida e talvez só não tivesse conseguido chegar ainda até a porta.

Há um grande número de detalhes envolvidos no planejamento até da menor das ações, como Kai aprendera com a mãe.

Acabara de decidir que ia bater de novo quando ouviu alguma coisa – um ruído de algo raspando. Vinha da lateral da casa.

Kai desceu os dois degraus de concreto (um canto do degrau superior havia caído e jazia debaixo da caixa de correio, como um dente de tubarão). Escovinhas azuis chegavam à altura da cintura, desajeitadas sobre os caules repletos de folhas, e contornavam a casa. Bergamotas altas de flores vermelhas pontuavam alguns conjuntos de

margaridas amarelas. A grama estava alta e desigual e as flores pareciam dominar o quintal. Eram selvagens e descontroladas, plantadas ali por acaso. O resultado era uma anarquia colorida, um lindo desastre.

Quando Kai chegou à quina da casa, encontrou Doodle cavando a terra sob a janela de um quarto.

– Oi, e aí?

Doodle ergueu os olhos e demorou um pouco para reconhecer Kai, como se ela tivesse se concentrado por muito tempo no buraco, observando um novo mundo ali. (E tinha mesmo.)

– Oi. Estou só cavando.

– O que é isso?

Kai indicou uma flor num amontoado aos pés de Doodle. As florezinhas minúsculas formavam um cone roxo, de um tom tão profundo que mais parecia veludo.

– Arbusto-das-borboletas – respondeu Doodle, apontando para uma vegetação alta mais ao fundo, contra o acabamento de vinil. – A gente tem um branco.

– Aquele não é branco – disse Kai.

O arbusto era parcialmente branco, só que principalmente laranja.

Doodle franziu as sobrancelhas e caminhou até o arbusto de 2 metros de altura. Deu uma sacudida nele e as flores cor de laranja se mexeram, formaram uma nuvem e se dispersaram em seguida. Restaram apenas flores brancas no arbusto.

Kai deu um gritinho ao ver todas aquelas borboletas.

Doodle fez sinal para que ela se calasse.

– Meu pai está dormindo aqui – explicou, apontando para a janela.

– Esse é o quarto do seu pai?

– É. Ele também gosta de borboletas, então pensei em

plantar isto para ele.

Uma tosse áspera e profunda fez o vidro tremer. Doodle congelou. Ela ficou observando a janela com os olhos arregalados enquanto a tosse prosseguia, durante 23 segundos. Finalmente parou. Depois de mais de um minuto em silêncio, o rosto dela não mais aparentava medo.

– Volta e meia ele fica doente – disse ela por fim, sem olhar para Kai. – Às vezes fica muito mal. Aí ele não consegue trabalhar. E, quando ele não trabalha, não ganha dinheiro.

– O que ele faz? – perguntou Kai.

Doodle mexeu na terra com a ponta do tênis.

– Ele constrói caixões.

– Ah, é mesmo – disse Kai, e Doodle olhou fixo para ela. – Lavinia me contou.

Kai queria fazer mais perguntas, mas sentiu que Doodle não se sentia à vontade para conversar sobre aquilo. *Talvez fosse por isso que Doodle não se abria muito*, pensou Kai. Devia ser difícil falar de certas coisas. Decidiu mudar de assunto:

– E essa florzinha roxa vai ficar do tamanho da branca?

Doodle assentiu.

– Elas crescem depressa. E você, o que tem aí?

Kai olhou para o livro em suas mãos. Tinha esquecido por que fora até lá.

Era *O cadáver excêntrico*. Ela caíra da cama, agitada por um sonho que havia deixado notas musicais pairando no ar. Abriu os olhos de repente e deparou com a lombada do livro. Então leu que Ralph também havia seguido a música e conhecido a Srta. Pickle. No fim do trecho, havia outra frase: “Há pessoas que anseiam por conhecer os segredos da mágica.”

De alguma forma, Kai sentira que aquilo era para ela.

– Você acredita em... coisas estranhas?

Doodle ponderou a pergunta.

– Alienígenas?

– Não. Magia.

Doodle se sentou na grama. Depois se deitou de costas, olhando para o céu. Kai teve a impressão de que se passou muito tempo. As nuvens foram se contorcendo e adotando novas formas, e Doodle ficou observando. Até que, por fim, ela se sentou.

– Tudo é mágico – disse. – O céu, as estrelas, o mundo inteiro. É um milagre, se a gente pensar bem.

Kai deu de ombros.

– Algumas coisas são mais mágicas do que outras.

– O quê, por exemplo?

Kai considerou a pergunta.

– Bom, roupas de enfermeira não são mágicas. Nem talões de cheques. Nem mariposas.

– As mariposas são extremamente mágicas! – protestou Doodle.

– Ok, mas a lama, por exemplo, não é mági... Não quero entrar numa discussão sobre isso.

Esse tipo de coisa deixava Kai frustrada com as pessoas. Era difícil saber se a entendiam. Como os colegas da escola, que a achavam “esquisita” só porque não se interessava em saber quem gostava de quem a todo momento.

– Quero saber se você acredita em magia. Não na magia cotidiana. Estou falando de uma magia, assim, incomum. Uma magia *muito* incomum.

– Prometo que não vou rir – disse Doodle inesperadamente.

Kai ficou boquiaberta.

– O... o quê?

– Se está com medo de que eu ria de você, não se preocupe. Não vou rir.

Foi o suficiente. Kai se sentou numa área de grama seca e entregou o livro a Doodle, que o folheou.

– Este não é o seu diário? – Inclinou a cabeça. – Não, não é. Ou é? Parece ser antigo.

– Bom... – Kai respirou fundo. – Eu escrevi nele e ele escreveu de volta. Agora desandou a criar a própria história. Às vezes eu acrescento alguma coisa, então ele usa o que eu escrevi e incorpora na narrativa. Às vezes até a caligrafia muda. Sei lá, é como se outra pessoa também estivesse adicionando trechos. Outras vezes ele sai escrevendo mais por conta própria e eu nem sei por quê. Nem como. É... hum... mágico. Um livro mágico.

– Uau.

Doodle passou mais um tempo olhando para Kai antes de se voltar para as páginas.

– Você acha que eu sou louca?

Doodle olhou bem no fundo dos olhos da amiga e respondeu:

– Não exatamente por causa disso.

– Você acha que estou inventando tudo?

– Por que inventaria? Quer dizer, você já deve ter pensado em todas as explicações lógicas, certo? Que alguém possa estar caçoando de você...

– Sim. Mas não há ninguém fazendo isso. Às vezes, quando fecho e abro o livro de novo, palavras novas aparecem quase instantaneamente. Não dá tempo de ninguém pegar nele.

– Uau. – Doodle lhe devolveu o livro. – Você consegue fazer isso agora?

– Nem sempre funciona assim – respondeu Kai, mas enfiou a mão no bolso do short jeans e pegou uma caneta esferográfica.

Quando ela abriu o livro, Doodle disse:

– Pare. Não.

Kai se deteve.

– Por que não?

– É que... eu acredito em você. Não estrague. Não escreva qualquer coisa aí.

– Vou só escrever algo que faça parte da história.

– Mas, se é um *livro mágico*, Kai, é melhor não... Seria como desenhar um bigode na Mona Lisa.

Kai passou a mão pelas letras douradas da capa. Sentiu uma onda de tristeza, embora não soubesse por quê. Não sabia que, às vezes, encontrar um amigo de verdade pode nos fazer perceber melhor a solidão que há na nossa vida até aquele momento.

– O negócio é que a última parte da história fala de uma menina que toca violino. E uma mariposa, que parece ser a celestial, vai lá e pousa no violino dela. E eu comecei a pensar naqueles desenhos do diário de lepidopterologia. Aqueles que pareciam música...

– Talvez seja música mesmo. – Doodle arrancou uma folha de grama e olhou ao longe, com a cabeça a quilômetros de distância. – Música para mariposas...

– O que eu faço? – perguntou Kai.

Doodle olhou para as nuvens. Uma delas lentamente tomou uma forma que lembrava uma asa.

– Por que você não me conta a história? – sugeriu Doodle.

– A história do livro?

– A história toda. O que você escreveu. O que ele escreveu. Tudo.

Foi o que Kai fez.

Naquela noite, Doodle entrou no quarto de Kai com sua cacofonia de costume. Carregava o iPad debaixo de um braço

e enxugava o suor da testa com o outro.

– Caramba – disse, ofegante –, dei de cara com o Pettyfer quando estava vindo para cá.

– Argh – lamentou Kai. – O que ele estava fazendo?

– Ele tinha alguma coisa dentro de um vidro que *disse* ser uma Borboleta 88, que realmente é muito rara nesta região. Ele estava todo “Vou colocá-la numa placa de âmbar!” e eu falei que ele não ia fazer nada disso. Então tentei pegar o frasco, ele fugiu e eu corri atrás dele, mas não consegui alcançá-lo e fiquei com medo de deixar o iPad do meu pai cair e não queria perder o pôr do sol, então vim para cá. – Ela desabou na cama de Kai. – Cara, como está quente hoje. Fiquei cansada.

– De tanto correr ou de tanto falar? – perguntou Kai, secamente.

Doodle passou alguns instantes inspirando e expirando.

– Acredita que ele ia matar uma coisinha rara como aquela? – falou, olhando para o teto.

Kai pensou que algumas pessoas pareciam não ter algo que fizesse delas humanas e compassivas, algo que lhes permitisse *ter sentimentos* por outras pessoas – e, nesse momento, o nome de Melchisedec Jonas surgiu na sua mente.

– Acredito – respondeu.

Doodle respirou mais um pouco e depois rolou o corpo.

– Aquilo parece estar inchando – disse, observando o casulo/bolota branca dentro do vidro na mesinha de cabeceira.

Kai franziu a testa.

– Tem feito muito calor. Acho que a resina está derretendo um pouco.

Doodle se sentou subitamente.

– Está pronta?

Começou a passar as imagens até chegar à página com

as linhas e os números estranhos.

– Aqui.

Kai olhou para onde ela apontava.

– Acho que é um tipo de tablatura. Uma notação musical muito antiga – explicou Doodle. – Em vez de escrever a nota, você escreve um número que indica o dedo usado e a corda. As pessoas que tocam violão ainda usam uma variação disto.

Kai já havia tirado o violino de seu lugar temporário no armário. O estojo preto tinha os cantos desgastados e alguns riscos. Ela sempre tomara cuidado com ele; afinal, fora de seu pai. Porém, qualquer coisa utilizada todo santo dia durante dez anos mostraria sinais de desgaste.

Abriu o zíper metálico e retirou o arco, tensionando-o e aplicando resina. Enquanto afinava as cordas, o peso do instrumento era tão familiar para ela quanto seu próprio braço. Posicionou o violino no ombro e testou algumas notas. A melodia era surrealmente parecida com a que ela havia tocado para os insetos poucas noites antes. A que havia... surgido espontaneamente na ponta dos seus dedos. Ficou aliviada quando percebeu que ainda se lembrava das notas.

Antes da noite da Sinfonia dos Insetos, passara quatro meses sem tocar violino. “Temos que fazer uma escolha todos os dias”, sua mãe sempre dizia. “Ser melhor ou ser pior. Qual é a sua?”

Todos os dias, durante quase dez anos, Kai escolhera ser melhor, até que, quatro meses atrás, fora informada de que, por melhor que se tornasse, não seria a melhor de todas. Se isso não era possível, tudo aquilo era uma grande perda de tempo. Valia mais a pena desistir.

Agora seus dedos pareciam inchados e rígidos, como linguças estufadas. Kai realmente *tinha* chorado, mas eles ainda conheciam o caminho a percorrer.

Do lado de fora da janela, a noite trilava e zumbia. Ela a

abriu, deixando que a música alcançasse a escuridão.

– Você acha que elas vão vir? – perguntou Doodle, num murmúrio tão baixo que parecia estar numa igreja.

Seu tom de voz era tão esperançoso que Kai sentiu um aperto no coração.

– A gente nem sabe se andam por aqui. Mas talvez venham...

Kai posicionou o violino sob o queixo e ergueu o arco. Lançou um olhar para Doodle. *Fazia quatro meses que estivera diante de um público.* Engoliu em seco e, em seguida, correu o arco lentamente sobre a corda Ré, pressionando o dedo anular até encontrar a mesma nota que ouvia lá fora. Depois veio uma sequência rápida de notas picotadas, passando para o Lá...

Kai tocou seguindo a tablatura e os sons que ela integrava à música da noite, ora acompanhando a melodia, ora acrescentando uma harmonia. Sentia que as notas literalmente saíam do violino e se uniam aos ruídos lá fora. Sentia que as notas se entrelaçavam e se tornavam algo grande e pesado.

Não foi difícil ler a tablatura – era quase como se ela já soubesse as notas de cor, como se seus dedos as recordassem de muito tempo antes. Havia quase se esquecido do que tocar violino significava: participar tão profundamente de algo importante que você acabava se tornando quase invisível.

Ela desaparecia e só existiam a música, o som, a beleza, o alcance além de si mesma. Transformava-se na costura que unia tudo aquilo. Era isso que importava.

Kai continuou tocando até que percebeu uma terceira linha na trança de sons. Uma brisa ergueu as cortinas brancas, que voltaram a cair com leveza. Ela parou e se virou para Doodle.

– Você ouviu isso?

– O quê?

– Foi... Foi como se alguma coisa estivesse acompanhando. Tocando junto comigo. – Kai executou mais algumas notas, mas nada aconteceu. – Sumiu.

Prestou atenção por mais alguns minutos. Nada. Balançou a cabeça e passou o dedo na tela do iPad de Doodle, virando a página da música. Quando seus olhos se detiveram no fim dela, murmurou:

– Minha nossa...

Sua voz ficou presa na garganta. Não tinha mais ar para falar.

Doodle a encarou, alarmada.

– O que foi?

Olhando para a amiga, Kai tocou na assinatura da tela.

– O que está escrito aí? – Doodle aproximou o rosto para ver. – Edward?

– *Edwina*. Edwina Pickle.

Seus olhares se cruzaram. Nenhuma das duas sabia o que dizer, pois ambas se deram conta no mesmo momento que só podia haver uma Edwina Pickle – aquela que havia escrito o diário das mariposas, e a música deveria ser a mesma que fora tocada no livro mágico.

– Estou com medo – revelou Kai depois de um tempo. – O que isso significa?

– Não sei.

– Será que eu...?

Ela olhou para o violino.

– Não sei – repetiu Doodle.

Não vou tocar o resto, pensou Kai. *Não vou*. Contudo, quase contra sua vontade, o violino se encaixou sob seu maxilar e o arco pousou nas cordas.

Ela tocou.

Enviou as notas para o alto, para as estrelas, o espaço, o

céu ou onde quer que Edwina estivesse, e continuou tocando até ouvir Doodle arquejar.

– O que houve? – gritou Kai. Ela abriu os olhos, arregalando-os; nem percebera que os tinha fechado. – O que foi?

Com um dedo trêmulo, Doodle apontou para o vidro de manteiga de amendoim na mesinha de cabeceira.

– Uau! – exclamou Kai ao ver o casulo... *pular*.

Algo dentro dele estava vivo.

O cadáver excêntrico

– *Está pronta?* – perguntou Ralph, segurando a folha de papel dobrada.

Deitado em seu leito no hospital, ele tinha uma das pernas levantada, enquanto Edwina se sentava numa cadeira ao lado. Ela sorriu e Ralph ficou olhando as ruguinhas que se formaram nos cantos dos olhos escuros dela.

– Quer ler em voz alta ou eu leio? – indagou Edwina.

– Você lê.

Ralph entregou o papel para ela. Edwina o desdobrou devagar, revelando lentamente as caligrafias que se alternavam: primeiro a dela, depois a dele, depois a dela, depois a dele. A chuva batia e escorria pelas janelas compridas, mantendo-os lá dentro.

Edwina tinha sugerido que jogassem Cadáver Excêntrico, e foi assim que ela e Ralph passaram uma tarde agradável juntos, criando uma história atrás da outra. Um escrevia uma parte da história e dobrava a folha, de modo que só se visse a última frase. Então, o outro escrevia o trecho seguinte e dobrava mais um pouco a página.

Ela leu em voz alta o que haviam escrito:

“Era uma vez uma menina que morava num buraco. Um homem horrível a tinha deixado ali e era impossível sair. Era um buraco muito fundo e escuro, e a menina se sentia muito sozinha.

“Um dia, ela recebeu uma visita. Era uma toupeira. ‘Oi!’, disse a toupeira. ‘Com certeza vamos ser amigas!’

“A toupeira vivia debaixo da terra, claro, mas não achava ruim. Às vezes, ela tentava imaginar como seria o céu. Tinha ouvido uma minhoca falar dele, mas sua descrição não fazia muito sentido – era o contrário do buraco: claro e amplo. Aquelas palavras não queriam dizer nada para a toupeira, que decidiu perguntar à menina.

“Ela ficou intrigada com as palavras. Claro? Amplo? O que significavam? Vivia no buraco havia tanto tempo que tinha esquecido. Um dia, decidiu encontrar uma saída daquele buraco. Precisava olhar para o céu outra vez.

“Então, a menina perguntou à toupeira o que devia fazer. Naturalmente, a toupeira lhe disse que precisava cavar!

“E foi o que a menina fez! Ela cavava muito bem. À medida que descia cada vez mais fundo no subsolo, tudo ia se tornando cada vez mais escuro.

“‘Isto aqui deve ser claro’, pensou. ‘Isto aqui deve ser amplo.’ Aí ela distinguiu algo na escuridão e puxou o objeto. Era um diamante gigante. ‘Que porcaria’, disse a si mesma. ‘Que utilidade tem uma pedra?’ Nesse momento, aparece sua querida amiga, a toupeira.

“‘O que você está fazendo?’, perguntou ela.

“‘Cavando para ver o céu’, disse a menina.

“‘Já encontrou?’

“‘Acho que sim.’

“‘Ah, que maravilha!’, comentou a toupeira. ‘Adoro estar aqui, nesse mundo claro e amplo.’

“E assim viveram felizes para sempre, juntas, na escuridão subterrânea.”

Edwina deu um sorriso e voltou a dobrar o papel cuidadosamente.

– Adoro finais felizes – disse Ralph.

– É. – Ela olhou para ele. – É uma história maravilhosa. Quase como uma música. Uma combinação de melodias diferentes.

– Ou como um passe de mágica.

– É verdade.

– É.

Edwina observou o céu cinzento pela janela e Ralph se reclinou nos travesseiros. As nuvens pesadas e chorosas davam uma aparência sombria à ala comprida, mas ele se sentia como a toupeira: contente em sua escuridão, sem interesse pela vastidão do mundo e nem um pouco sozinho.

Estava apaixonado e sabia disso.



CAPÍTULO DEZ

Leila

LEILA ESTAVA NO QUINTAL da casa dos Awan, pensando que animalzinho de estimação nojento era a cabra que tinha comprado. Verdade seja dita, a família agradecera profusamente pelo presente e parecia estar de fato muito feliz, mas toda vez que Leila ia fazer carinho, aquele bicho idiota ficava dando cabeçadas na perna dela. Era muito irritante. Ela fugiu do animal, deixando-o amarrado perto de um canteiro de lindas flores vermelhas que combinavam com o desenho na anca.

O portão metálico fez um ruído ao ser aberto, e um automóvel preto apareceu e parou na entrada para carros ao lado do jardim. A propriedade era cercada por um muro branco alto, com cacos de vidro pontiagudos. Todas as casas grandes da cidade ficavam escondidas atrás de muros assim, apenas com o telhado aparente.

Foi uma decepção total para Leila. Nos Estados Unidos, adorava caminhar pelo bairro e observar as casas. Às vezes dava para ver um ou outro cômodo, ou uma família, por trás das janelas. Ali, ninguém parecia querer caminhar e, de qualquer forma, não havia muito para ver, exceto muros.

Naquela área, as casas mais pareciam fortalezas.

O portão se fechou com um rangido e o carro preto ficou um momento parado. Então uma das portas traseiras se abriu e um homem alto, de chapéu-coco, saltou. Ele observou Leila, que estava sentada numa cadeira de palha branca perto de uma mangueira. Ela não sabia se deveria se levantar ou não, então ainda estava conjecturando quando Mamoo anunciou:

– Samir me contou do livro.

Leila caiu da cadeira. Não foi uma queda elegante: ela tentou reverter a tentativa de se levantar, agarrando-se ao descanso de braço, quando seu traseiro errou o assento e ela acabou caindo sentada no chão, derrubando a cadeira ao seu lado.

Mamoo não fez menção de ajudar. Leila não sabia se ele tinha ficado surpreso com a reação dela. Posso garantir que o homem já vivera tempo suficiente para se deixar surpreender.

– Eu estou bem – informou Leila, voltando a se levantar e espanando a grama de trás da saia.

– É, estou vendo.

Mamoo a ajudou a colocar a cadeira no lugar. Foi aí que ela notou que ele tinha um volume grosso com capa de tecido numa das mãos.

– O que é isso? – perguntou ela.

– O livro – respondeu Mamoo, mostrando-o a ela. A inteligência de Leila não o impressionava muito. – Para você. Samir disse que você estava interessada.

A capa era de um vermelho desbotado. Estava escrito *Kim* e, logo abaixo, *Rudyard Kipling*.

O que é isto?, pensou ela, no mesmo instante em que era tomada por uma onda de alívio ao ver que Mamoo não estava se referindo a *O cadáver excêntrico*. Para começo de conversa, tinha abdicado do ar-condicionado em seu quarto para fugir do livro. Mesmo depois de guardá-lo no fundo da

gaveta, no meio das roupas dobradas, e de ter fechado o armário, ainda ouvia o zumbido do livro como um inseto. Sabia que ele se encontrava lá. Ficava sempre esperando que ele a atacasse de surpresa.

Na noite anterior, tinha feito outra tentativa: escrevera no livro a primeira frase do seu romance preferido das Irmãs Amadas. “Elizabeth Amada fitou seu reflexo no espelho e franziu a testa, perguntando-se quem confundiria uma jovem americana tão típica, de cabelos louros e sedosos e olhos azuis como o mar, com uma condessa.” Fechou o livro e esperou.

Naquele dia de manhã, quando abriu o livro, viu que a frase que havia escrito tinha desaparecido.

O livro apagara Elizabeth Amada! Leila achava que *O cadáver excêntrico* estava bravo com ela.

– Hoje vamos ver a arma – disse Mamoo.

Ele comprimiu os lábios, indicando o livro na mão dela com o bigode grisalho.

Ahn? Aquela frase levou um bom tempo para fazer sentido no cérebro de Leila. As sinapses começaram a trabalhar, conectando pensamentos, até que finalmente algo se acendeu.

– A arma de Kim? – perguntou Leila.

– É. E um passeio ao Museu de Lahore. Onde está Samir?

Ele ordenou algo em urdu para o motorista, que foi trotando até a casa. Momentos mais tarde, reapareceu, seguido por Samir.

– Olá, Mamoo! – cumprimentou-o com alegria. – Está pronta? – perguntou para Leila.

– A gente vai agora?

– Sim, combinamos ontem à noite, lembra? *Ami* terá que visitar uma prima no hospital e Rabeea vai acompanhá-la, então hoje é um bom dia para ver a arma.

O plano de fato *tinha* sido discutido pela família na noite anterior, mas, obviamente, eles conversaram em urdu. Leila apenas sorria e assentia sempre que alguém comentava algo com ela, e o resultado fora aquele.

– Ah – disse Leila. – Está bem.

Estava feliz por sair de casa. Ainda não tinha chegado nem perto do seu passeio de camelo. Quando sugeriu isso, fora informada de que o tio precisaria trabalhar e a tia ficaria ocupada com a onda diária de enterros, casamentos, nascimentos e visitas intermináveis a primos doentes no hospital que parecia constituir o padrão da vida cotidiana em Lahore. O museu deve ter sido a alternativa escolhida.

O motorista se apressou em abrir as portas do carro. Mamoo se sentou no banco do carona e Leila e Samir se instalaram atrás. O motorista era bem mais cauteloso do que Asif, mas, quando o automóvel entrava nas vias principais, ela ainda tinha a impressão de estar dentro de um video game. Os obstáculos pareciam se materializar na frente deles em intervalos aleatórios inesperados – buracos, pedestres, carroças, riquixás motorizados e até um camelo – e a tarefa principal do motorista não era dirigir, e sim desviar de tudo que aparecia no caminho.

– Ali está! – anunciou Samir, apontando para o meio da rua.

Bem ali, havia um enorme bloco de concreto. Em cima dele, um grande canhão preto.

– Ah.

Não tinha nada a ver com o que Leila imaginara. Ela pensava que a arma de Kim seria um revólver, talvez uma escopeta. E também nunca esperaria vê-la no meio da rua.

– “Quem toma posse do Zam-Zammah, o ‘dragão que cospe fogo’, se apossa de todo o território do Panjab, porque a enorme arma de bronze esverdeado pelo tempo é sempre a

principal peça no butim dos conquistadores” – recitou Mamoo.

Leila supôs que aquilo seria uma citação do livro que tinha em mãos.

– Quer ver mais de perto? – perguntou Samir quando o motorista parou o carro no acostamento.

O tráfego era intenso nos dois lados do canteiro central.

– Não faço questão – disse Leila. – Eu vejo daqui.

– Tolice! – berrou Mamoo, abrindo a porta do seu lado.

O motorista saiu e fez o trânsito parar. Buzinas indignadas se dirigiam a ele. Bem, naquela situação, Leila não tinha alternativa.

– Desculpem! Desculpem! – gritou para os carros e riquixás motorizados que buzonavam enquanto corria atrás de Samir até o canteiro central.

Assim que ela passou, os veículos prosseguiram a toda a velocidade.

O canteiro era comprido e tinha um monte de tigelas com alpiste para aves e grandes pratos de argila com água. Um bando de pombos circulava por ali, ciscando sem preocupação.

– Para que isso tudo? – perguntou Leila.

– É *sadaqa* – explicou Samir. – Alimentar os pássaros é considerado um... – ele procurou a palavra certa – ... uma bênção? Uma coisa boa.

Quando se aproximaram do canhão, Leila percebeu que ele ficava numa espécie de ilha e protegido por um portão.

– Pelo jeito, não querem que ninguém brinque nele.

– É assim que o livro começa – contou Mamoo pausadamente. – Kim está sentado no canhão e se recusa a ceder a vez para os amigos. Todas as crianças devem agir assim, creio eu.

Do outro lado da rua, um belo edifício de tijolos dava para um jardim com árvores antigas. Havia minaretes nos quatro

cantos do lugar.

– Que bonito! – disse Leila.

– Ali fica o museu – explicou Samir. – É um marco histórico.

Leila se voltou para o canhão. As rodas eram enormes e se impunham sobre ela no pedestal.

– É feito de ferro e latão – informou Mamoo. – A população de Lahore doou os utensílios de cozinha para a fabricação.

– É estranho que haja flores nele – observou a garota.

Também havia textos gravados. Mamoo olhou fixamente para ela.

– Até mesmo as flores podem ser letais.

– O texto está escrito em persa – acrescentou Samir. – A arma se chama Zam-Zammah, o “dragão que cospe fogo”.

– O livro fala sobre o quê? – perguntou Leila. – *Kim*. Eu ainda não li.

Mamoo fitou o canhão.

– É sobre um menino que sai com um sacerdote budista em busca de um rio mágico.

– E acaba se tornando um espião britânico – completou Samir.

Bom, pelo menos essa parte do espião parece interessante, pensou Leila. Era o tipo de coisa que poderia acontecer com as Irmãs Amadas.

– O pai de Kipling era curador do Museu de Lahore – disse Mamoo. – Sabia?

– Não.

Os carros passavam depressa. Acima deles, os fios de telefone estavam tomados por pássaros. Pombos circulavam por entre seus pés. A fumaça preenchia o céu. E ali jazia aquele canhão imenso, uma relíquia de outra era, algo imortalizado num livro. Leila desejou ter algo de profundo para dizer. O momento parecia pedir uma frase inteligente, mas

nada lhe passava pela cabeça.

– Acho que já vi o que queria – disse ela por fim.

Leila não costumava ir muito a museus, e o de Lahore de início não a atraiu. Tinha um monte de coisas em receptáculos de vidro. O de sempre: armas, joias, cerâmicas. Havia alguns tapetes dispostos numa plataforma. Ela se interessou mais pelos guardas uniformizados, que portavam armas assustadoras. Davam certo medo. Ela já percebera que havia guardas em todo canto da cidade – até mesmo na porta da sorveteria aonde tinha levado Wali, lembrou.

Mas Samir se interessava por tudo e parecia conhecer a história por trás daqueles artefatos. Ele e Mamoo se envolveram numa animada discussão sobre as diversas formas como uma tigela persa poderia ser usada.

Pararam na frente de um radiante Buda de ouro, que ficava atrás de uma corda vermelha. Samir passou um longo tempo observando-o.

– Minha mãe meio que simpatiza com o budismo – comentou Leila. – Eu não sabia que havia budistas no Paquistão.

A coleção de estátuas de Buda a surpreendeu: havia um numa flor de lótus, um no paraíso e até um em jejum, só pele e osso.

– Havia – disse Mamoo. – Havia de tudo no Paquistão. Temos sorte de ainda restarem estes. Por enquanto.

– O que você quer dizer? Por que não restariam mais?

– Há alguns anos, o Talibã destruiu os Budas de Bamiyan. E com certeza gostaria de destruir estes também.

– Mas era o Talibã afegão, não o paquistanês – argumentou Samir.

– É tudo a mesma coisa – retrucou Mamoo. – Os Budas

eram insubstituíveis. Eu teria adorado vê-los.

Seguiram em frente. Agora, Leila tinha uma opinião diferente dos guardas armados. Estava feliz por eles estarem ali, protegendo a arte.

Após mais uma hora circulando pelo museu, ela sentiu que seu cérebro estava cansado. Samir queria levá-la para o Forte de Lahore, mas Mamoo achou melhor voltarem para casa para almoçar.

– Vamos visitar o forte outro dia.

– E a Mesquita de Badshahi? – indagou Samir. – E a tumba de Muhammad Iqbal?

– O que você acha, Leila? – perguntou Mamoo.

– Eu quero muito visitar a mesquita. Mas... parece muita coisa. E eu estou ficando com fome.

– Tudo bem – disse Samir, desanimado.

Sua sobrancelha estava mais elevada do que nunca. Leila percebeu que ele estava desapontado com ela e se sentia culpada.

Mas a fome a devorava. E o cérebro tinha derretido com o calor e todas aquelas informações do museu.

Quando passaram pelo portão da casa dos Awan, Asif correu em direção ao carro, agitando os braços. Samir baixou o vidro e o motorista lançou um olhar para Leila. Depois, falou rapidamente em urdu.

– O que aconteceu? – perguntou Leila enquanto Samir descia do carro.

Mamoo, no banco do carona, se virou para ela.

– Parece que uma cabra está doente.

– Essa não!

Leila escancarou a porta do carro com pressa, batendo-a acidentalmente nos joelhos do motorista de Mamoo, que estava chegando para abri-la.

– Desculpe! Mil desculpas!

Ele ergueu uma das mãos como se quisesse dizer tanto “Tudo bem” quanto “Não se aproxime”, então Leila saiu correndo atrás do primo. Ele estava no quintal, inclinado sobre a cabra. O animal branco se encontrava deitado de lado, tremendo. Tinha vomitado.

– O que aconteceu com ela? – perguntou Leila, quase chorando.

– Você comprou uma cabra doente – disparou Samir.

Leila se sentiu traída por essa acusação.

– Ela estava bem ontem!

Chirragh saiu pela porta dos fundos com uma tigela de água leitosa e um pano. Mamoo apareceu e eles trocaram algumas palavras. O tio apontou para um arbusto com flores vermelhas e o cozinheiro assentiu.

A cabra arquejou, trêmula, e teve uma convulsão. Chirragh se sentou ao lado dela e mergulhou o pano na água leitosa. Em seguida, segurou a cabeça do animal e entornou o líquido em sua boca.

– O que ele está fazendo? – perguntou Leila entre lágrimas.

– Parece que a cabra comeu a espirradeira – explicou Mamoo. – Chirragh conhece um remédio.

Leila olhou para as flores vermelhas. Uma borboleta azul e preta tinha pousado numa delas, abrindo e fechando as asas lentamente, como se estivesse meditando ou rezando.

– Ela vai ficar boa?

– Minha querida, eu sou químico, não médico. Mas Chirragh entende um pouco desse tipo de coisa e acha que a cabra vai se recuperar – disse Mamoo pausadamente. – Desde que fique longe daquelas flores.

Ele caminhou até o carro, pisando duro. O motorista, que ficara observando tudo junto à mangueira, correu até o veículo a fim de abrir a porta para ele.

Leila se sentiu culpada. Afinal, fora ela que tinha amarrado o bicho perto das flores. É verdade que a cabra era irritante, mas também não queria que ela *morresse*.

Samir acariciou o pelo do animal, alisando a flor de hena no mesmo ritmo constante do abrir e fechar das asas da borboleta.

– O que a gente faz? – questionou a garota.

– Pelo jeito só nos resta esperar.

Leila pensou no livro e se perguntou se valeria a pena ir até o quarto e escrever um final feliz para a cabra. Mas ele tinha apagado Elizabeth Amada! Será que levaria a cabra a sério? *Aquele é o livro mágico mais imprestável do mundo*, pensou Leila. *Para que tanta magia se nem mesmo ajuda a curar alguém?*

De fato, existem algumas ocasiões na vida em que não há nada a fazer a não ser esperar. Mais tarde, quando estivesse sozinha, Leila escreveria no livro mágico. *Você pode curá-la?*, redigiria, esperando que o livro de alguma forma lhe concedesse esse desejo.

Mas não fez isso imediatamente. Não conseguia sair de perto da cabra. Começou a pensar que ela lhe pertencia e se sentia responsável pela saúde dela. Então, em vez de subir para o quarto, sentou-se ao lado de Samir e ambos fizeram carinho no animal até que Jamila Tai os chamou para jantar.

O cadáver excêntrico

– *Você pode curá-la?* – perguntou Ralph.

Estava de pé ao lado da cama de Edwina, apoiado nas muletas grandes demais.

Edwina dormia, com uma expressão pacífica no rosto

sobre o travesseiro. Os cabelos escuros circundavam o pescoço dela como uma onda macia. Ralph sentia vontade de enrolar um dos cachos no dedo, mas não se atreveria. Não queria acordar Edwina nem preocupar o médico.

– Ela melhorou bastante ultimamente – respondeu ele.

Era o mesmo médico que engessara a perna de Ralph.

– Até ontem – disse Ralph.

– Até ontem – concordou ele. – Não sabemos o que pode ter causado a recaída.

Na véspera, Ralph ficara esperando Edwina no jardim do hospital, mas ela não tinha aparecido. Quando já anoitecia e ele se dirigia para a entrada dos fundos, avistou um homem austero, de cabelos pálidos e vestido de preto, sair pela porta lateral. Ralph não precisou ver os olhos vazios para reconhecer o ar gélido de Melchisedec Jonas.

A lembrança fez Ralph sentir outro calafrio. Não fazia sentido, mas sabia em seu coração que a visita do guardião de Edwina havia piorado a condição dos pulmões dela.

– O que ela mais precisa é de descanso – disse o médico.

– Descanso e ar puro. Dei láudano a ela. Vai tomar outra dose dentro de algumas horas. A enfermeira vai cuidar disso. Se a Srta. Pickle tiver uma boa noite de repouso, pode acordar bem mais forte amanhã.

Ralph assentiu, despedindo-se do médico, e se sentou num banco ao lado da cama. Apoiou as muletas na cabeceira e observou-a. Tudo que desejava era passar o resto da vida olhando para aquele rosto.

Ralph deu um salto para a frente quando Edwina engasgou e enrubesceu, o pescoço inchado ao tossir. O acesso durou apenas alguns minutos e ela não acordou, mas o pânico havia fincado as garras no coração de Ralph. E se ela nunca mais acordasse? E se morresse?

Se aquilo acontecesse, Ralph não acreditava ser capaz de

continuar vivendo.

Olhou para o frasco de láudano na mesinha e seus dedos foram para o bolso onde ele guardava o vidrinho de tampa prateada. Uma vez que aquela ideia tinha se metido na sua cabeça, ele não conseguiu mais tirá-la.

Ralph deu uma olhada à sua volta. A ala feminina estava quieta. Uma enfermeira que ele não conhecia arrumava uma cama no extremo oposto da enfermaria. As pacientes ou dormiam ou tomavam ar se exercitando lá fora.

Com movimentos ágeis de um mestre do baralho, Ralph retirou o vidro do bolso. Com cuidado, desenroscou a tampa do frasco de láudano e a pôs na mesa. Em seguida, deixou cair alguns grãos esfumaçados de magia dentro do medicamento.

– Cure-a – sussurrou.

Depois, fechou os dois vidros. Era o terceiro e último pedido, mas o único que realmente tivera importância.

Edwina girou a cabeça, murmurando algo enquanto dormia. Ralph se inclinou para a frente e pensou ter ouvido as palavras “toupeira querida”.

Ralph acreditava em magia e, embora as garras do temor e do amor o prendessem, ele se permitiu voar para longe nas asas da esperança.



CAPÍTULO ONZE

Kai

KAI SE REMEXEU NO BANCO enquanto sua tia-avó ouvia o violino de olhos fechados, o corpo redondo inclinado para trás como um globo em seu eixo. Kai já tinha ido à igreja muitas vezes – ela e a mãe a frequentavam quase todo fim de semana –, mas nunca fora tomada pelo desejo de estrangular alguém num local sagrado. Esse sentimento a incomodava. Não parecia muito cristão.

Pettyfer estava ali na frente, em pé, tocando violino – *violino!* – e ela teve que reunir todas as forças para não gritar. Ele tocava uma música simples, algo que qualquer iniciante dominaria, mas tinha estampado no rosto um sorriso arrogante, superior, inabalável até quando cometia um erro. Além do mais, o instrumento era uma joia. Kai o conhecia e sabia que custara pelo menos 10 mil dólares. E Pettyfer nem era tão bom assim.

Kai amava o seu violino. Devia valer só uns 2 mil dólares, mas ele tinha sido usado pelo seu pai. E Kai o *merecia*. A mãe o tinha prometido quando ela “fosse suficientemente boa” para usá-lo, e esse momento chegara apenas havia 14 meses. Ficou anos e anos tocando duas horas por dia.

E Pettyfer...

Droga!

Kai queria agarrar o violino e arreventá-lo na cabeça dele. Mas não *aquela*, era bonito demais. Compraria um barato para o ataque.

Ergueu os olhos, observando o vitral que ilustrava Jesus com um cordeiro de um lado e um leão do outro. *Doodle é uma pessoa muito melhor do que eu*, percebeu. *Ela jamais ia querer arreventar uma mariposa na cabeça de Pettyfer*.

Quando ele terminou e fez uma reverência arrogante, tia Lavinia abriu um olho e fitou a sobrinha de soslaio.

– Ele é um menino *especial* mesmo, não é? – murmurou.

Kai pensou em muitos significados para aquela frase. O padre ficou de pé no púlpito para anunciar um hino. O órgão soou e as pessoas começaram a folhear os livros de cânticos procurando a página certa. Um momento depois, Kai mergulhou na música e se permitiu cantar. Seu peito se enchia a cada nota.

No fim da missa, Lavinia teve que cumprimentar todos os que estavam na igreja, apresentando sua “querida sobrinha, a filha de Walter”. Kai agradecia às pessoas que lhe diziam quanto seu pai fora importante para elas. Tocavam as suas mãos, olhavam no fundo de seus olhos. Uma idosa de cabelo azul caiu em prantos. Kai a consolou meio sem jeito, em parte desejando chorar também. Mas seu pai tinha morrido quando ela só tinha 3 anos e mal se lembrava dele. Não conseguia chorar com hora marcada.

– Meu pai era muito religioso? – perguntou Kai quando a mulher enxugou as lágrimas na manga.

– Ah, não tanto – disse Lavinia em voz baixa. – Ir à igreja era só uma coisa para fazer aos domingos.

– Por que ninguém nunca fala sobre a música dele?

– Ah, o Walter só começou a tocar em público quando era

bem mais velho.

Kai assentiu. Sabia que o sonho de seu pai era que ela tivesse as mesmas oportunidades de tocar violino – e a filha deveria superá-las. Sua mãe repetia esse mantra sempre que Kai ficava desanimada durante os treinos ou sentia dificuldade em dominar um movimento novo. *Bom, pensou, agora isso ficou para trás.*

Quando acabaram de cumprimentar todo mundo na igreja, inclusive o padre, as duas saíram pela grande porta dupla e foram para o estacionamento. Um utilitário branco gigante freou de repente enquanto virava à esquerda para entrar na rua, evitando atropelar um senhor de cabelos brancos numa cadeira de rodas, que vinha andando pela faixa de pedestres. Sem se abalar, o homem continuou atravessando a rua na direção da igreja enquanto o motorista dava uma buzina alta.

– Mmm-hmmm.

Lavinia comprimiu seus lábios e caminhou a passos largos até o utilitário. Bateu no vidro fumê, e o motorista o abaixou em velocidade lenta e constante.

O homem que apareceu ali tinha cabelos louros e um rosto cinzento e inexpressivo. O barrigão quase tocava no volante e o ar gelado que saía pela ventilação agitava os seus cabelos. A mulher ao lado dele tinha mechas de um tom alourado muito estranho e os dez dedos cobertos de diamantes. Olhava fixamente para a frente enquanto o marido encarava Lavinia.

– Quê? – exigiu.

– Irmão Pettyfer, eu estava aqui pensando se poderíamos contar com o seu apoio para o projeto Casas para o Povo – disse Lavinia amavelmente, apoiando um cotovelo na janela do carro ao mesmo tempo que o idoso subia na calçada e passava por eles, lançando uma careta para o carro. – Sabe, o grupo de jovens vai construir casas para algumas vítimas da

enchente do mês passado.

Pettyfer pai bufou.

– Por que essa gente não faz seguro contra enchente? Ou se muda para um lugar que não alague? Por que eles têm que morar tão perto do pântano?

– A terra é mais barata perto do pântano.

– Anda, pai! – reclamou alguém do banco de trás. – Vamos embora!

Kai torceu o nariz para a queixa anasalada de Pettyfer. Ele a ignorou e ela fez questão de retribuir o favor.

– Todo mundo quer dinheiro nesta cidade! – exclamou Pettyfer pai. – Já não pago imposto suficiente?

– Não faço a menor ideia – respondeu Lavinia em tom meigo. – Paga?

Kai deu uma risadinha e a loura finalmente olhou em sua direção.

– Vamos, Petty – disse ela.

Pettyfer pai olhou fixo para a tia-avó de Kai.

– Irmã Lavinia, ninguém nunca vai aprender a caminhar com as próprias pernas se as pessoas ficarem dando dinheiro.

– Ah, entendo. E as pessoas que herdaram dinheiro? Como aprendem a caminhar com as próprias pernas? – indagou Lavinia, mas o vidro escuro já estava subindo lentamente.

O utilitário dobrou à esquerda, cantando pneu. Lavinia levou as mãos à cintura e olhou para o céu.

– Me perdoe, Jesus! – gritou.

– O quê? Por quê? – perguntou Kai. – Você não fez nada de errado. Só pediu ajuda para um projeto.

– Hum.

Lavinia ergueu a sobrancelha sobre o olho maior. Tinha amarrado os cabelos em um coque, prendendo-o com um lindo pente entalhado. Vestindo uma túnica rosa e calça branca, estava elegante e tinha algo de intimidador. Kai ficou

genuinamente surpresa ao ver que Pettyfer pai mal a deixara falar.

– Bom, não existe nenhum projeto Casas para o Povo. Eu só pedi ajuda para que ele fosse obrigado a negar bem na frente da igreja – respondeu a tia-avó. Deu um sorrisinho meio constrangido, meio orgulhoso. – Conte uma mentira num domingo! Ai, como eu sou má!

Kai não sabia o que dizer. Era *mesmo* meio errado, mas ainda era melhor do que arrebentar um violino na cabeça de alguém.

– Às vezes acho que eu poderia ser uma pessoa melhor – confessou Lavinia, olhando para a torre da igreja. – Mas aí eu penso: “Que nada, estou velha demais para me dar o trabalho de ser gentil com alguém como esse Pettyfer.”

Kai estendeu a mão e tocou no cotovelo da tia.

– Eu também.

Como de costume, Doodle entrou sem bater.

Na tarde seguinte, ela nem se intimidou quando viu que Kai estava tocando violino. Continuou andando a passos largos pelo quarto e se deixou cair na cama desarrumada.

– Finge que eu não estou aqui.

Foi o que Kai fez. Seguiu tocando a peça, que era uma de suas preferidas: a Sonata nº 4 de Beethoven. A última nota correu pelo quarto, deslizando rente às paredes e vibrando na janela. Kai abriu os olhos.

– Uau – disse Doodle. – Você está...

– Enferrujada.

– Eu ia dizer que está tocando maravilhosamente.

Kai bufou, como se o elogio tivesse sido um insulto.

– Estou *muito* enferrujada. Você ouviu aquele som agudo que saiu perto do final? Ficou *horrível*.

Kai guardou o violino no estojo e, com três voltas rápidas, afrouxou as cordas do arco.

– Eu achei fantástico – retrucou Doodle. Deu uma olhada no vidro de manteiga de amendoim. – Como vai o paciente?

– Nenhuma novidade.

Doodle inclinou a cabeça.

– Há quanto tempo você vem tocando?

– Mais ou menos uma hora. Eu deveria praticar duas, mas não estou...

– Não, eu quero dizer *na sua vida*.

– Ah. Desde os 3 anos.

Com a unha do polegar, cutucou os calos nas pontas dos dedos. Haviam se amaciado nos meses em que deixara o violino de lado, mas agora as cordas faziam sulcos já conhecidos nas pontas duras dos dedos.

– Não tenho treinado muito ultimamente – acrescentou.

– É mesmo? – Doodle pegou um travesseiro amassado e o colocou atrás das costas, para ficar um pouco mais sentada. – Por que não?

– Para quê?

– Como assim? Não é por causa da música?

– Quero dizer, para que estudar? Nunca vou tocar numa orquestra mesmo, então...

Kai pôs o arco dentro da capa, depois encaixou o violino no estojo forrado de veludo e o fechou. Por causa das janelas trancadas, o ar no quarto estava quente e pesado. Fazia calor demais para abrir uma janela e calor demais para deixá-la fechada.

– Como você sabe? – perguntou Doodle.

Kai sentou de pernas cruzadas no chão de madeira. Costumava ser mais fresco, mas o piso rapidamente absorveu o calor do seu corpo.

– Eu sei porque sei. Porque eu não tenho o que se precisa

ter, ok?

– É? E o que você precisa ter?

Kai pensou.

– Mais.

– Bom, você ainda pode tocar. Só por diversão.

– Acho que não vai ser tão divertido sem... – Kai procurou as palavras – ... sem o sonho.

– Que sonho?

– O sonho de ser... – Kai deu de ombros. – Meu pai sempre sonhou em ser violinista de orquestra.

– Ah, espera aí. Esse era o seu sonho? Ou o sonho do seu pai?

– Era... meu. Dos dois.

Mas Kai sabia que não era bem assim. Ela não nutria o desejo de ser violinista de orquestra. Não exatamente. Na verdade, ela queria realizar o sonho de seu pai. Fazê-lo se tornar realidade. Porque ele não estava mais lá para realizá-lo ele mesmo. Porque era assim que precisava ser.

– De qualquer forma, eu perdi a chance – completou ela. – Estraguei tudo.

– Como? – perguntou Doodle.

Kai suspirou e olhou para o teto. Como poderia explicar? Tudo se relacionava com o fato de sua mãe ter trabalhado muito durante anos para compensar a ausência do marido mas ter perdido o emprego mesmo assim. E também com o fato de que às vezes as coisas não davam certo, não importava quanto você se esforçasse. Fechou os olhos e disse:

– Não fui aceita na escola de Susan Laviere.

– Quem é Susan Laviere?

– É uma professora de violino. É a melhor do país. Meu pai... Meu pai queria estudar com ela.

Kai olhou para Doodle, que meneou a cabeça – não como

quem entende, mas pedindo que ela prosseguisse.

– Meu pai amava tocar violino e, quando estava no ensino médio, foi aceito na escola de Susan Laviere. Mas meu avô não o deixou ir. Queria que meu pai fosse médico.

– Ele desistiu do violino?

– Não. Ele era músico profissional. Tocava em casamentos, recepções, coisas assim, mas queria mesmo ser violinista de verdade, de orquestra. Sempre acreditou que isso seria possível se tivesse estudado com Susan Laviere. É o que a minha mãe diz. Ele queria que eu tivesse a oportunidade que ele perdeu.

– Mas ela ainda dá aula?

– Dá. Ela é velha e só aceita três alunos novos por ano. Em geral só seleciona gente que esteja no ensino médio. Mas o meu professor de violino enviou uma fita minha de demonstração e eu fiz um teste.

Kai falava olhando para o teto. Era mais fácil do que encarar Doodle.

– E você não passou?

– Não. Ficamos sabendo na mesma semana que minha mãe perdeu o emprego. Foi um desastre.

– Sua mãe foi demitida?

– Imagina! – Kai balançou a cabeça. Seria impensável sua mãe ser *demitida*. Tinha sido a revendedora regional mais bem-sucedida nos últimos três anos e, como recompensa, chegara a ganhar um brilhante Lexus prata. – A empresa foi reestruturada e o cargo dela deixou de existir. Ofereceram-lhe um novo, ganhando menos e tendo que viajar muito, e ela é mãe solteira, então...

– Então não deu.

– É. Agora estou aqui enquanto ela procura trabalho e faz um curso de informática de três semanas para aprender a mexer com redes sociais, essas coisas. Só que foi péssimo,

porque nós duas fracassamos bizarramente na mesma semana depois de dar um duro danado para... – Kai deu os ombros. – Não sei. Depois daquilo tudo, talvez tenha sido melhor mesmo a gente passar um tempo longe uma da outra.

– Mas você disse que a Susan Laviere geralmente só aceita gente no ensino médio.

– Ela aceitou alguém mais novo este ano. – Kai levou a mão às franjas do tapete ao lado da cama e deixou os fios de seda passarem por entre os dedos. Depois os soltou. – Mas não eu.

– Você pode tentar de novo ano que vem. Vai se sair melhor.

– Assim como todas as outras pessoas que não passaram.

– Você... você está mesmo *desistindo*?

Doodle não conseguia acreditar. Estava tentando, sem sucesso.

– Estou falando, eu ouvi os outros músicos. São melhores do que eu.

– Mas então... você não vai mais tocar? Nunca mais?

– Toda vez que eu toco, penso no meu pai e em como o desapontei.

A outra coisa em que Kai também pensava toda vez que abria o estojo do violino era na cara da mãe ao ler a carta de rejeição e sua expressão ao se virar para a filha.

– Então... era nisso que você estava pensando agora? – perguntou Doodle. – No seu pai?

– Bom... era. Nas primeiras vezes. Mas aí aconteceu uma coisa.

– O quê?

Kai indicou com o olhar o vidro de manteiga de amendoim. Doodle se levantou de um salto.

– Ele mexeu de novo?

Depois da primeira vez que se movera, ele só havia ficado

imóvel, não importando o que Kai ou Doodle fizesse.

– Ele se mexe de vez em quando – explicou Kai. – Acho que depende do que eu toco.

– Ele gosta de música?

– Gosta, mas depende. Ele só gosta quando eu toco... bem... a música dos insetos. Olhe só.

Dando de ombros, Kai abriu o estojo, ajustou o arco, pegou o violino e o posicionou. Fez uma pausa para fitar o vidro com o casulo em cima da mesinha de cabeceira. Então começou a tocar a música da noite, o som dos grilos e a chuva nas folhas, os estalos e zunidos dos insetos e das larvas cavando a terra.

Kai parou e as meninas ficaram observando o casulo. Mais uma vez, ele deu um saltinho e se balançou.

– Mexeu – murmurou Doodle.

– Não é sempre que acontece.

Kai tocou mais algumas notas. O casulo ficou parado e depois pulou.

– Por mil gafanhotos! – exclamou Doodle. – Você tem que fazer uma demonstração na Feira de Lepidopterologia!

– Você acha?

– Kai, sério, esse casulo tem tipo... sei lá quantos anos. Talvez seja da época de Edwina Pickle! E a sua música o está *acordando!*

Kai foi tomada por uma onda de pânico.

– Talvez seja coincidência.

– Talvez não! Talvez esses casulos precisem de determinada música ou frequência para se abrirem!

Doodle saiu saltitando e dançando pelo quarto, pulando feito louca.

– Talvez nem *seja* um casulo...

– Você não está vendo? – Doodle apontou. Havia uma rachadura minúscula na pérola branca comprida, uma cicatriz

que ia de um extremo ao outro. – Não está *vendo*?!

Kai sentia os dedos grossos e pesados. O que significava aquilo? O casulo estaria eclodindo... arrebentando? Ela nem sabia que palavra usar. Depois desse tempo todo preservado na resina? Era assustador.

– Toque a música! – ordenou Doodle. – Toque! Você não pode parar agora!

Kai obrigou os dedos a se moverem, de início devagar e depois mais depressa, enquanto Doodle continuava dançando. Agora o casulo estava quieto, talvez descansando após os esforços ou sentindo-se ameaçado pela dança frenética de Doodle. Mas Kai tocou e, pela primeira vez em quatro meses, viu algo além das cordas do violino que não era o rosto desapontado da mãe.

No jantar, Lavinia tinha uma expressão estranha no rosto.

– Ouvi você tocar aquela melodia no violino. Onde a aprendeu?

– Eu... – Kai começou a dizer, pensando em quanto deveria revelar – li num livro antigo.

– É, acho que é bem antiga. Já a ouvi antes... há muito tempo... – O olhar de Lavinia era nostálgico. – Em algum lugar.

– Já ouviu falar de uma pessoa chamada Edwina Pickle? A gente acha que foi ela que compôs essa música. – As palavras saíram atropeladas.

Lavinia balançou a cabeça.

– Pickle? Não, docinho. Acho que eu me lembraria desse nome.

– E um tal de Ralph Flabbergast? – perguntou Kai.

– Ralph Flabbergast? – repetiu Lavinia. – Ora, sim, *dele* eu ouvi falar.

Kai arquejou.

– Ele morava por aqui?

Lavinia havia desfeito o coque e as ondas prateadas do cabelo pendiam em volta do rosto. Seus olhos encontraram os de Kai. Pela primeira vez, a garota percebeu que as íris da tia eram de uma cor muito parecida com as suas – um castanho-claro incomum com contorno preto. Era estranho ver seu próprio olhar refletido por outra pessoa. Era desorientador e reconfortante ao mesmo tempo.

– Ele morava *exatamente* aqui – respondeu Lavinia por fim. – Era meu querido tio.

O cadáver excêntrico

Ralph saiu ao extenso gramado caminhando com ajuda das muletas, sob um céu acolchoado de nuvens. Apesar dos movimentos estranhos, era bastante ágil. As notas vibravam e flutuavam, cintilando feito bolhas de sabão.

– Edwina! – chamou ele.

– Toupeira! – gritou ela, retirando o arco do violino e correndo (correndo!) até ele.

Ela parecia querer se atirar nos braços dele, mas apenas pegou sua mão e a apertou com afeto.

– Eu estou bem! Estou muito bem! – exclamou Edwina rodopiando, e a saia de sarja se enroscou em seus tornozelos.

– Estou vendo! – respondeu Ralph.

Edwina tinha o rosto corado e os olhos brilhantes. A alegria a deixava quase radiante.

– Ela deu um belo susto no médico. – Um jovem de expressão pensativa se levantou de uma cadeira de palha e caminhou até eles. Estendeu a mão. – Sou o irmão de

Edwina.

– Parker – disse Ralph. – É um prazer. Imagino que não se lembre de mim, mas nos conhecemos há muito tempo.

– Eu me lembro. – Os olhos de Parker se enrugaram nos cantos. – E, mesmo que não tivesse lembrado, Edwina já falou tanto de você que eu me sinto como se fôssemos amigos.

As palavras de Parker eram gentis, mas seu rosto parecia preocupado e Ralph sentiu a alegria se esvaír um pouco, como vapor no ar frio.

Edwina dedilhou algumas notas no violino.

– O médico disse que talvez na semana que vem eu já possa ir para casa – informou ela a Ralph.

– É – disse Parker. – Mas, Edwina, não devemos nos afobar.

– Querido irmão, vamos ver quanto você se afoba para sair de um hospital onde já ficou por seis semanas.

– Espero que a companhia não tenha sido horrível – comentou Ralph.

Edwina sorriu.

– Muito pelo contrário, querida toupeira. A companhia é o que há de melhor neste lugar.

Ela estreitou os olhos ao ver uma figura de branco caminhando resolutamente na direção deles.

– Ah, droga. Aí vem a Lucille. Aposto que o médico quer ouvir meus pulmões de novo com aquele estetoscópio gelado horroroso. Passei a manhã toda me esquivando dele. Será que não consegue ver que eu estou bem?

– Por favor, faça o que o médico mandar, está bem? – pediu Parker, levando a mão gentilmente ao braço da irmã.

Ela lançou um olhar suplicante para Ralph.

– Não olhe para mim – disse ele. – Você nunca vai escapar de Lucille. Ela é como um cão atrás de uma lebre, e a lebre é

você.

Lucille realmente parecia um buldogue e, com um suspiro, Edwina gritou para ela:

– Está bem, está bem! Você finalmente me encontrou! Eu me rendo.

Então marchou na direção da enfermeira. Ralph e Parker ficaram alguns momentos vendo-a se afastar.

– A recuperação dela é realmente um milagre, não é? – falou Parker.

Ralph assentiu, incapaz de conter a alegria.

– Foi mágica.

– Sim... Foi essa a palavra que Edwina usou. – Parker inclinou a cabeça e arrumou o chapéu em um ângulo jovial. – Sr. Flabbergast, é amigo da minha irmã. Posso lhe confiar um... assunto particular?

– Claro.

O olhar de Parker se dirigiu ao bosque.

– Sr. Flabbergast, como sabe, nosso guardião é um homem de certa reputação.

Ralph hesitou. Não queria falar nada descortês sobre o guardião de Edwina.

– Sempre ouvi dizer que ele era um bom homem de negócios.

Parker lançou um olhar inexpressivo para ele.

– Posso garantir que ele não é um homem gentil. Aliás, já conheci aranhas mais gentis.

– E menos sanguinárias – concordou Ralph antes que pudesse se conter, mas Parker apenas consentiu.

– Bom, então nos entendemos. Embora eu tenha ficado aflito com a doença da minha irmã, sempre senti que havia alguma... segurança aqui. No hospital.

– Segurança... em relação ao seu guardião?

– Para resumir, minha irmã e eu somos herdeiros de uma

grande fortuna. Acredito, embora não tenha como provar, que nosso guardião a andou envenenando.

Ralph arquejou ao sentir a bile corroer o estômago.

– Envenenando?

– Sei que parece improvável, mas ele a obriga a trabalhar na fábrica de caixões e o lugar claramente a deixa doente. Depois, no mesmo dia que vem visitá-la aqui, ela tem uma recaída?

– Mas por que você não está doente?

– Não sei! Não consigo explicar isso! Mas minha irmã sempre foi sensível. E você mesmo já conheceu o meu guardião. A própria presença dele é venenosa!

– Não pode explicar ao Sr. Jonas que a fábrica não faz bem a ela?

– Ele sabe. Estou convencido de que é por isso que ele continua a atormentá-la.

– Entendo... – Ralph franziu a testa. – Mas você não parece ter medo dele.

Sua voz transmitiu a pergunta não dita: “Por quê?”

– Eu tenho medo, sim. Mas não por mim. Nossos pais morreram quando eu era muito pequeno e não chegaram a alterar o testamento para me incluir. Ele estabelece que Edwina é a herdeira direta e, depois dela, Melchisedec Jonas.

– Mas você pode contestar, certo?

Parker deu um sorriso desolado.

– Melchisedec sabe que ninguém ousaria desafiá-lo formalmente. Não em nenhum dos tribunais próximos, pois ele subornou todos os juízes. E eu não vou me atrever a nada caso algo aconteça à minha irmã. Ralph... eu não quero que ela volte para casa.

– Mas o que ela vai fazer?

– Recebi uma oferta de emprego respeitável, para dar aulas numa nova escola missionária. Também há lugar para

Edwina, que ficaria com as crianças pequenas, se ela vier comigo. Agora que ela está melhor, temos a oportunidade de sair daqui. A viagem pode até fazer bem a ela, mas de qualquer forma não vai ser pior do que trabalhar na fábrica ou viver com o nosso guardião.

– Viagem? Para onde?

– Para a Índia. O Punjab. Sr. Flabbergast, poderia convencê-la a vir comigo? Se é amigo dela, faça isso. Eu imploro.

“Índia?” Ralph queria contestar. “Mas a Índia está cheia de perigos! E ela não pode me abandonar!”

Olhou para cima, para o céu cinza pálido como um nevoeiro. Perdeu-se nele enquanto sua cabeça girava em busca de uma nova resposta. Como manter Edwina ali? Que opção ele tinha? Não poderia pedi-la em casamento – acabara de completar 17 anos, não tinha dinheiro e o guardião dela jamais permitiria.

– É pelo bem dela – disse Parker.

Um único pingo de chuva, gelado como um alfinete, caiu no braço de Ralph, que pensava no frasco que tinha no bolso. O frasco cruel que concedia seus desejos – desejos que eram realizados, mas com um final decepcionante. Uma árvore atingida por um raio. Um chucrute delicioso que quase os enriquecera. Ralph olhou nos olhos de Parker, tão parecidos com os de Edwina mas também tão diferentes, e, embora tivesse aberto a boca para dizer “não, desculpe, ela não pode ir, nem mesmo para se salvar”, o que saiu foi:

– Sim.



CAPÍTULO DOZE

Leila

LEILA NÃO GOSTOU DAQUELA reviravolta. O *cadáver excêntrico* a tinha seguido até o banheiro – ou talvez tivesse chegado lá antes – e estava apoiado num porta-toalhas, à sua espera, quando ela se virou para lavar as mãos.

– Você já ouviu falar em *privacidade*? – perguntou Leila.

Levou o livro para o quarto e deu os 23 passos até a cama. Não fazia sentido guardá-lo. Ele queria chamar a atenção dela, como um cachorrinho com um graveto na boca. Com um suspiro resignado, virou as páginas manuscritas até a última seção e correu os olhos pelo texto.

Quando chegou à parte sobre Parker e Edwina irem para a Índia, ela ficou de pé. Depois, voltou a se sentar, leu a palavra *Punjab* e se levantou de novo.

Lahore fica no Punjab, percebeu. *E o Paquistão ainda devia ser parte da Índia quando Edwina era viva*. Leila deu quinze passos até a escrivaninha e pegou uma caneta do estojo que deixara ali.

Você está tentando me dizer alguma coisa?, escreveu ela. Fechou o livro. Contou até cinquenta. Então voltou a abri-lo e soltou um gemido.

Uma nova frase havia aparecido: *Eu pensei que você é que estava tentando me dizer alguma coisa.*

Kai

DO OUTRO LADO DO mundo, Kai estava sentada na cama. O ar pesado da noite, carregado de chuva e denso como um bando de mosquitos, a fizera ficar em casa. Estava lendo a última entrada do livro quando uma mensagem escrita à mão começou a aparecer: *Você está tentando me dizer alguma coisa?*

Seu coração se sobressaltou, perdendo o ritmo do compasso. *O quê?* Sua cabeça travou e rodopiou, como engrenagens rodando em falso. *O quê?*

Com os dedos trêmulos, retirou uma esferográfica da calça jeans. Tinha a respiração rasa e rápida; não conseguia inspirar ar suficiente.

Eu pensei que você é que estava tentando me dizer alguma coisa, escreveu.

Letra a letra, a resposta apareceu: *Não estou entendendo a sua história. O que ela significa?*

Kai se empertigou, processando aquela mensagem.

Também achava que a história de Ralph e Edwina era meio confusa. O livro mágico era misterioso e um pouco assustador, para falar a verdade. O vínculo entre Ralph Flabbergast e Lavinia parecia bem... improvável, beirando o surreal.

Mas aquilo ali era mais estranho ainda. Ela sempre pensara que o livro sabia o que estava fazendo. Que ele tinha algo a dizer, como os livros normais. Que estava contando uma história. Mas agora parecia querer que *ela* se tornasse a capitã do navio.

É você que está escrevendo a história, ela informou ao livro.

Mas foi você que começou.

Kai teve que admitir que era verdade. *Eu não fiz quase nada! A história não é minha,* escreveu Kai. *É sua.*

Eu não estou inventando nada!

Kai ficou olhando para as palavras. Tinha a impressão de não compreendê-las direito, como se estivessem sendo transmitidas por uma rádio ruim.

De fato, ela não compreendia mesmo. Kai não sabia que estava escrevendo para Leila. Não sabia que Leila existia.

E Leila também não sabia que Kai existia.

O livro sabia, mas, sagazmente, ficou calado.

Você está me dizendo que é real?, escreveu Kai.

Me diga isso você.

Ralph Flabbergast *era* real. Disso ela sabia. Era o tio de Lavinia. Edwina era real. Ela e Doodle tinham lido o diário dela e visto a assinatura naquelas páginas.

É real, sim, escreveu.

Ficou esperando a resposta. Por fim apareceu: *Então eu quero um final feliz.*

Você e todo mundo, pensou Kai, com os dedos parados sobre a página. *Bom, então faça acontecer.*

Como?

Kai não sabia o que dizer. Pousou o livro em cima da cama.

Você está aí?

Você está aí?

Após alguns instantes, as palavras começaram a sumir. Letra a letra, da última à primeira, elas emitiam um brilho prateado e depois pareciam afundar na página, até desaparecer tudo o que tinham escrito.

Kai não sabia o que pensar de um livro que estava confuso

quanto à própria história e queria que ela lhe contasse o final.

É claro que ele sabia o que aconteceria depois. Mas era um livro muito inteligente, que sabia que as melhores histórias só davam informações suficientes para manter o leitor interessado. Não se tratava de explicar demais, e sim de fazer Kai imaginar.

Eu não sei o final, pensou Kai. Como poderia?

Mas se eu não sei e o livro também não...

Acho que ninguém sabe.

O cadáver excêntrico

– Chegou isto para você hoje – disse a Sra. Flabbergast, entregando para Ralph uma encomenda embrulhada em papel pardo. – Parecem ser livros.

– É, são livros.

– Você não tem um cartão da biblioteca? – perguntou ela, mas Ralph já estava subindo as escadas.

Sua perna já estava boa, mas ele mancaria ligeiramente pelo resto da vida, ainda mais nos dias frios e úmidos.

No mês que ele tivera alta do hospital, visitara Edwina em casa por cinco vezes. Toda vez que a via, ela estava mais pálida e magra. Viam-se veias azuladas na testa e na garganta. Parecia cansada. Mas não estava doente. Embora a empresa fria de Melchisedec Jonas parecesse deixá-la exausta, o pedido mágico de Ralph a mantivera razoavelmente saudável.

Ele a veria pela última vez naquela noite. No dia seguinte, ela pegaria um trem para o porto, onde embarcaria com Parker em um vapor para Nova York. Partiriam de navio para a Inglaterra e, dali, contornando o Cabo da Boa Esperança e

subindo a costa leste da África, chegariam finalmente a Karachi, onde iniciariam a viagem por terra até Lahore.

– Acredito que leve uns dois meses para chegar lá – contara ela a Ralph na última vez que estiveram juntos. – Mas, imagine só, a Índia!

Ralph queria perguntar se ela tinha certeza de que estaria em segurança. Pensamentos com cobras e tigres e selvagens aterrorizantes assolavam a sua mente, embora ele se lembrasse da promessa feita a Parker.

– E a escola, já abriu?

– Ah, sim. Parece que os britânicos têm instalado escolas e igrejas lá. Estão planejando uma grandiosa, chamada Aitchison, fora dos limites da cidade. Deve se tornar a maior escola da Ásia!

Quando Edwina falava da viagem, recuperava um pouco de seu brilho. Por isso Ralph se convenciu de que tudo daria certo. Ainda que a viagem não fosse exatamente segura, seria melhor do que a vida com Melchisedec Jonas.

Desse modo, Ralph agia com entusiasmo sempre que estava com Edwina, reservando suas preocupações e lágrimas para os momentos a sós.

Agora, em seu quarto, Ralph desembrulhava lentamente o pacote. Dentro havia dois volumes encapados em couro. O cadáver excêntrico. Ralph vira o livro anunciado no jornal e encomendara um para ele e um para Edwina, de recordação.

Haviam chegado de Kalamazoo, Michigan, bem a tempo para a partida de Edwina.

Os livros eram lindos, impressos em letras douradas e com as instruções do jogo. “Que comece a magia!”, dizia.

“A magia está nos separando”, pensou ele. “Se eu nunca tivesse pedido que ela se curasse...”

O ressentimento durou apenas um instante, até que outra voz interior falou: “Bem, o que teria acontecido? Ela teria

morrido em vez de simplesmente ir para a Índia! Agora ela voltará daqui a cinco anos, quando puder herdar a fábrica. E, nesses cinco anos, você vai trabalhar, economizar e esperar.”

O que são cinco anos para alguém apaixonado? Uma eternidade, é claro. Mas uma eternidade pela qual vale a pena esperar.

Ralph abriu cada livro na primeira página em branco. Escreveria os nomes deles em cada um. Mergulhou a caneta no tinteiro e seus olhos caíram outra vez na palavra “magia”. Passou os dedos sobre as letras.

“Magia”, pensou. E a tristeza, fina e pálida como neblina, se apoderou de seu coração.

Ele deixou a caneta de lado e retirou o frasco do bolso. Sabia que já não havia mais nenhuma magia, mas não conseguia deixar de lado a esperança. Encheu o frasco de tinta, fechou a tampa e o sacudiu, torcendo para que algum tipo de alquimia acontecesse. Em seguida, verteu a tinta de volta no tinteiro.

“Desejo que, um dia, possamos continuar o nosso jogo”, pensou Ralph enquanto mergulhava a ponta de aço da caneta na tinta e começava a escrever os nomes. “Desejo que as nossas histórias encham as páginas destes livros... para sempre.”



CAPÍTULO TREZE

Leila

UMA AVE DE RAPINA preta dava voltas no céu cinza-poeira. Leila observou o pássaro voar sem esforço, batendo as enormes asas apenas quando era absolutamente necessário para se manter no ar. Não parecia estar caçando nem fazendo nada em especial além de apreciar o ar, o calor e a vista lá de cima.

Não se sentia só.

Ao contrário de Leila.

Quando Nadia chegou com a ideia de ir para o Quênia, disse aos pais que passar o verão em outro país seria “legal” e uma “oportunidade de aprendizado”. Mas, até agora, a aventura de Leila só tinha lhe ensinado que ela era muito menor do que pensara e que o mundo era muito maior... e mais estranho.

Leila tinha saudade das tardes com Aimee, quando folheavam revistas, fofocavam sobre celebridades, discutiam livros das Irmãs Amadas, comiam salgadinhos, experimentavam novos penteados, viam filmes. Mas, de qualquer maneira, aqueles dias tinham ficado para trás. *Tá Mara é sua melhor amiga agora*, ralhou consigo mesma.

Isso era verdade, de certo modo – Ta'Mara era a melhor amiga que Leila tinha. Mas, definitivamente, não a Melhor Amiga, e ela sabia disso. Ta'Mara era legal e divertida, mas as duas nem sempre falavam a mesma língua. Estar com ela era meio como estar em Lahore – estranho o suficiente para ser ligeiramente desconfortável.

Ali, nada era fácil. Leila não se sentia à vontade para ligar a televisão sem pedir permissão ou até mesmo instruções. Ainda que conseguisse fazer isso, nenhum dos seus programas preferidos seria transmitido. Não podia preparar um lanche sem incomodar os empregados. Não podia ir a lugar nenhum sem que um estranho livro mágico a seguisse, obrigando-a a tentar descobrir o que ele queria dizer.

O sol batia com força, fazendo o ar parecer rarefeito. Era difícil respirar. Por outro lado, o ar-condicionado deixava Leila com dor de cabeça e os geradores garantiam que os Awan nunca tivessem que enfrentar o calor sufocante. Babar Taya insistia que aquele era o verão mais fresco dos últimos dez anos, mas fazia mais de 43 graus! Portanto, Leila ia e vinha entre o frio extremo do interior e o calor extremo do exterior, num ciclo incessante.

Ainda assim, Flor sempre parecia ficar feliz em vê-la. A cabra saltitava quando Leila saía para o pátio. Havia se recuperado depressa do envenenamento e já retomara seu orgulhoso e alegre jeito de ser. Fez carinho nela, distraída, até que o animal se afastou e subiu numa rocha. Como o jardim era cercado por um muro, Leila olhou para o céu.

Atrás dela, uma porta rangeu e Rabeea saiu, fechando-a em seguida.

– Para onde você está fugindo? – perguntou Leila.

Rabeea deu um salto ao ouvir a voz da prima.

– O quê? Para lugar nenhum! Não estou fugindo! Não sabia que você estava aqui.

Acomodou a bolsa debaixo de um braço e ajustou a *dupatta* azul-marinho. Segurava uma sacola de pano. O sol não brilhava, mas os cabelos pretos de Rabeea estavam penteados para trás e reluziam sobre os ombros tensos.

– Minha mãe sabe que eu vou sair.

– Eu só estava brincando – falou Leila.

O sol fez o seu pescoço arder. De um jeito ou de outro, tudo que ela dizia para Rabeea saía errado. Era mais do que uma barreira linguística; a prima sempre interpretava as suas palavras da pior forma possível.

– Ah – disse Rabeea.

Em seguida, ela se virou e começou a andar em direção ao carro, acenando para o motorista. Entregou a sacola para ele sem nem olhá-lo.

– Aonde você vai? – perguntou Leila.

Rabeea se voltou para ela com um olhar precavido.

– Fazer compras.

– Hum.

Rabeea soltou um suspiro.

– Quer vir também?

A cabra deu uma cabeçada em sua perna. Leila deu de ombros.

– Tudo bem.

Ficou claro que Rabeea preferia não ter perguntado, e Leila sentiu uma pontada secreta de prazer. Ela também não tinha nada para fazer além de olhar para o céu e se sentir exaurida pelo calor, e sua paciência estava se esgotando. Asif segurou a porta para Rabeea enquanto Leila dava a volta no carro e entrava pelo outro lado. Asif sorriu para ela ao passar pela janela. Teve a sensação de que ele a achava engraçada, mas não se importava com isso.

Asif passou pelo portão feito um foguete e desceu a rua. Várias curvas depois, entraram no tráfego, onde tiveram a

experiência mortífera de atravessar as ruas congestionadas de Lahore. Rabeea indicava o caminho falando em urdu e Asif sempre respondia “*Gee, hanh*” enquanto se desviava de alguns obstáculos e criava outros. Rabeea não dirigiu uma palavra a Leila, o que ela achou ótimo.

Finalmente pararam no estacionamento de um enorme prédio de concreto. Era um edifício comercial, que combinava lojas e escritórios, e não parecia ter nada a oferecer a uma compradora compulsiva como Rabeea. Ela recebeu a bolsa de pano de Asif, e Leila seguiu a prima na direção de uma joalheria. Ficou surpresa quando ela passou pela loja sem entrar, dirigindo-se a uma escada ao lado. Dois homens com cigarros acesos observaram as meninas subirem um lance. Depois subiram outro e Leila foi atrás de Rabeea por um corredor cinza, industrial e feio, com janelas que pareciam ter sido recortadas do concreto. Havia uma pilha de lenha em um canto e os números caíam das portas.

– Aonde a gente está indo? – perguntou Leila, com um arquejo entrecortado.

Ela não sabia muito bem onde estavam e o lugar parecia abandonado. Um súbito calafrio a percorreu e ela teve medo de que estivessem prestes a fazer algo terrível.

Rabeea a ignorou e parou na frente de uma porta de madeira com o número 333 debaixo de uma janela circular azul-clara. Ela a abriu, e Leila entrou numa sala cujas paredes brancas estavam cobertas por obras de arte: três grandes pinturas caligráficas ao lado de um retrato de duas mulheres vestindo sáris vibrantes. No centro havia uma espada dourada em cima de um pedestal, com uma borboleta azul reluzente pousada na ponta da lâmina. Uma menina bonita, de olhos escuros e mais ou menos da idade de Rabeea, estava ajoelhada no chão, embrulhando algo em papel pardo. Conversava com alguém – um certo garoto bonito e de

cabelos arrepiados – que se apoiava na parede de modo casual, escrevendo uma mensagem no celular. Ele ergueu os olhos quando as duas entraram e sorriu.

– Você demorou – disse Zain. – E aí, Leila?

Ele a examinou do rosto aos sapatos e de volta ao rosto, e Leila sentiu o coração bater no chão, como se estivesse dentro de um elevador descontrolado.

– *Helaam* – cumprimentou Leila numa mistura de urdu e inglês, dando uma risadinha nervosa.

– Não foi culpa minha – rebateu Rabeea, insinuando que Leila era a responsável pelo atraso, o que não era verdade.

A menina que embrulhava o presente sorriu para Rabeea, que se abaixou para lhe dar um beijo no rosto. Elas conversaram animadamente em urdu e a menina apontou para uma parede da qual pendiam esculturas feitas de pregos fundidos que formavam rostos.

– Shireen, você conhece a Leila? – perguntou Zain, bocejando feito um gato preguiçoso.

– Não. – O tom de voz de Shireen tinha uma elegância que Leila admirou, e seus olhos escuros reluziam. – *As-salaam alaikum* – disse, com um sorriso tímido.

– *Wa-alaikum asalaam* – respondeu Leila.

– Shireen, ela é a minha prima – apresentou Rabeea. – A mãe da Shireen é a dona da galeria.

– Eu não sabia que havia galerias de arte em Lahore.

Rabeea revirou os olhos para Leila como se ela fosse uma completa idiota.

– É *óbvio* que tem. Você não conhece nenhum artista paquistanês? Sadequain? Shahzia Sikander?

– O Sudeste Asiático tem uma história muito rica – explicou Shireen, animada. – E a comunidade artística é maravilhosa. Cheia de talento.

– Isso se você achar que um monte de pregos fundidos

pendurados na parede são arte – acrescentou Zain.

– Zain não gosta das exposições contemporâneas – disse Rabeea. – Só de coisa velha.

– O que você acha de tudo isso?

Zain estendeu a mão para indicar toda a galeria.

– Eu não entendo nada de arte.

Leila caminhou até uma parede para inspecionar um quarteto de retratos. Eram imagens de animais.

– Gostei destes.

– Um dia vamos ter quadros da Rabeea nestas paredes – afirmou Shireen, sorrindo para a amiga.

Rabeea estendeu a sacola de pano.

– Eu trouxe os pincéis.

– Você gosta de arte? – perguntou Leila. – Sério mesmo?

– A Rabeea é muito talentosa! – Shireen riu. – Ela não contou para você? Tem ajudado a minha mãe nas aulas que dá no orfanato. Você é sempre tão generosa! – disse para Rabeea ao aceitar a sacola com o material.

Leila recordou o momento no carro em que Rabeea lhe falara para não dar dinheiro aos pobres. Pensara que a prima tinha o coração de granito. Não lhe ocorrera que o fato de não ajudar *todos* não significava que ela nunca ajudasse *ninguém*.

– Fico muito contente que as meninas possam pintar com a sua mãe. Significa demais para elas.

A tristeza na voz de Rabeea comoveu Leila e a surpreendeu. Ela se perguntou em que mais a prima pensaria, o que mais estaria escondendo. Essas perguntas deixaram Leila constrangida pelo simples fato de que nunca lhe ocorrera fazê-las antes.

Rabeea olhou o retrato de duas velhas com os braços cheios de pulseiras, rindo. Parecia que a imagem a transportava para outro lugar, como se ela visse algo além do que estava ali, algo tão lindo que realmente alterou seu rosto,

suavizando-o.

Isso fez Leila desejar o mesmo. Fitou as imagens nas paredes com mais atenção. Eram retratos de animais, todos decorados com flores e hena, e o artista os pintara de tal modo que dava para conhecer a personalidade de cada um: um camelo dava um sorriso maroto, de lado; um touro olhava para o espectador de forma agressiva; um carneiro tinha um olhar meigo e inocente; e o último, um bode com flores vermelhas na franja, tinha um olhar travesso. Shireen se aproximou e parou ao lado de Leila. Era alta e graciosa.

– Gostou? – perguntou Shireen.

– Aquele ali parece a Flor – disse Leila. – Minha cabra.

– Você tem uma cabra? – questionou Rabeea, indo até elas.

– Bom... a *sua* cabra. A cabra que eu comprei. Eu a chamo de Flor porque ela tem uma flor de hena na perna. Eu a comprei para o Eid – explicou para Shireen. – Ela ficou doente, mas já melhorou.

– O que ela teve? – perguntou a garota.

– Ela comeu alguma coisa – explicou Rabeea. – Uma planta. Chirragh disse que não vai atrapalhar o Eid.

– Chirragh faz o bode mais delicioso da cidade – falou Zain com um sorriso, elevando as sobrancelhas.

– Ah, essa cabra não é para comer – Leila apressou-se em dizer. – É para o Eid.

Zain deu uma gargalhada enquanto Rabeea e Shireen trocaram olhares.

– Ela é um *presente* – explicou Leila. – Um animal de estimação.

– Ah – fez Shireen, arregalando os olhos para Rabeea.

– Não seja idiota – retrucou Rabeea com firmeza.

Zain comprimiu os lábios, mas Leila percebeu que ele tentava conter um sorriso. Sentiu o estômago embrulhar.

*A Flor é um animal de estimação, pensou. Não é?
Não é?*

Rabeea a encarou um momento, como se fosse falar mais alguma coisa. Depois pareceu pensar melhor e respirou fundo. Em seguida, virou-se para a espada no centro da sala.

– Isto é incrível – disse, se afastando.

– É forjada à mão – informou Shireen, seguindo a amiga.

A boca de Zain se contorceu num sorrisinho que fez Leila estremecer, então ela desviou o olhar, voltando a admirar os retratos de animais. Depois observou a imagem de um céu repleto de pipas coloridas. Uma plaqueta falava sobre Basant, um festival de pipas que inspirou a imagem.

Zain observava Rabeeea, que inspecionava cada obra. O modo como ele sorria para ela deixou claro para Leila tudo o que precisava saber sobre por que estavam na galeria, para começo de conversa.

Leila não era a estrela de um romance das Irmãs Amadas. Rabeeea talvez, mas ela não. Grande aventura, a sua.

Depois de percorrerem toda a galeria, Zain convidou as três meninas para tomar chá com doces. Leila não tinha fome. Não perguntou mais nada sobre a cabra para Rabeeea, nem mesmo no trajeto de volta. Não suportaria.

Assim, ficaram em silêncio, cada uma perdida em seus pensamentos.

Naquela noite, Leila encontrou Samir na biblioteca. Estava deitado no sofá, apoiado em uma montanha de travesseiros retirados de todas as cadeiras do ambiente.

– Oi – cumprimentou ele, animado, deixando o livro de lado.

– Onde está todo mundo? – perguntou Leila.

– Lá embaixo. Estão anunciando os dez melhores do

Pakistan Idol.

– E você não vai ver?

– Eu só vejo os programas em que eles cantam. – Samir voltou a reclinar-se nos travesseiros. – Detesto a parte eliminatória.

Leila olhou à sua volta e considerou fazer algumas perguntas sobre a escrivaninha, os livros, qualquer coisa. Mas não era para isso que ela procurara Samir. Não fazia sentido continuar postergando e, mesmo suspeitando já saber a resposta, ela precisou se obrigar a enunciar as palavras.

– O que é o Eid al-Adha?

O sorriso de Samir se esvaiu diante do rosto devastado da prima.

– É um feriado. Quando Abraão ofereceu Ismael a Deus em sacrifício – explicou em tom afável. Como Leila não respondeu, ele prosseguiu: – Foi um teste de fé. Alá ordenou a Abraão que sacrificasse o próprio filho. Quando Abraão contou o que aconteceria a Ismael, o filho concordou. Mas, quando Alá viu que eles eram fiéis, aceitou um cabrito em seu lugar. – Samir observou o rosto dela. – Você nunca celebrou esse feriado? Nunca ouviu falar dele?

– Eu achava que Eid era quando você dava dinheiro, vestia roupas novas, essas coisas.

Do lado de fora, a fumaça havia se dissipado. Em geral ela absorvia a luz da cidade, tornando o céu noturno quase cinza, mas naquela noite estava negro como carvão.

Samir se sentou.

– Esse é o outro Eid. O que acontece no fim do Ramadã.

As palavras cortavam feito uma navalha – e Leila levou alguns instantes para sentir a dor.

– O outro Eid – repetiu ela.

– Isso. Neste Eid, você sacrifica um animal e dá um terço para os pobres, um terço fica para você e um terço você dá

para amigos e parentes. – Samir fechou o livro que estava lendo e o colocou na mesa ao lado do sofá. Ficou de pé e se pôs ao lado dela. – Você não sabia? Por que você achou que a gente ia querer um bode?

Leila não conseguia responder. Não conseguia pronunciar a expressão *animal de estimação*, que agora lhe parecia ridícula demais.

– Aonde você vai? – Samir chamou-a ao vê-la sair correndo pela porta. – Ei!

A imagem do sorriso torto de Zain a apunhalava enquanto ela descia as escadas. Ouviu a voz de Samir ao longe, e até seus passos seguindo os dela, mas não olhou para trás. Atravessou correndo a cozinha bonita e até Chirragh abriu passagem quando ela cruzou a cozinha de verdade e saiu pela porta dos fundos.

Flor era a sua cabra. *Sua* cabra.

O animal disparou quando Leila saiu correndo pelo pátio.

– Venha aqui – pediu Leila. Andou na direção de Flor, que saltou para trás com um balido alto. – Volte aqui! – implorou. – Estou tentando salvar a sua vida!

– O que você está fazendo? – perguntou Samir enquanto a cabra corria pelo pátio, fugindo de Leila.

– Volte aqui! Volte aqui! – gritava ela. – Segure ela!

– Por quê?

Flor saltou e se esquivou até que Leila teve a ideia de encurralá-la. Segurou uma mesa quando Flor se aproximou de um canto do muro. Empurrou a mesa contra o muro e interpôs seu corpo no espaço livre.

– Não faça isso! – alertou Samir quando Leila deu um salto adiante.

– Peguei você!

Mas a cabra pulou sobre a mesa e, de lá, para cima do muro.

Leila teria ficado maravilhada com o salto se não estivesse tão aterrorizada.

– Desça daí! – gritou justo quando a cabra pulou para o lado de fora.

Leila ficou olhando como se parte dela esperasse que a cabra voltasse para o pátio. Após alguns instantes, virou-se para Samir.

Ele parecia abismado.

– O que você estava fazendo?

– Eu só... só queria ajudar a Flor. – Leila olhou para cima do muro. – Não faz mal. É bom que ela tenha fugido. Agora ela é livre.

– É, até alguém encontrá-la e levá-la para casa – retrucou Samir. – Aí ela vai ser o jantar de *outra pessoa*.

Leila se sentou ali mesmo, na grama escura. Não tinha pensado naquilo. De novo. O mundo ao seu redor ficou borrado e as lágrimas a cegaram. *Eu sou tão idiota*, pensou. *Nadia jamais teria deixado isso acontecer. Jamais. Não é à toa que Rabeea me acha uma imbecil. Não é à toa que meus pais esperam tão pouco de mim. E a Flor... Coitadinha da Flor!*

Samir se sentou ao seu lado. Ficaram um momento em silêncio enquanto as lágrimas de Leila rolavam, até que finalmente pararam. Ela enxugou as bochechas.

– Preciso ir atrás dela – disse por fim.

Samir olhou fixamente para a prima. Ela ficou à espera do comentário sarcástico, do insulto que nunca veio.

– Eu também vou – afirmou ele.

Estava escuro, mas o bairro não se encontrava em silêncio. Aliás, começava a ganhar vida, com visitantes caminhando entre as casas. Ainda assim, Leila não estava acostumada a sair à noite, muito menos numa cidade que parecia

desconhecer a invenção da calçada. Um sedã elegante passou por eles e o motorista buzinou. Chirragh sacudiu o punho para ele.

– Isso é boa ideia? – sussurrou Leila para o primo.

Chirragh caminhava mancando atrás deles, obrigando-os a andar mais devagar. O pai de Samir insistira que o empregado fosse junto e os fizera prometer que não passariam da mesquita próxima.

Samir ergueu a sobrancelha.

– Se é uma boa ideia sair no escuro procurando por uma cabra?

Leila enxugou a palma da mão úmida no algodão rosa da camiseta.

– Bom, na verdade eu estava falando... – Deu uma olhada para Chirragh, que vinha mancando, de cara fechada. Voltou-se para Samir e murmurou: – Estava falando *dele*.

Samir parou de repente.

– Está falando sério? – Seu rosto demonstrava surpresa.

– Não, eu... – Leila deu uma olhada furtiva para Chirragh, que tinha parado a uma distância respeitosa. – Você não acha que ele mete medo?

Samir fitou-a, claramente chocado.

– Chirragh trabalhou a vida inteira para a nossa família! É o homem em que mais se pode confiar em Lahore e é muito leal a nós.

– Como você pode ter tanta certeza?

– Na juventude, Chirragh era empregado doméstico. Ele se feriu num acidente de ônibus e não conseguia mais subir a escada direito. Muita gente o teria dispensado, mas meu avô insistiu que havia lugar para ele e minha avó lhe ensinou a cozinhar. – Samir a olhou fundo nos olhos. – É por isso que ele é o melhor cozinheiro da cidade.

– O que teria acontecido... se os seus avós não o tivessem

deixado ser cozinheiro?

Samir encolheu o ombro direito.

– Tem muita gente pobre nesta cidade. Muitos chegam a ser miseráveis. Nem consigo imaginar a vida deles... – Inconscientemente, ele olhou para Chirragh. – Às vezes, quando as pessoas não podem trabalhar, acabam tendo que mendigar. Se ficarem doentes, não têm acesso a médicos nem dinheiro para pagar. Algumas famílias tratam os empregados terrivelmente mal, porque sabem que eles não se atrevem a ir embora. Mas Dada Jaan, o nosso avô, sempre disse que era responsável por todo mundo que vivia sob o teto dele. Abu e Ami dizem o mesmo.

Leila lançou um olhar para Chirragh, que continuava esperando e observando-os com a cara amarrada. Ergueu o queixo, como se soubesse que estavam falando dele. Como se os desafiasse a julgá-lo.

Leila se sentiu culpada por ter desconfiado tanto e por pressupor que ele era mau. A culpa se misturou à saudade, e desejou poder cavar a terra até o outro lado, até seu quartinho lilás bagunçado, onde as coisas eram simples e nunca acontecia nenhuma aventura.

No momento de silêncio que se seguiu, um inseto de asas ligeiramente reluzentes passou entre eles de um jeito estranho e avançou à frente.

Leila o viu começar a desaparecer rua acima.

Eles nem precisaram falar. Tanto ela quanto Samir seguiram a mariposa.

A mariposa parecia querer conduzi-los a algum lugar, pois de tempos em tempos retornava até eles e depois se impulsionava à frente, batendo as asas. Samir e Leila não sabiam direito para onde iam, mas, quando ela virou uma

esquina, eles a seguiram. Já no meio de uma ruazinha, viram a mariposa passar por sobre um muro e desaparecer.

– Que engraçado – disse Samir, aparentemente para si próprio.

Um instante depois, ouviram um ruído estranho, meio mugido, meio balido.

– Flor! – exclamou Leila, olhando para o muro.

Em alguns lugares, tijolos sobressaíam num padrão artístico, perfeito para uma cabra escalar.

– Como a gente vai entrar? Vamos tentar escalar?

Samir tocou a campainha no portão.

– Esta é a casa do Mamoo – explicou.

Uma pequena portinhola de metal se abriu e um par de olhos escuros apareceu. A janelinha sugeria que a pessoa não era muito alta. Samir e o homem do outro lado do portão trocaram algumas palavras em urdu e, em seguida, a portinhola voltou a se fechar.

– Por aqui – disse Samir, indicando uma porta metálica.

Leila seguiu o primo e foi amavelmente recebida por um homem baixo, de ombros caídos, gorro e longa barba grisalha. Chirragh foi o último a passar e cumprimentou o homem como se já o conhecesse. O empregado falou sem parar e com entusiasmo com Samir e Leila, que assentia como se entendesse tudo. Na frente da casa havia um pequeno pátio elegante, com piso de lajotas, cheio de flores aromáticas.

Samir disse mais algumas palavras e o homem bateu palmas e se afastou depressa. Samir saiu correndo atrás dele, e Leila, sem compreender muito bem o que estava acontecendo e o que deveria fazer, foi atrás dos dois. Então viu-se em outro pátio, na parte de trás da casa, onde uma cabra balia, protestando contra a corda que tinha amarrada no pescoço. Havia três grandes urnas no chão, das quais transbordavam flores vermelhas que brilhavam suavemente

com a luminosidade de mariposas. De início, Leila pensou que os insetos estivessem zumbindo, mas depois percebeu que a música saía por uma janela próxima. Uma quarta urna estava caída de lado, com terra e flores vermelhas espalhadas pelo chão. Uma mariposa solitária tinha pousado numa delas. O homem apontou para a urna e falou rapidamente, em seguida balançou o dedo para Flor, que corcoveava no canto.

– Ele disse que foi a cabra que derrubou – explicou Samir.

Leila olhou para as flores vermelhas. Eram do mesmo tipo que tinham feito mal a Flor antes.

– Ela não é uma cabra muito esperta, né?

– Esperta o bastante para fugir da gente – retrucou Samir.

Após afastar os vasos até uma distância segura, o serviçal os conduziu para um hall simples e por uma porta de madeira. Chirragh ficou no hall, e Leila e Samir caminharam na ponta dos pés até a sala de estar. Mamoo estava sentado numa grande poltrona de veludo dourado, com os olhos semicerrados, ouvindo a música que saía de uma engenhoca antiga e empoeirada, mas de aparência imponente, instalada no canto. A mariposa tinha pousado na quina da madeira, como se estivesse satisfeita. Leila e Samir esperaram que a melodia acabasse e Mamoo abrisse os olhos.

Ele fitou os dois por um longo momento, como se não conseguisse identificá-los. De repente, perguntou:

– O que os traz aqui a esta hora da noite?

– Você está com a nossa cabra – informou Samir.

Mamoo comprimiu os lábios.

– Essa cabra destruiu a minha propriedade.

– Ela já está condenada à morte – argumentou Samir.

– É a minha cabra! – resmungou Leila. – A gente tem que salvá-la!

– O que está acontecendo?

Mamoo ergueu uma sobrancelha e, por um instante, ficou

muito parecido com Samir.

– Eu comprei a cabra – confessou Leila. – Mas não sabia que ela acabaria na mesa de jantar! Foi tudo uma tremenda idiotice... – Sua voz falhou e ela não conseguiu terminar.

– Ela se sente responsável – disse Samir.

Não chegou a revirar os olhos, mas Leila acreditou ter ouvido algo nesse sentido em seu tom de voz.

– É a *minha* cabra.

– Você é vegetariana? – perguntou Mamoo polidamente.

Leila corou.

– Não.

– Hum.

– É diferente. Eu não sou responsável por todos esses animais... os que eu como. Não sou vegetariana, mas também não saio por aí matando os animais de estimação das pessoas e comendo. – Olhou para Samir e sua sobrancelha zombeteira. – Você não entende, não é?

– Entendo – respondeu ele em tom amável, como quem pede desculpas.

Ela se virou para Mamoo.

– Você entende?

– É importante que eu entenda? – Seu tom de voz não era cruel.

– Sim! Bem... – Leila começou a dizer. – Não! – decidiu. – Não, desde que você me ajude.

Mamoo consentiu, como se aprovasse a resposta, e foi até a engenhoca. A mariposa alçou voo por um momento, enquanto ele girava a manivela e colocava a agulha no disco. O violino recomeçou aquela estranha melodia irregular com ruídos peculiares, e a mariposa voltou a pousar.

– O que é isso? – perguntou Leila.

Mamoo deu um sorriso sonhador.

– Você gosta?

– Não sei – admitiu Leila, ao que Samir lhe cutucou. – Gosto – corrigiu-se rapidamente.

– Nem todo mundo gosta – disse Mamoo. – Foi minha querida tia quem gravou.

– Quem? – perguntou Samir, intrigado.

– Tia Edwina – respondeu Mamoo. Como Samir continuava desconfiado, ele prosseguiu: – Ela era a irmã do patrão e grande amigo do meu pai. Um detalhe muito interessante sobre tia Edwina é que ela chegou em Lahore com o próprio caixão.

– Ela estava *morta*?

– Não. Meu pai me contou que o guardião de Edwina era tão sovina que lhe deu um caixão em vez de um baú para a viagem de navio. Ele trabalhava na indústria de caixões. O irmão trouxe um ditafone, uma espécie de gravador. Parece que o guardião pensou que seria útil nos negócios, por isso se dispôs a gastar dinheiro nele. O armário que guarda o gravador foi construído na fábrica também, pelo que meu pai contava. Veja, tem o nome na parte de trás: *Companhia Caixão Americano*. Acho que ainda existe.

– Espere aí... Como é que é? – Leila ficou tonta, como uma onda que arrebenta sua cabeça: Caixão Americano, Edwina, Lahore, irmão... – Qual era o sobrenome de Edwina? Como o irmão se chamava?

Mamoo aparentou surpresa.

– Ele se chamava Parker Pickle. O sobrenome dela deve ser o mesmo.

Leila sentiu seus joelhos amolecerem e tentou se sentar no sofá ao seu lado, mas errou o traseiro e acabou sentada parcialmente no apoio de braço.

– Ai.

– Você parece ter problemas com cadeiras – observou Mamoo.

– Você está bem? – perguntou Samir.

Leila escorregou do descanso para o assento do sofá.

– Estou bem. É que... – Olhou para o gravador e um novo pensamento lhe surgiu. – Que tipo de mariposa é essa?

– É uma mariposa-celestial. Ela gosta dessa música – disse Mamoo. – E do verniz. Tem algo nele de que as mariposas parecem gostar. Já me perguntei muitas vezes o que pode ser.

Leila não conseguia falar. Sua mente zumbia com a mariposa e a música.

– Você devia examinar – sugeriu Samir. – Mande os seus alunos analisarem num projeto.

Mamoo alisou o bigode.

– É, talvez eu faça isso – falou, pensativo. – É estranho. Muitas vezes, no pôr do sol, uma ou duas vêm voando pela janela e pousam no armário. Quando eu toco a música, outras mais costumam aparecer. Essas mariposas não existiam no Punjab até a virada do século, sabiam? Meu pai dizia que fora Edwina quem as trouxera com ela.

– Que esquisito... – murmurou Leila.

É esquisito. *É esquisito demais.* Ela se lembrou de Edwina tocando a música e a mariposa pousando em seu violino. “É magia de verdade”, dissera Ralph. Magia. Verdadeira.

– Você está com cara de que vai vomitar – observou Samir.

Leila concordou.

– Talvez.

Mamoo pegou uma lixeira de escritório decorada com uma rosa e a colocou na frente de Leila.

Ela não conseguiria vomitar dentro de algo tão bonito. Aquilo a fez se recompor.

– Já passou – disse, mas continuava tentando dar sentido a tudo aquilo. – Como é que você acabou ficando com esse

gravador?

– Meu pai trabalhava com Parker Pickle, como eu disse. O Sr. Pickle não teve filhos e, quando faleceu, deixou tudo para o meu pai.

– Ele *morreu*? – perguntou Leila, chorosa.

– Bem, depois de quarenta anos em Lahore... – respondeu Mamoo.

Ele olhou para Samir, que deu de ombros como quem diz “Não faço a menor ideia do motivo para essa comoção”.

– E que fim levou Edwina? – perguntou ela.

– Deve ter morrido também – admitiu Mamoo.

A cabra deu um balido agoniado, desvencilhando Leila dos pensamentos sobre Edwina, Parker, o livro e a mariposa.

– Por que você não deixa a cabra comigo? – sugeriu Mamoo. – Vocês podem dizer à família que ela fugiu. Não deixa de ser verdade.

– Ah... e você não vai comê-la?

– Minha querida, eu não sou um monstro.

– Tudo bem. Abu compra outro bode – disse Samir.

– Ah.

– Mas não se apegue a ele – avisou Samir, lendo sua expressão.

– Bem... vou me apegar, de certa forma. – Deixou-se cair no sofá e levou as mãos aos cabelos. – Eu me sinto como o Anjo da Morte. Sou meio que o oposto do Kim, não é? – perguntou a Mamoo. – O menino do livro que você me deu.

Mamoo inclinou a cabeça.

– Como assim?

– Ele se encaixa bem em qualquer lugar – disse Leila. – É capaz de parecer hindu, muçulmano, branco, indiano, qualquer coisa. Já eu nunca... eu nunca sei o que está acontecendo. Não me encaixo em lugar nenhum.

A música do violino atravessou a sala e todos se

entreolharam em silêncio.

– Minha querida, você é americana – disse Mamoo.

– Mas isso não é nada – retrucou Leila. – Minha tia parece pensar que ser americana é pior do que tudo.

Olhou para Samir, em parte torcendo para que ele a contradissesse. Mas o primo ficou calado.

– Acho que Kim diria que para certos problemas não há solução.

Mamoo apoiou a mão gentilmente no ombro de Leila.

– Isso não faz sentido – disse ela. Sua voz saiu baixa e seca, como se a confusão na cabeça dela a tivesse moído até virar pó. – Não é justo.

– Pois é – concordou Mamoo. – Não é mesmo.

Os olhos dele se dirigiram ao gravador, onde a mariposa estava pousada com as asas abertas, como se quisesse sentir as vibrações da música.

A música de Edwina.

As mesmas notas que Kai tocara a meio mundo de distância.

O cadáver excêntrico

As cartas de Edwina viajavam de um lado a outro do mundo, e Ralph guardava cada uma delas. Às vezes ele lia todas de uma vez só. Em outras lia somente seus trechos preferidos. Ficavam guardadas na gaveta dos casacos, dentro de uma caixa de charutos amarrada com barbante em um padrão complexo, para que ele soubesse se alguém tinha mexido.

Ele buscava manter um tom alegre em suas cartas para ela, e as respostas de Edwina eram igualmente felizes:

Minha querida Toupeira,

Lahore está realmente agitada. Os britânicos e os locais estão construindo tudo por todo canto. As ruas fervilham, a ponto de ser difícil passar...

Toupeira querida,

As pessoas mais amáveis do mundo moram aqui! Conheci uma moça adorável chamada Alice Kipling, nascida em Bombaim. Trix – ela insiste que eu a chame pelo apelido – morou a maior parte da vida na Índia, apesar de ser britânica. O irmão dela prometeu nos levar para dar uma volta pela Casa das Maravilhas do pai deles...

Querida Toupeira,

Parker e eu estamos planejando um concerto em casa daqui a duas semanas, e os preparativos com os comes e bebes põem meus nervos à prova. Mal tenho tempo de tocar meu violino...

Toupeira querida,

A escola é adorável e as crianças são absolutamente maravilhosas. Muitas são filhas de oficiais do Exército britânico e receio que sejam muito solitárias. Tento fazê-las sorrir contando as aventuras da menina e da toupeira.

Ontem, como prometido, Ruddy levou a Parker e a mim para ver a Casa das Maravilhas. Ele é jornalista e meio sério, de aparência um pouco irritadiça, mas muito inteligente. A irmã de Ruddy me contou que ele inventa histórias absurdas e escreve bastante poesia. Eu nunca poderia imaginar que ele tivesse uma alma poética, mas acho que não tenho como saber. Por outro lado, o pai dos

dois, Lockwood, é um verdadeiro artista! Tem uma barba branca longa e nobre, e dá grande valor a cada estátua e artefato do museu, como se fossem dádivas dos deuses. Gostei muito dele.

Há um imponente canhão na frente do museu e as crianças gostam de montar nele como se fosse um dragão. Quando estávamos saindo, comentei com Ruddy que ele poderia escrever um poema ou um conto sobre as crianças. Falei que todos os meninos pareciam ser iguais, pois os jovens irlandeses e ingleses da minha sala provavelmente gostariam tanto de montar no canhão-dragão quanto as crianças hindus e muçulmanas.

Ruddy concordou que todos os meninos são essencialmente iguais na paixão pela aventura, mas não pareceu excessivamente interessado. Não imagino que ele tenha escrito algo sobre esse assunto...

Querida Toupeira,

Os britânicos estão saindo em peso de Lahore. Todos vivem com medo do calor e quase todos têm se mudado para Simla. Ruddy insiste muito com Parker para ir embora daqui. Trix e a mãe já partiram.

Cada carta sua é um tesouro para mim, mas devo admitir que, a cada dia, sinto mais saudade. Talvez mudar de cenário me faça bem...

Minha querida Toupeira,

Terríveis notícias. Meu guardião tem considerado comprar uma mina e planeja viajar para a Índia nos próximos meses. Parker ficou tão furioso que quase perdeu a cabeça. A verdade é que eu me sinto mal só de pensar em ver Melchisedec Jonas novamente. Mais do

que nunca, agora eu desejaria não ter saído dos Estados Unidos. Se ao menos eu pudesse voltar antes de ele vir para cá!

Você sabe que sou a herdeira de uma grande fortuna, mas realmente trocaria tudo, sem pensar duas vezes, pela chance de me ver livre de Melchisedec Jonas. Parker e eu não conseguimos falar de outra coisa. Ele pensa como eu, mas está muito feliz na Índia. Eu, por outro lado, sinto que os círculos aqui são muito pequenos. Talvez porque sou mulher e as oportunidades são limitadas...

Depois de alguns meses, as cartas pararam de chegar. Ralph se preocupou, mas torceu desesperadamente para que Edwina estivesse apenas atarefada recebendo seu guardião.

Ou talvez tivesse se mudado para Simla, onde o correio não funcionava com tanta regularidade.

Ou...

Tentou não pensar em outras possibilidades.



CAPÍTULO CATORZE

Kai

ERA UMA COISA FEIA, com um corpo rechonchudo e peludo e duas antenas estranhas, em forma de folha de palmeira.

– É um gafanhoto – disse Kai.

– Não, é a mariposa.

Doodle e Kai estavam inclinadas, bem próximas, observando o inseto pela lateral do vidro, na beirada da janela de Kai.

– Onde estão as asas fabulosas? Ele está assim há horas.

– Ainda estão úmidas – explicou Doodle. – Leva tempo até se abrirem, até a hemolinfa chegar às extremidades.

– Hemo o quê?

– O sangue da mariposa. Mas não é sangue de verdade. É amarelo.

– Ela não está se mexendo.

– Kai, ela ficou não sei quanto tempo presa num casulo – argumentou Doodle. – Deve estar cansada. Pare de pressionar o bicho.

Kai riu.

– O que é tão engraçado?

– Nada, é só que... – Kai deu de ombros. – “Pare de pressionar o bicho” parece algo que eu falaria.

Doodle deu um breve sorriso e continuou observando a mariposa.

– Talvez você esteja me contagiando. Pegue o violino. Nossa celestial precisa de mais música.

Kai soltou uma risada sarcástica, mas foi até o armário e pegou o violino. Afinou-o rapidamente, passou resina no arco e começou a tocar.

De início, nada aconteceu. Kai continuou tocando, preenchendo o quarto com a música. Após alguns instantes, a mariposa se pôs a vibrar, movendo as antenas lentamente, como se sondasse o ar à sua volta. As asas azuis brilhantes se abriram, movendo-se devagar e sentindo o ar do vidro.

– Olhe – murmurou Doodle, vendo uma asa reluzir ligeiramente.

Lá fora, a noite mergulhou em silêncio, como se tudo tivesse parado para ouvir.

– Eu contei para o Sr. Jenkins sobre a sua música – disse Doodle enquanto Kai tocava. – Ele quer que você se apresente na feira.

O arco escorregou sobre as cordas, soltando um guincho agudo.

– Você vai tocar, né?

Kai não respondeu, mas ficou pensando, com o violino na mão. Não sabia se estava preparada o suficiente para voltar a se apresentar. Por outro lado, sentia-se irresistivelmente tentada a fazer Pettyfer de bobo tanto com relação aos insetos quanto com relação ao violino. Queria vê-lo se enfiar num buraco e desaparecer, tamanha a humilhação. Ou talvez entrar em combustão espontânea. Mas, depois de tanto tempo parada, ela não estava em sua melhor forma.

E isso lá era importante? Ela não conseguia se decidir.

Devagar, bem devagar, a mariposa bateu as asas sob as notas do violino. Doodle tirou uma série de fotos com o iPad. Em seguida, desenroscou a tampa do vidro.

O silêncio súbito que se abateu quando Kai levantou o arco das cordas foi quase um choque.

– O que você está fazendo?! – perguntou ela, prendendo o arco sob um dos braços.

– Libertando a mariposa.

Mas o animal não se mexeu. Talvez não soubesse ainda para que serviam as asas. Ficou pousado no galho dentro do vidro, como se estivesse plenamente feliz ali.

– Espere aí... O quê? Pensei que a gente ia levá-la para a Feira de Lepidopterologia!

Kai estendeu os dedos e tapou o vidro com a mão.

Doodle balançou a cabeça.

– Agora que ela tem asas, não pode passar dois dias presa dentro do vidro.

– Mas... a gente não pode deixar o Pettyfer ganhar!

– A gente tem as fotos – argumentou Doodle.

– Ao vivo é muito melhor! E... e os 500 dólares?

Doodle encarou Kai como se ela estivesse falando outra língua.

– E a *mariposa*?

Kai sentiu o rosto corar.

– É porque o seu pai trabalha na empresa de caixões? – questionou. – Você está com medo de que ele seja demitido se a gente ganhar do Pettyfer? Não deixe que ele intimide você!

– Não acho certo prender uma mariposa, Kai.

Ficaram se encarando um momento, e então ela constatou que Doodle estava mesmo falando sério. A amiga não se importava com o dinheiro. Não se importava com Pettyfer. Não se importava em vencer. Só se importava com a mariposa.

Uma mariposa imbecil. E era mesmo imbecil: continuava pousada no raminho dentro do vidro, nem ao menos tentando voar.

Kai apertou ainda mais o vidro com a mão.

– Não é errado querer vencer, Doodle. É justo. Pettyfer não *merece* ganhar.

– Eu sei. Então, se ele não merecer, não vai ganhar.

A mariposa bateu as asas, pairando no ar. Até Kai percebeu que ela estava tentando voar.

Sentiu a pele arder como asfalto ao sol. A raiva subia-lhe à cabeça, virando vapor e circulando em volta dela.

– Mas e *eu*? – exigiu.

Doodle piscou.

– O que tem *ocê*?

– Ahn?

– Por que *ocê* se importa tanto com isso?

– Porque é... – Kai balançou a cabeça. – Porque...

Tentou se lembrar do motivo pelo qual se importava tanto com a vitória na Feira de Lepidopterologia. Bem, queria derrotar Pettyfer. Queria mostrar que ela era melhor do que ele! Queria que ele soubesse que era um fracasso, que ele se sentisse...

Que ele se sentisse...

Como eu me sinto, percebeu Kai quando a ideia passou por ela como o sopro de uma brisa. *Que soubesse como é não ser tão bom assim.*

A névoa ao seu redor finalmente desapareceu. E assim, de repente, o concurso voltou a ser apenas um concurso.

Não provava que ela era melhor do que Pettyfer. Não provava nada.

Doodle continuava esperando, observando o rosto de Kai. Ela pensou em Ralph, que acreditava em magia... *Existe magia no mundo*, pensou, recordando as palavras de Doodle:

As mariposas são mágicas. Não restava dúvida: *aquela* mariposa era muito mágica.

E a magia não faz bem algum se ficar presa num vidro.

Kai tirou os dedos do pote.

– Você tem razão.

A frase caiu no chão como uma rocha, e a mariposa, que sentiu a vibração mas não entendeu o significado, alçou voo, passando pela janela e saindo noite adentro.

Não havia dúvida: era um grande evento de cidade pequena. A simpática biblioteca antiga estava escondida atrás de três grandes tendas brancas, à sombra das quais vários conjuntos de mesas tinham sido organizados por assunto. Já havia gente circulando, observando as apresentações.

Kai e Doodle tinham colocado fotos da mariposa-celestial e ilustrações do diário em um pôster triplo, que era exibido com orgulho em meio a maquetes e relatórios sobre mariposas. Em um canto, serpenteava uma longa fila de crianças que observavam um homem de cartola listrada retorcer balões compridos e coloridos em forma de borboletas. Num extremo do gramado, um grupo vocal de ensino médio cantava uma música da Taylor Swift. Ao lado dele, uma barraquinha oferecia limonada e cookies em forma de borboleta.

Alguém tinha feito uma marionete gigante – maior que um ser humano – de uma borboleta-monarca, e duas pessoas de collant preto se esforçavam, suando, para parecer invisíveis enquanto faziam a borboleta dançar perto da calçada da frente. Lavinia instalara uma mesa para vender Suco Luna e doar o dinheiro à biblioteca. Havia até brincadeiras para crianças pequenas: elas podiam jogar bolinhas de isopor em grandes crisálidas de madeira ou tirar fotos com o rosto aparecendo por um buraco cortado na cabeça de uma grande

borboleta de madeira. Havia giz e fotos de borboletas e mariposas para quem quisesse desenhar na calçada. Uma faixa estendida sobre as tendas dizia: *134ª Feira Anual de Lepidopterologia!*

– Isto é uma loucura total – disse Kai. Abriu a boca ao ver as pessoas com a marionete gigante de borboleta e mordeu um cookie. – Nossa, isso está muito bom.

– É uma loucura legal – comentou Doodle. – A banda faz um espetáculo incrível de tarde.

Kai aspirou sem querer uma migalha de cookie e precisou tomar um gole de limonada para não se engasgar. Ela e Doodle estavam sentadas debaixo de uma árvore, perto do conjunto vocal.

– Que banda? Não tem banda nenhuma aqui – retrucou Kai.

Doodle ergueu as sobrancelhas e comprimiu os lábios, uma expressão que dizia: *Espere só.*

– Doodle!

Com uma pilha de cookies em uma das mãos e acenando com a outra, Carlos, o bibliotecário *hipster*, vinha num trote desengonçado na direção delas. Vestia uma camiseta com a imagem de um abacaxi e calça de veludo bege, embora a temperatura estivesse em torno dos 38 graus. Ergueu um copo de Suco Luna.

– Vocês já provaram isso?

– É a minha tia-avó que está vendendo – informou Kai.

– É *sensacional*. Ei, cadê o projeto de vocês?

– Na tenda mais à esquerda – disse Doodle, enquanto Kai apontava vagamente para o pôster.

– Legal, estou louco para ver. Ei, professor Hill!

Agora Carlos acenava para alguém atrás delas. Quando Kai se virou, viu um homem de cabelos brancos numa cadeira de rodas que subia a rua. Ele sorriu e Kai se deu conta de que

já o tinha visto antes, quando o pai de Pettyfer buzina para ele do utilitário.

– Professor, gostaria que conhecesse Miriam Martell e Kai... – Carlos balançou a cabeça. – Desculpe, acabo de perceber que não sei o seu sobrenome.

– É Grove.

– Kai Grove – Carlos repetiu. – E este é o professor Hill. Ele dá aula de química na Faculdade de Harlingen.

– Muito prazer.

Kai e Doodle ficaram de pé para apertar a mão dele, uma cena ao mesmo tempo solene e meio boba, ainda mais quando Doodle explicou seu apelido.

– Vocês duas são cientistas? – perguntou ele.

– Somos – respondeu Doodle.

– Não – disse Kai ao mesmo tempo.

– Ah! Discordância saudável. – O professor Hill sorriu e seus olhos se estreitaram de um jeito alegre. – Vamos ver o que as provas demonstram.

– Elas fizeram um projeto bacana sobre mariposas-celestiais – revelou Carlos.

– *Fizeram?* – As sobrancelhas grossas do professor se ergueram de surpresa. Ele estava realmente *muito* surpreso. – Que estranho. Um colega meu, do exterior, acaba de me escrever mencionando essa mesma mariposa.

– O que ele disse? – perguntou Doodle.

– Ele tinha perguntas sobre a mariposa e uma empresa local – respondeu o professor Hill. Seu tom de voz era estranhamente sério, e Kai e Doodle perceberam que não deviam perguntar mais. – Bem, com licença, gostaria de dar uma olhada nas apresentações.

– É um prazer conhecê-lo – murmurou Kai quando ele saiu circulando por entre as pessoas.

O professor era gracioso com a cadeira de rodas,

contornando obstáculos e pessoas que pareciam ignorar a existência dele.

– Eu também quero ver as outras apresentações – disse Doodle.

– Claro – concordou Kai.

– Vou pegar mais cookies – avisou Carlos.

– Você já tem cinco nas mãos – comentou Doodle.

– Dá para congelar! – retrucou Carlos, piscando.

Ajeitou os óculos no nariz e se dirigiu para a barraquinha de cookies enquanto as meninas foram para as tendas.

Para Kai, muitos projetos de adultos pareciam ser quase profissionais... só que sem graça. Os das crianças eram mais coloridos e tendiam a ter muitas imagens. A maioria das pessoas preferia as borboletas, mesmo havendo uma apresentação linda com lagartas e uma monarca viva, que estava começando a sair de uma crisálida.

Uma pessoa deu uma explicação muito detalhada do ciclo de vida da borboleta-carteiro, e outra, da mariposa-cigana. Doodle observava atentamente e exclamava em cada apresentação, mesmo as feitas por crianças de pré-escola. Sorriu com orgulho ao passar pelo próprio pôster.

– Você devia pegar seu violino – disse Doodle. – Vai se apresentar logo mais.

– Vou? – perguntou Kai. – Não me lembro de ter dito que ia.

– Vai, sim. É por isso que o seu violino está embaixo da mesa.

Kai sorriu.

– Só estou fazendo isso pelas mariposas – afirmou, pegando o estojo.

Chegaram, por fim, à última mesa, onde estava a apresentação que ambas secretamente procuravam e temiam desde o início.

Mas que lixo, pensou Kai ao ver Pettyfer. Não havia muita coisa, apenas uma grande caixa de sapatos com alguns gravetos dentro. *É com isso que ele pensa que vai ganhar?* Estava exposta numa mesa grande, ao lado de várias mariposas e borboletas emolduradas. Kai ficou enjoada ao vê-las. Eram lindas e incríveis... e mortas. Uma placa de madeira ao lado delas dizia *Molduras doadas pela Caixa Americana*, reluzindo com o famoso verniz inodoro da empresa.

– Não são bonitas? – perguntou Pettyfer, aproximando-se por trás dela. – Meu pai mandou fazer as molduras na fábrica.

– São revoltantes.

Pettyfer abriu um largo sorriso.

– Que bonito esse estojo de violino que você tem aí. Pegou no Exército da Salvação?

Muito engraçado, pensou Kai. *Espere só até eu começar a tocar, riquinho. Não há talento que possa ser comprado.*

– Fale o que quiser. Você não tem como ganhar com algumas mariposas emolduradas e aquela caixa tosca.

– Não é a caixa – disse Pettyfer. – Ela só está guardando a mariposa. A apresentação vai acontecer quando eu mostrar para todo mundo como preservar e emoldurar.

– Você vai *matar uma mariposa* na Feira de Lepidopterologia?

Doodle ficou de queixo caído.

– Você é um psicopata! – exclamou Kai.

Nesse instante, algo se movimentou na caixa de Pettyfer. A mariposa estava escondida atrás de uma folha, que se deslocou com seu movimento.

Doodle arquejou.

– Essa não – murmurou Kai.

Era a mariposa-celestial.

– Você não pode matar essa mariposa! – protestou Doodle. – Ela está extinta por aqui!

– Obviamente não está – retrucou Pettyfer em tom calmo.
– Só é muito rara. Vou mostrar a todos como pre...

Kai não esperou o resto da frase: investiu na direção da caixa de papelão. Pettyfer a agarrou pelo casaco, mas Doodle o segurou, gritando:

– Salve a mariposa, Kai!

Pettyfer continuava agarrando sua blusa, que a estava enforcando. Ela o acertou com o estojo do violino e ele deu uns passos para trás, o bastante para que ela alcançasse a ponta do embrulho de plástico. A caixa caiu no chão e uma ponta do plástico se abriu.

– Peguem! – gritou Pettyfer ao ver a mariposa sair voando em zigue-zague.

Ela pousou na placa da Caixa Americana, onde passou um momento parada, até que Pettyfer se atirou na direção dela. A mariposa saiu voando na direção das flores vermelhas na frente da biblioteca, deteve-se nelas mais um pouco e depois foi embora para longe.

Kai ouviu um leve zumbido elétrico ao seu lado e, ao olhar, deparou com o professor Hill. Ele observava a mariposa, que havia desaparecido pela lateral da biblioteca.

– Eu vou processar você! – gritou Pettyfer, apontando para Doodle.

– Tudo bem! – gritou a menina. – Pode processar!

Kai nunca vira a amiga furiosa e ficou tão impressionada que não lhe ocorreu intervir. Por sorte, Carlos fez isso, apressando-se em ficar entre eles e apartar a briga.

Kai olhou ao redor, procurando a tia Lavinia. Ela estava meio para fora da sua barraca. Tinha começado a andar em sua direção, mas depois decidiu que não seria mais necessário. Apenas assistira à cena toda com um sorriso satisfeito. Ergueu um copo de Suco Luna para um brinde. Kai deu um sorrisinho e se voltou para os amigos.

O professor Hill olhou para Kai.

– Aquela era... uma mariposa-celestial? – perguntou, sem fôlego.

– Era.

Ela esperava que o professor dissesse: *Nossa! Nem sabia que ainda existiam por aqui!* Em vez disso, ele estendeu a mão e tocou a placa reluzente na qual a mariposa tinha pousado. Voltou a olhar para Kai.

– Pegue essa placa – ordenou – e me siga.

Kai não fez perguntas. Obedecendo, trotou atrás do professor Hill, que avançava em velocidade máxima na cadeira de rodas. A balbúrdia ao redor deles havia cessado e o silêncio era tamanho que Kai ouvia o barulho dos balões sendo retorcidos para formar uma borboleta.

– Ei! Devolva isso! – gritou Pettyfer. – Volte aqui! Vou processar você também! Vou processar todos!

Carlos o segurava pelos ombros, impedindo que Pettyfer os perseguisse.

Não que fizesse diferença. Kai segurava a placa numa mão e o violino na outra, e nunca largaria qualquer um dos dois. O livro mágico lhe ensinara uma coisa: ela nem sempre precisava compreender o que estava acontecendo para continuar avançando.

Pensou no último trecho de *O cadáver excêntrico*, a parte em que as cartas de Edwina cessaram. Sabe o que Kai fizera ao ler aquilo?

Escrevera: *Inaceitável. Quero um final feliz.*

Em seguida, pôs o livro na prateleira.

Como eu disse: continuar avançando.

O cadáver excêntrico

“Quero um final feliz”, pensou Parker, fitando a irmã dentro do caixão. Ela estava com seu melhor vestido azul. “Não acredito que isto esteja acontecendo.”

Havia poucos presentes no velório. A maioria dos amigos que eles fizeram tinha fugido para Simla, entre eles Trix e Ruddy, e Melchisedec ainda não tinha chegado em Lahore. Ainda assim, diversos parceiros de negócios compareceram à cerimônia, incluindo um homem que se apresentara como advogado de Melchisedec, mas cujo olho cego e cicatriz no rosto sugeriam outra ocupação.

A Catedral da Ressurreição era uma bela estrutura de arenito que acabara de ser consagrada. Não era a maior catedral que Parker já tinha visto, mas era grande o bastante para produzir o eco melancólico dos passos de alguns presentes que começavam a se retirar.

O “advogado” de Melchisedec caminhou pelo corredor como se fosse se aproximar do caixão.

– Com licença – disse Parker ao homem. – Eu gostaria de um momento a sós com minha irmã antes de o fecharem.

O homem deu uma olhada para o esquife, onde Edwina estava completamente imóvel.

– Vejo que é um caixão muito elegante.

– Meu guardião foi muito generoso em fornecê-lo.

O homem meneou a cabeça, pôs o chapéu e se dirigiu à saída. Os passos ecoaram pelo teto abobadado.

Parker se ajoelhou diante do caixão. Quando o reverendo Allcott chegou para conversar com ele, Parker também lhe pediu um momento a sós com a irmã.

– Claro. Todo o tempo que precisar.

– Por favor, aceite esta doação para a igreja.

Parker entregou um maço de cédulas ao sacerdote, que assentiu.

– Agradeço. Esperamos um dia ter o bastante para encomendar sinos vindos da Inglaterra para a torre. Isto vai ajudar.

Depois que ele saiu, Parker se ajoelhou junto ao caixão e orou em silêncio. Passaram-se alguns minutos, até que ele sussurrou:

– Tudo certo.

– Ele foi embora mesmo? – perguntou Edwina.

Não abriu os olhos. Não mexeu nada além dos lábios.

– Todos se foram.

Edwina se sentou no caixão e Parker a ajudou a descer.

– Eu senti aquele homem olhando para mim. Prendi a respiração.

Parker fechou a tampa do caixão.

– Vai ser enterrado amanhã. Tem certeza de que quer fazer isso?

– Melchisedec está vindo. – Ela balançou a cabeça. – Acha mesmo que ele vai esperar que eu complete 21 anos e permitir que eu volte para os Estados Unidos? Você também devia desaparecer.

– Eu estou feliz aqui – disse Parker. – Além do mais, nosso “tio” não tem nada a temer da minha parte. Ele comprou todos os juízes do condado e eles jamais mudariam o testamento. Nem planejo tentar.

Edwina deu um sorriso triste e ele segurou a mão dela. Abraçaram-se com afeto.

– Aqui está a sua passagem – prosseguiu Parker – e dinheiro para se sustentar por um tempo. Quando você chegar aos Estados Unidos, vou transferir uma quantia maior. Samir também providenciou os documentos...

Parker ergueu as sobrancelhas.

– Tem certeza de que ninguém vai desconfiar? – perguntou Edwina.

– Agora você é Edie Allen – informou-lhe Parker. – Samir também deu dinheiro a várias... partes interessadas.

Parker entregou a Edwina uma sacola preta de lona.

– Ele as subornou, você quer dizer – corrigiu ela.

– Ora, Edwina, não precisamos ser desagradáveis. – Parker era prático e sabia que, quando se combate fogo, muitas vezes o melhor é usar fogo. – Suas coisas estão no baú, que já foi na frente. Um baú de verdade, não um caixão. Samir é mesmo um bom homem.

Atrás dele, uma luz entrava pelo vitral em um luminoso tom de azul. Edwina pensou nas suas mariposas. Ela sentiria saudade do irmão, mas era a única forma de escapar de Melchisedec. Era um passe de mágica. Ela voltaria para Ralph, sua querida toupeira. Ele a ajudaria.

Edwina beijou o rosto do irmão e saiu a passos rápidos para a entrada, onde Samir a esperava. Era um nativo muito bonito, de chapéu-coco e um elegante bigode prateado, que fez uma ligeira reverência quando ela se aproximou.

Edwina segurou a mala com força em uma das mãos e o estojo com o violino na outra.

– Estou pronta.



CAPÍTULO QUINZE

Leila

O PRÓPRIO MAMOO ABRIU a porta, espantando Leila, que soltou um gritinho. Suas sobrancelhas grisalhas se ergueram e ele lançou um olhar para Samir.

– Vieram para o chá?

– A gente quer um doce! – exclamou Wali.

Samir fez sinal para que o irmão caçula se calasse.

– Leila quer falar com você.

– Preciso contar uma coisa! – exclamou Leila ao mesmo tempo.

– E trouxe a família inteira para isso?

Mamoo cruzou os braços e riu. Estava começando a compreender que a inteligência de Leila não era do tipo tradicional; fazia mais o tipo romântico, criativo.

– Samir sabia o caminho, Chirragh é o acompanhante e Wali... Não faço ideia de por que ele está aqui – explicou Leila.

Quando o menino de 7 anos pressentira a empolgação dela, insistira em vir junto. Por mais que lhe explicassem que não havia nada de interessante acontecendo, ele sabia identificar uma mentira.

Chirragh contornou a casa enquanto as crianças tiravam os sapatos e corriam para a longa sala de estar. Mamoo se sentou na sua poltrona, Wali se jogou no sofá, Samir se acomodou na ponta de um pufe e Leila ficou de pé. As persianas estavam fechadas, mas raios de sol penetravam pelas frestas. Mamoo não acendeu a luz, pois já estava suficientemente claro.

– Então fale – pediu ele.

– *Ela não morreu!* – anunciou Leila abrindo os braços, como se toda a sala de estar fosse o público.

– Quem não morreu? – perguntou Wali.

– Edwina Pickle. Todo mundo pensou que ela havia morrido, mas isso não aconteceu. Bom, pelo menos não no Paquistão. Na Índia. Enfim...

– Quem é essa? – perguntou Wali.

Todos o ignoraram. Mamoo se reclinou na poltrona e entrelaçou os dedos.

– Por que ela não morreu? – insistiu o garoto. – Por que as pessoas pensaram que ela morreu?

– Parker a ajudou a forjar a própria morte para que ela pudesse escapar do guardião terrível! – As palavras se atropelaram, como se tivessem pressa para sair.

A sobancelha erguida de Samir ficou em estado de alerta.

– Essa é a mulher que estava tocando violino? – perguntou ele, apontando para o gravador no canto.

– É! Eles encenaram a morte dela! – exclamou Leila, batendo palmas.

– Eu já sabia disso – disse Mamoo.

– O quê? – gritou Leila.

– Ele disse “Eu já sabia disso” – explicou o garoto.

– Ele falou em inglês, Wali, obrigada. Como você sabia?

Mamoo ficou de pé e cruzou a sala até o gravador. Abriu uma gaveta do armário.

– Eu tenho as cartas dela. – Retirou uma pilha de correspondências amarradas com uma fita azul desbotada. – O irmão dela guardou todas, além das respostas dele no gravador, que eu presumo que tenham sido datilografadas pelo meu avô. Não sei se o meu pai chegou a ver que estavam no armário, mas eu as encontrei há muitos anos. Andei pedindo ao seu pai, Samir, para usar um dos contatos dele no Museu de Lahore e ver se teriam interesse em ficar com elas, mas ele vive me enrolando. – Mamoo balançou a cabeça. – Não entendo por que ele faz isso.

– Você leu as cartas? – indagou Leila, ansiosa. – O que aconteceu? Ela se casou com Ralph?

– Não faço a menor ideia do que vocês estão falando – disse Samir.

– Eu explico mais tarde – prometeu Leila.

Mas Mamoo não parecia querer se apressar.

– O patrão do meu pai, Parker Pickle, e a irmã dele, Edwina, eram herdeiros de uma enorme fortuna. Edwina temia pela própria vida, então o irmão disse a todos que ela havia morrido de tifo e enterrou o caixão dela no cemitério. Mas Edwina voltou para os Estados Unidos e Parker pagou a faculdade dela. Depois a irmã se casou...

– Com o Ralph? – quis saber Leila.

Mamoo olhou para ela com curiosidade.

– Com um homem chamado Ralph Flabbergast.

– Eu sabia! Eu sabia!

Leila saiu dançando pela sala.

Wali aproveitou a oportunidade para se juntar a ela, também gritando que sabia, embora não soubesse de nada, nem de longe.

– De qualquer forma, é muito interessante. Parece que, após a “morte” da irmã, Parker Pickle *deveria* ter se tornado o herdeiro daquela fortuna, mas ele nunca a recebeu por não ter

sido nomeado formalmente no testamento. Não que ele tenha corrido muito atrás disso. Então, o guardião...

– Melchisedec! – gritou Leila.

– Você deve dizer *Alhamdulillah* – explicou Wali, achando que ela tivesse espirrado.

Mamoo estreitou os olhos.

– Sim, Melchisedec Jonas. Ele manteve o controle da empresa. Parker esperava que a filha de Edwina algum dia herdasse a fortuna, mas duvido que isso tenha acontecido.

– Ah, eles tiveram um bebê!

Leila desejava ter levado *O cadáver excêntrico*. Seria capaz de dar um beijo no livro.

– Bem, tudo isso me chamou a atenção recentemente porque eu mandei testar o verniz do armário, como você sugeriu, Samir. Ele contém um derivado de espirradeira, a planta que as mariposas tanto adoram. É seu principal alimento. Mas ele pode causar problemas respiratórios e de pele em alguns humanos, principalmente os que têm os pulmões debilitados. O site da Caixa Americana afirma que a empresa ainda usa a fórmula de conservação centenária, então eu lhes escrevi alertando que esse verniz pode ser perigoso, mas recebi uma resposta muito mal-educada.

– Mas... Melchisedec Jonas não pode estar vivo ainda, né?
– perguntou Leila.

– A carta – disse Mamoo, comprimindo os lábios – foi assinada por alguém chamado Sr. Pettyfer Jonas.

Leila ficou chocada.

– Que babaca!

– Sem dúvida – concordou Mamoo.

A sala mergulhou em silêncio.

– A gente pode comer um doce agora? – perguntou Wali.

Leila olhou para ele. Tinha esquecido que estava ali. Tinha se esquecido de Samir também, que olhava para ela com uma

expressão de assombro paciente, como se não entendesse bem o que se passava mas percebesse a importância daquela conversa e confiasse em ouvir uma explicação mais tarde.

Na cozinha ouviu-se um tilintar.

– Estão sentindo esse cheiro? – perguntou Mamoo quando um delicioso aroma passou por eles. – Ah, meu cozinheiro é muito bom. Mas, claro, nem se compara a Chirragh.

Chirragh faz o bode mais delicioso da cidade, dissera Zain. Leila estremeceu quando lembrou que o cozinheiro compraria a nova cabra naquele dia. Não haveria como impedi-lo.

– Está cheirando a *gajar halwa*! – exclamou Wali quando um empregado abriu a porta e entrou na sala empurrando um carrinho de chá.

– Oba! – disse Samir.

Mas a cabeça de Leila estava um turbilhão.

– Esperem – disse Leila, levantando uma das mãos. – Esperem.

– Esperar o quê? – perguntou Samir, mas Mamoo fez “shhh” para ele.

Os pensamentos colidiam como átomos na cabeça de Leila; estavam tão agitados que chegavam a queimar o seu crânio. *Chirragh é de confiança, trabalhou a vida inteira para a família. Edwina no caixão. O bode de Chirragh é delicioso. Edwina fugiu. A cabra está condenada à morte.*

Ela olhou para eles. Tinha o rosto completamente alterado – reluzia com o brilho de todos aqueles pensamentos.

– Tive uma ideia – anunciou.

Três dias depois, Leila estava no quintal dos Awan, de pé à sombra da mangueira. Samir, Wali e Babar Taya estavam ao lado dela e a cabra caminhava, dando um balido de vez em quando.

Chirragh se abaixou e começou a amolar uma faca numa pedra. De tempos em tempos, parava para testar a lâmina no polegar. Para Leila, parecia afiada feito navalha.

– Não gosto disso – admitiu Babar Taya. – Algumas pessoas apenas põem a mão na faca e depois deixam um empregado matar o animal. Mas eu não me sinto à vontade para pedir que Chirragh faça algo que eu mesmo não me disponho a fazer. – Deu um suspiro e olhou para Leila. – Espero que você não fique tão incomodada com isso.

– Faz parte da minha cultura – disse Leila, nervosa.

Seu coração palpitava como louco, e o calor fazia sua cabeça zumbir. Ela também não queria ficar ali. Preferiria estar dentro de casa, com a tia e Rabeea, mas se sentia meio como o tio. Aquela confusão tinha sido culpa dela. Leila não podia fugir agora. Não sabendo o que estava prestes a acontecer.

Respirou fundo, inalando o aroma de manga apodrecida. A chuva chegara na noite passada, caindo em gotas grossas como flocos de neve e duras como cascalho. De manhã, o chão estava molhado e todas as folhas haviam sido lavadas.

Finalmente, Chirragh mostrou a faca e meneou a cabeça. Segurou-a pela lâmina, oferecendo o cabo a Babar Taya. Seu tio estendeu a mão...

– Ei, ei! O que está acontecendo aqui? – Mamoo invadiu o pátio, seguido de perto por Asif e outro empregado, que carregavam uma caixa pesada. – Meu sobrinho, esta é a sua última chance de avaliar os documentos para o Museu de Lahore. Caso contrário, vou enviá-los para os Estados Unidos hoje mesmo!

Babar Taya arregalou os olhos ao ver a caixa.

– Estamos no Eid.

– Um amigo meu está viajando para lá e concordou em levar isto. Um museu americano ficou interessado!

Babar Taya pareceu se afligir.

– Não sabia que eram tantos documentos assim!

– Tenho mais três caixas – anunciou Mamoo. – Mas é muito simples mandá-las para os Estados Unidos, onde podem valer mais.

– Deixe-as aí, Mamoo – disse Babar Taya. – Vou dar uma olhada e mando para lá esta semana.

– Meu amigo viaja esta noite! – Mamoo apontou para a caixa. – Ou você as leva para o museu agora ou eu as envio para os Estados Unidos hoje!

– Mamoo, seja razoável...

– *Eu* não sou razoável? Que absurdo! Estou falando disso há três anos! Quero que você resolva isso agora mesmo.

Babar Taya pareceu pensar no assunto. Por fim, abanou a mão.

– Acho que vai ser melhor. Isso, pode mandar para os Estados Unidos.

Leila engoliu em seco.

Chirragh estendeu a lâmina outra vez.

– Como assim? O que é isto? – perguntou Mamoo. – Eu não sou o mais velho? A honra do sacrifício não deveria ser minha?

Babar Taya pareceu surpreso.

– Você nunca quis fazer antes, Mamoo.

– Tolice!

Fez um gesto para Chirragh, que estendeu a faca na direção de Mamoo.

– Abu? – Uma porta de tela bateu e Samir entrou correndo no pátio. – Abu! Desculpe, mas tem um homem ao telefone que insiste em falar com você agora mesmo. Diz que está ligando de Hong Kong e que é muito urgente. Algo a ver com servidores invadidos por hackers...

O rosto de Babar Taya perdeu a cor e Leila sentiu uma

pontada de preocupação. Mas o tio se voltou para Mamoo.

– Não se importa de fazer as honras? – perguntou, dando uma olhada para a cabra.

– Eu insisto – respondeu Mamoo num tom de voz que não deixava margem para dúvida.

Babar Taya murmurou uma oração, agradeceu a Mamoo – que acenou para que fosse para dentro – e correu para a casa. Chirragh estendeu a faca a Mamoo, que sinalizou aos empregados que colocassem a caixa no chão.

Leila desamarrou a cabra.

– Tchau – disse, abraçando-a pelo pescoço. – Não tenha medo.

O animal deu um balido apavorado quando Asif o levantou. Mamoo abriu a tampa da caixa e o motorista a colocou lá dentro. Então os dois a ergueram. Asif sorriu para Leila, o bigode escuro tremendo como se ele estivesse rindo baixinho enquanto carregava a caixa para o carro do patrão.

Chirragh ergueu o queixo e Mamoo retorceu o bigode.

– Volto na hora do jantar – disse, virando-se para acompanhar a caixa.

Leila sorriu para ele.

– Gostei desse velho doido.

Samir concordou.

– Ele é um bom homem.

Wali olhou para Leila.

– Mas o que a gente vai comer?

– Uma coisa chamada *seitan* – disse Leila. – Pedi que o Asif comprasse na loja de produtos importados. É feito de trigo, mas tem gosto de carne. Depois que o Chirragh preparar, você nem vai perceber a diferença.

– Mas e Alá? Ele não vai ficar bravo? – Os olhos pretos de Wali estavam enormes.

– Mamoo deu dinheiro para os pobres em nome da nossa

família – explicou Samir. – Ninguém vai passar fome por causa desta cabra. – Abriu um sorriso para Leila. – Além do mais, foi *sadaqa*.

– *Sadaqa*? – repetiu Leila.

Uma bênção. Uma coisa boa. *Bem... meio que é. Como alimentar os pássaros.*

– Foi uma aventura! – exclamou Wali.

Leila riu, mas pensou que era verdade. Uma pequena aventura e um pouco... esquisita. E algumas partes ela ainda não entendia.

Não uma aventura das Irmãs Amadas, mas real, mágica e *sua*. Sentiu vontade de contar a história para alguém – Ta'Mara, Aimee ou até Nadia. Mas nenhuma delas acreditaria. Nenhuma delas tinha uma imaginação como aquela.

Leila tinha.

Olhou para o céu. Havia pequenas nuvens irregulares, mas estava limpo. A fumaça se dissipara, lavada pela chuva.

O cadáver excêntrico

SENTINELA DE FALLS RIVER

Mark e Ellen Grove (nascida Flabbergast) anunciam com alegria o nascimento de seu filho, Walter Isaac Grove, no dia 10 de julho de 1968. Ele veio ao mundo com 3,45 quilos e 43 centímetros.

Walter Grove é o primeiro bisneto de Ralph e Edie Flabbergast (nascida Allen). O casal gostaria de convidar todos para uma confraternização com sorvete, para também celebrar suas bodas de ouro. A festa será sábado, dia 28 de julho, às 14 horas, no

parque da cidade.

Se não acreditar em mim, verifique os arquivos do condado.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Kai

SE NÃO ACREDITAR EM MIM, verifique os arquivos do condado, Kai leu.

Ela se levantou.

Ela se sentou.

Ela fitou o livro.

Kai voltou a ficar de pé, a adrenalina correndo pelo corpo. Ela queria se mexer, mas não havia para onde ir. Estava sentada a uma mesa no centro da antiga biblioteca.

– Você está bem? – perguntou Carlos de trás do balcão de atendimento.

Olhava para ela por cima da borda preta dos seus óculos de *hipster*.

Kai pestanejou. Como explicar que um livro mágico acabava de lhe dizer... o quê? Que o pai dela era parente de Ralph e Edwina? Voltou a cair sentada na cadeira e olhou para Doodle, que a espiava com curiosidade.

– Tem uma tachinha na sua cadeira?

Kai girou *O cadáver excêntrico* e o aproximou da amiga.

– Olhe.

Doodle passou os olhos pelos nomes.

– Não entendi. O que é isso?

– Walter Grove – disse Kai, apontando. – Walter Grove. É o meu pai.

– Caramba!

Doodle se levantou com os olhos saltando das órbitas como os de um sapo. Então lançou um olhar para Carlos, que as observava com atenção. *O que foi?*, indagou ele sem emitir som algum. Doodle balançou a cabeça e voltou a se sentar.

– Ralph Flabbergast é o bisavô de Walter... – disse Doodle.

Kai tentava entender o que aquilo significava. Aquilo não parecia...

– Eles são os *seus* tataravós! – sussurrou Doodle.

– É tão estranho... – Kai balançou a cabeça. – É tão estranho...

Os pensamentos se chocavam como bolas de gude dentro da sua cabeça. Doodle olhou fixamente para ela.

– O que foi? – perguntou Kai.

Doodle a encarava como se tentasse transmitir seu raciocínio até o outro lado da mesa.

– O que foi? Não fique só pensando. Fale logo.

– Você não entendeu? – indagou Doodle.

– Achei que tivesse...

Ela olhou para o livro. *Eles são meus tataravós*, disse a si mesma, *como a Doodle falou*.

– *Você é a herdeira* – revelou a amiga.

– Eu sou arteira?

As engrenagens do cérebro de Kai não funcionavam na velocidade normal. Era como quando se põe coisa demais num liquidificador e a lâmina roda em falso sem bater em nada. Kai achou que Doodle estava usando uma metáfora, algo relacionado a ser criativa, mas não entendia muito bem o sentido daquilo.

– *A herdeira da fortuna* – explicou Doodle. – A Companhia

Caixão Americano deveria ser sua. *Sua!*

Carlos se inclinou na mesa delas com os braços cruzados.

– Vocês estão me deixando louco com todos esses sussurros. O que estão tramando?

Doodle observou o rosto petrificado de Kai.

– Carlos, a gente precisa fazer uma pesquisa nos registros de nascimentos e mortes daqui.

Ele deu de ombros.

– Claro.

– Mas... a gente não vai ter como provar – disse Kai devagar. – Todo mundo acha que Edwina morreu em Lahore.

– Você tem o livro! – exclamou a amiga.

– Um livro mágico não vai servir como prova, Doodle.

– A conversa está ficando interessante – observou Carlos em tom calmo.

Naquele momento, a porta da biblioteca se abriu e o professor Hill entrou na cadeira de rodas. Trazia um grande envelope pardo no colo.

– Carlos! Tenho um presente para você!

– O que é?

O professor Hill foi até onde ele estava.

– Sei que você se interessa pela preservação de documentos históricos, então trouxe algumas correspondências entre residentes proeminentes daqui.

Os cabelos de Kai ficaram eriçados com um pressentimento.

– Quem... – sussurrou ela. – De quem são?

O professor Hill sorriu.

– Oi, Kai. Oi, Doodle. Um velho amigo e colega meu do Paquistão me enviou estas cartas. – Abrindo o envelope, ele retirou um conjunto amarrado com uma fita pálida. – Foram escritas na virada do século XX entre uma mulher chamada Edwina Pickle e seu irmão, Parker. Os herdeiros da fortuna da

Caixão Americano. E, por falar nisso, esse mesmo amigo está preocupado com o verniz usado pela companhia, então mandei para um laboratório aquela placa que nós pegamos. Os resultados devem chegar dentro de alguns dias. – Passou as mãos pelos cabelos brancos, que continuaram espetados. – Mas tenho a impressão de que alguém pode ficar muito irritado com essa história toda.

O professor Hill soltou uma gargalhada.

– Parece até que você *deseja* que os resultados deixem alguém irritado – disse Doodle.

– Não posso confirmar nem negar isso. – O professor Hill olhou para ela com seriedade, mas depois riu. – Ora, essa... Eu confirmo. Espero que Pettyfer Jonas passe um tempinho na cadeia por colocar as pessoas em risco. E gostaria que pudessem trazer o avô dele de volta à vida e mandá-lo para trás das grades também.

Doodle queria continuar ouvindo a história, é claro, mas, quando seus olhos caíram sobre Kai, viu que a amiga parecia em um transe hipnótico. Não tinha ouvido uma palavra sequer sobre o verniz. Tomou a mão dela, mas Kai quase não sentia nada agora. Não pertencia ao próprio corpo. Tinha saído, atravessando o teto, flutuando pelo céu azul e além.

– Lavinia! – gritou Kai, escancarando a porta da frente. – Lavinia!

A tia-avó reluzia como uma concha marinha no sofá de veludo verde-escuro. Vestia uma túnica turquesa e rosa brilhante sobre a calça jeans branca e deu um sorriso quando Kai, descabelada e suada, entrou correndo pela sala de estar.

– Qual era o nome da esposa do seu tio? – perguntou a garota.

Lavinia não teceu nenhum comentário sobre a aparência

assombrada ou a pergunta rude. Apenas apontou para a poltrona do outro lado da sala.

– Kai, docinho, veja só quem está aqui – disse amavelmente.

Uma mulher de vestido cinza folgado se levantou. Tinha cabelos escuros, com um corte reto até logo abaixo das orelhas, e olhos acinzentados afáveis.

– Mãe!

Kai correu até ela e abraçou-a, apertando o rosto contra as dobras macias do seu velho vestido de linho. Ela cheirava a café e talco. Abraçando Kai com força, a mãe dava beijos em sua cabeça, murmurando:

– Joaninha, minha joaninha... – Era como ela chamava Kai. – Morri de saudade. Quando foi que você ficou tão *alta*? O que aconteceu? Foram só algumas semanas!

– Não dá para impedir que elas cresçam. – Os olhos de Lavinia cintilaram.

– O que está fazendo aqui? – perguntou Kai. – Por que não avisou que viria?

– Bom, nem eu sabia – disse a mãe de Kai. – Mas eu tive uma entrevista por Skype com a Browning Solutions na semana passada e foi tão boa que ontem me enviaram uma passagem para que eu fosse entrevistada pessoalmente.

Lavinia se sentou na ponta do sofá.

– Onde fica, exatamente? Em que parte de Houston?

– Bem ao lado da Universidade Rice – respondeu Schuyler. – A uns noventa minutos de carro daqui. Era para eu voltar para casa hoje à noite, mas me ofereceram o emprego...

– Ofereceram? – perguntou Kai. – Para trabalhar em Houston?

– Kai, querida... – a mãe começou a dizer em tom amável, segurando as mãos da filha. – Eles precisam de alguém para

começar logo. Daqui a poucas semanas. É uma ótima oportunidade e eu espero que você...

– Legal! Ótimo! Vamos para Houston!

– Ahn?

Schuyler pestanejou por um momento, imóvel. Lançou um olhar incerto para Lavinia, que encolheu os ombros então voltou-se para Kai.

– Eu meio que tinha preparado algo para dizer... – continuou.

– Ah! Desculpe.

Kai se sentou na poltrona e olhou atentamente para a mãe. Lavinia se acomodou no sofá e fez o mesmo.

– Bem... talvez não seja necessário. Mas... Kai, as escolas são muito boas e algumas pessoas indicaram professores de violino.

Kai ergueu uma das mãos.

– Mãe, por falar nesse assunto... – Ela comprimiu os lábios, hesitando e sentindo as orelhas queimarem de vergonha. – Eu quero continuar tocando – disse em voz baixa. *Eu preciso, pensou. Não posso abandonar para sempre o violino que era do meu pai.* – Mas não quero que seja mais tão... *intenso.*

– Isso é fantástico, querida. Fico muito feliz.

Agora era a vez de Kai de ficar desnorteada. O ar-condicionado zumbia. Um caminhão passou lá fora.

– Como assim? – questionou Kai.

– Joanhinha, você adora violino. Sempre adorou. Mas aquela dedicação toda... não era muito saudável.

– Mas... e o papai? E o sonho dele... e as oportunidades que nunca teve?

– Kai, seu pai amava o violino, mas seu avô o proibiu de tocar. Dizia que tirava tempo dos estudos.

– Ele praticava aqui às vezes – disse Lavinia. – Era o

segredinho dele.

Os olhos da tia-avó brilharam.

Schuyler tomou a mão da filha.

– Walter queria que você tivesse a oportunidade que ele nunca teve: de ser aquilo que você quisesse. Eu gosto de ver você tocar porque parece que sente prazer nisso. Mas acho que talvez a gente... tenha exagerado. Ficar em primeiro lugar não deveria ter se tornado a prioridade. O que importa é a *música*.

Kai se reclinou na poltrona e olhou para o teto.

O que importa é a música.

O que importa são as mariposas.

E deu uma gargalhada sonora, alta e clara, como os sinos que tocam na igreja. Olhou para Lavinia e depois para a mãe.

Tudo estava acontecendo tão rápido! *Elas nem sabem nada sobre Edwina e Ralph! Não sabem nada sobre a Caixa Americana.*

– Eu tenho uma coisa para contar – anunciou. – Acho melhor você se sentar.

– Está tudo bem? – perguntou Schuyler, voltando-se para Lavinia.

– Pelo que sei, está.

A tia parecia preocupada e confusa.

– Está tudo bem – Kai as tranquilizou. – Tudo ótimo, aliás. É só... uma história incomum. Altamente incomum. E longa.

– Muito bem – disse Lavinia, levantando-se e endireitando a túnica. – Então é melhor eu trazer o seu Suco Luna mundialmente famoso.



CAPÍTULO DEZESSETE

Leila

– DO QUE VOCÊ está rindo? – perguntou Samir, de pé na porta do quarto de Leila.

Ela estava sentada na cobertura vermelha, com o laptop prateado no colo. Virou o monitor para mostrar a irmã recebendo um jato d'água de um elefante bebê.

Samir andou 23 passos até a cama para ver melhor.

– É a Nadia?

– Ela tem um blog – explicou Leila. – É bem legal de ler. Eu posso enviar o link para você.

– Você deve sentir muita saudade dela.

Leila refletiu. Não sentira saudade nenhuma de Nadia no início da viagem. Aliás, sentira mais das amigas. Mas, nos últimos três dias, começara a pensar na irmã. Vinha se perguntando se Aimee tinha mais coisas em comum com Nadia do que com ela. Percebera que, apesar de as duas se conhecerem fazia muito tempo, eram muito diferentes. E Leila começara a imaginar se sua melhor amiga não estaria por aí, ainda esperando para conhecê-la.

– Sinto saudade dela.

– Bom, daqui a alguns dias você vai para casa.

– É.

– Como é Houston?

Samir puxou a cadeira ao lado da escrivaninha e se sentou.

– Ah, é um tédio.

– Não tanto quanto aqui, aposto.

– Como assim? Aqui não é nada entediante! – Leila fechou o computador. – Aqui tem papagaios nas árvores e carroças puxadas por burros e bodes enfeitados e faquires e *esquilos listrados* e... Como você pode achar um tédio? Aqui as pessoas vivem se visitando, tem sempre alguma coisa acontecendo. É... é *mágico*.

Samir sorriu.

– Aposto que Houston pareceria mágica para mim.

Leila pensou no seu bairro cheio de segurança, no parque bonitinho com piscina comunitária e pista de skate, na senhora no fim da rua que tinha plantado o jardim inteiro de escovinhas azuis. Pensou nas sirenes de alerta de tornado que tocavam todos os dias às seis da tarde só para mostrar que estavam funcionando e nas ocasiões em que o céu ficava repleto de nuvens carregadas, com clarões de raios. Pensou nas tradições estranhas das quais sua família participava: o rodeio, o passeio de bicicleta noturno à fantasia, a praia de Galveston aonde se chegava em 45 minutos de carro. *Não é um lugar tão ruim de se morar*, decidiu. Podia não ser como as cidades luxuosas da Califórnia ou a mansão das Irmãs Amadas... mas tinha uma magia própria.

– É, você iria gostar – concordou Leila.

Samir sorriu.

– Você quer ir lá embaixo? Todo mundo está vendo *Pakistan Idol*.

Leila se levantou.

– Já expulsaram aquele cara horroroso? O da barba?

– Não diga isso na frente da Rabeea. É o preferido dela! –
ralhou Samir enquanto desciam as escadas, já ouvindo os
gritos de Wali.

Leila sentia saudade da sua família, mas *aquela* também
era sua família. Levava algum tempo, mas agora se sentia à
vontade ali. A viagem não fora como ela imaginara, mas havia
lhe mostrado onde era seu lugar.

No mundo todo.

Epílogo

BEM, NÃO HÁ MUITO mais o que contar. Leila voltou para casa e descobriu que Nadia continuava sendo muitas vezes irritante e que, apesar da epifania que tivera no Paquistão, o mundo inteiro não havia se tornado mágico da noite para o dia. Ta'Mara tinha um novo namorado e não parava de falar dele. Aimee estava obcecada com seu papel no balé de outono e já não andava tanto com Nadia quanto Leila temia que acontecesse. E a irmã continuava sendo... ela mesma. Decidiu fundar uma organização sem fins lucrativos – algo relacionado a ajudar patinhos – e dedicava quase todo o tempo livre a montar um robô.

Leila nunca começou o seu blog, mas manteve contato com Samir, que mandava e-mails com fotos de Wali, as obras de arte de Rabeea e até de Mamoo com a cabra, que tinha ficado bem gordinha sob os seus cuidados.

Babar Taya permitira que Leila levasse *O cadáver excêntrico* para os Estados Unidos e foi o que ela fez, mas nada de novo havia aparecido. Com o tempo, as palavras começaram a desbotar e, uma semana antes de a escola recomeçar, no outono, ficara completamente em branco, exceto pela primeira página. Exatamente como ela o encontrara.

– Valeu a tentativa – disse para o livro quando descobriu a mudança. – Mas sei que você ainda é mágico.

A edição de Kai também desbotou, mas, assim como Leila,

ela se aferrou à crença de que o livro era mágico.

– Eu tenho uma testemunha – informou ela ao livro. – Doodle sabe tudo sobre você, espertinho.

Quando o professor Hill enviou para um jornal da região os resultados do laboratório e a cópia do e-mail de Mamoo detalhando suas preocupações com a espirradeira, a imprensa local fez a festa ao descobrir que Pettyfer Jonas pai tinha conhecimento sobre os problemas que o verniz usado na Caixa Americana podia causar aos asmáticos, mas preferira ser negligente.

Depois da demissão dele, o pai de Doodle foi escolhido para assumir a presidência em seu lugar. Quando um composto inócuo substituiu a espirradeira, seus pulmões se recuperaram depressa e ele raramente voltou a adoecer. Além disso, o novo verniz custava menos e durava mais. O campo de espirradeira deixou de ser cortado, crescendo e florescendo atrás da fábrica, e uma noite Doodle viu *três* mariposas-celestiais, fato que informou à Sociedade de Lepidopterologia na reunião mensal.

O juiz finalmente analisou as provas de que Edwina era Edie Flabbergast e considerou o testamento que os pais dela haviam deixado. Com isso, Kai passou a ser a herdeira oficial da fortuna da Caixa Americana. O dinheiro ficou guardado em custódia e, quando ela completasse 21 anos, passaria a ser seu.

Kai e a mãe se mudaram para Houston. Visitavam Lavinia e Doodle nos fins de semana e ela tocava violino à noite. Encontraram uma linda casinha num bairro simpático e seguro; nas proximidades havia uma piscina comunitária e uma pista de skate. A vizinha tinha plantado escovinhas azuis no jardim inteiro. As aulas começariam em uma semana e Kai tinha a estranha sensação de que faria amigos ali. Talvez até uma Melhor Amiga. Doodle lhe mostrara que era possível.

Sabia agora que toda história, até mesmo a dela, tinha sua própria magia, e tudo o que devia fazer era continuar virando as páginas até o verdadeiro final feliz.

Agradecimentos

EU GOSTARIA DE AGRADECER às pessoas que tornaram possível a escrita deste livro e àquelas que tornaram impossível que eu desistisse.

Agradeço a An Na, que gentilmente me afastou da história errada; a Mark Karlins, que me conduziu na direção da história certa; a Rita Williams-Garcia, que me ajudou a entender os personagens; e a Kathi Appelt, que me fez voltar para casa.

Sou muito grata a James Patterson pela generosidade, permitindo que eu me dedicasse a este projeto. Agradeço também à equipe do Museu Nacional de História Funerária pelas informações sobre fábricas de caixões do século XIX.

Quero agradecer ao meu marido, Ali Usman, e meus outros conselheiros e leitores de Lahore: Aimen Khan, Uzma Sajid e Annum Khan. Também agradeço a outros leitores das primeiras versões: Kathryn Gaglione, Marguerite Belkin, Ellen Wittlinger, Nancy Werlin, Pat Collins e Liza Ketchum.

Tenho uma caixinha especial, forrada em veludo, com um agradecimento a Rosemary Stimola e Kristen Pettit, que não apenas acreditaram nesta história como acreditaram em *mim* durante muito, muito tempo.

E, é claro, agradeço às queridas Alices no País das Maravilhas.

Sobre a autora

© Ellen Augarten



LISA PAPADEMETRIOU tem diversos livros publicados, entre eles *Como ser feminina* (Editora Fundamento) e *Rani na lagoa das sereias* (Melhoramentos), *Middle School: Big, Fat Liar* e *Homeroom Diaries* (ambos com James Patterson). Seu romance de estreia, *Sixth-Grade Glommers, Norks, and Me*, foi considerado pelo site FamilyFun um dos melhores livros de 2006. Lisa fez mestrado em belas-artes na Vermont College e hoje vive em

Northampton, Massachusetts, com o marido e a filha. Gosta de costurar, dançar músicas dos anos 1980, tocar violão e beber café.

www.lisapapa.com

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Nota da autora](#)

[Nota](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Epílogo](#)

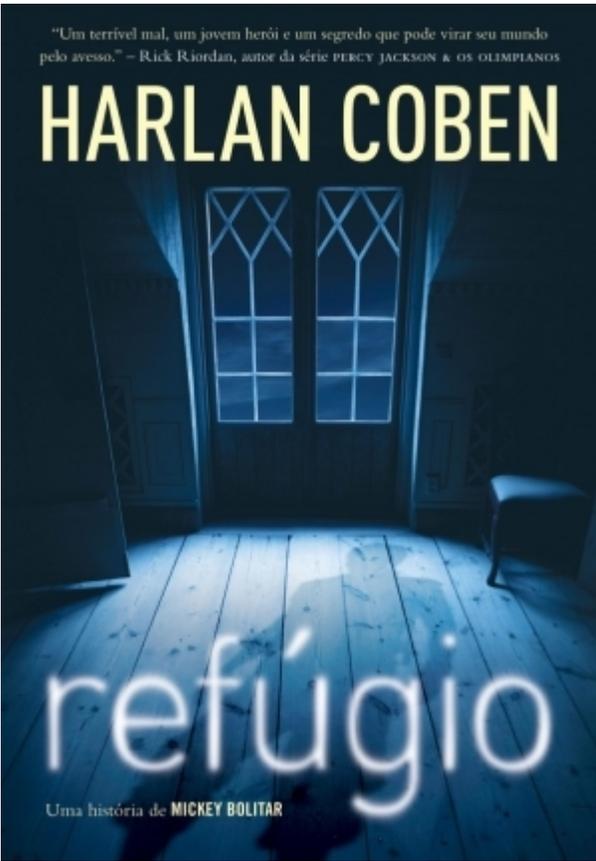
[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

"Um terrível mal, um jovem herói e um segredo que pode virar seu mundo pelo avesso." – Rick Riordan, autor da série PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS

HARLAN COBEN



refúgio

Uma história de MICKEY BOLITAR

Refúgio

Coben, Harlan

9788580411027

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mickey Bolitar nunca levou uma vida muito comum. Passou toda a infância se mudando para diferentes partes do mundo por conta do trabalho humanitário de seus pais, Kitty e Brad Bolitar. Tudo parecia perfeito – o casal era muito apaixonado e se sentia realizado com seu trabalho. No entanto, seu filho estava entrando na adolescência e não parecia justo que ele não pudesse estabelecer raízes e fazer amigos, como qualquer jovem de 15 anos. Decididos a viver de um modo um pouco mais convencional, Brad e Kitty retornam aos Estados Unidos, onde pretendem se estabelecer até que Mickey vá para a faculdade. Mas a família é atingida por um doloroso golpe do destino: Mickey presencia a morte do pai num grave acidente de carro e Kitty, incapaz de lidar com a dor da perda, se entrega às drogas. O rapaz então se depara com o desafio de sobreviver a essa grande reviravolta em sua vida. Em meio a um turbilhão de acontecimentos, Mickey tem que se esforçar para se adaptar à nova realidade. Ele só não imagina que seus problemas estão apenas começando...

[Compre agora e leia](#)

O BEST-SELLER MUNDIAL AGORA PARA JOVENS

DAN BROWN



A MAIOR CONSPIRAÇÃO DOS ÚLTIMOS 2 MIL ANOS
ESTÁ PRESTES A SER REVELADA



O Código Da Vinci – Edição especial para Jovens

Brown, Dan

9788580416268

312 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Código Da Vinci, livro que consagrou Dan Brown como um dos autores mais brilhantes da atualidade, ganha uma nova versão, especialmente preparada para o público jovem, com fotos coloridas que enriquecem ainda mais o livro. Um assassinato dentro do Museu do Louvre traz à tona uma sinistra conspiração para revelar um segredo protegido por uma sociedade secreta desde os tempos de Jesus Cristo. Com a ajuda da criptógrafa Sophie Neveu, o professor de Simbologia Robert Langdon segue pistas ocultas nas obras de Leonardo Da Vinci e se debruça sobre alguns dos maiores mistérios da cultura ocidental – do sorriso da Mona Lisa ao significado do Santo Graal. Mesclando os ingredientes de um envolvente suspense com informações sobre obras de arte, documentos e rituais secretos, O Código Da Vinci consagrou Dan Brown como um dos autores mais brilhantes da atualidade e agora chega em nova versão, especialmente preparada para o público jovem, com fotos coloridas que enriquecem ainda mais o livro.

[Compre agora e leia](#)

Stanley Gordon West

ONDE MORA A CORAGEM

A história da fé e da garra de um time
que não se rende à derrota



Onde mora a coragem

Gordon West, Stanley

9788580412062

496 páginas

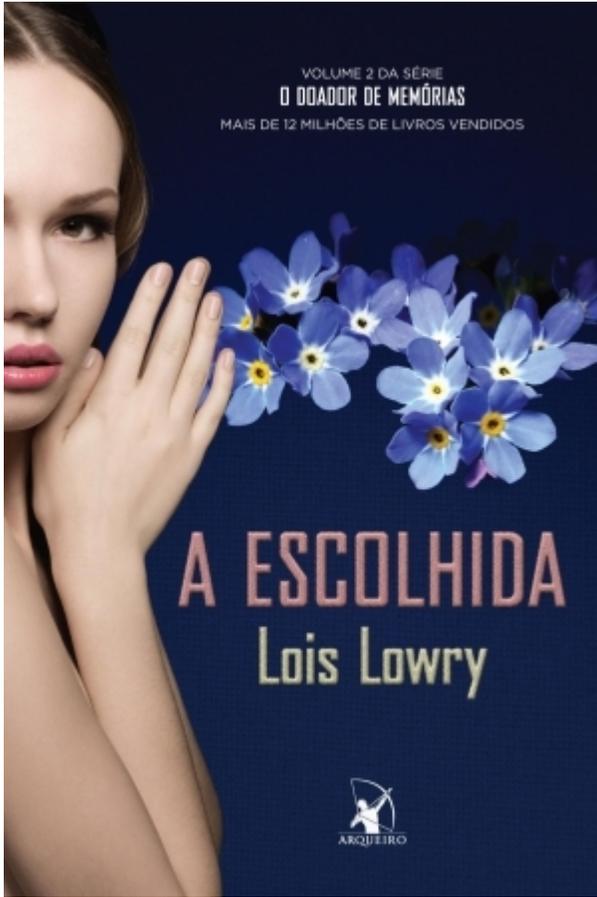
[Compre agora e leia](#)

Cada morador da pequena cidade de Willow Creek parece guardar um passado de perdas, alguma história que os fez buscar esse lugarejo esquecido pelo mundo e nele se estabelecer. Apesar de tudo, eles seguem adiante com determinação. Durante o rigoroso inverno, quando o trabalho nas fazendas diminui, os jogos de basquete são a força vital da cidade. Se o time perde, o desânimo se instala e o frio se torna insuportável. E já se vão cinco anos sem que a equipe de Willow Creek obtenha uma vitória sequer. Contudo, o destino ainda reserva algumas surpresas. Quando um excelente jogador vindo de Milwaukee e um norueguês de mais de 2 metros de altura chegam à cidade, o técnico Sam Pickett vê neles a possível salvação do time. Sam assume a difícil missão de ensinar basquete ao gigante e consegue reunir um grupo improvável de seis garotos. Com o novo desafio e a ajuda inesperada de Diana Murphy, a professora de biologia, Sam vai combater seus fantasmas e tentar reconstruir a própria vida. Onde mora a coragem é uma comovente história que mostra que o verdadeiro heroísmo

está em recusar-se a desistir, mesmo quando parece não haver nenhuma chance de vitória.

[Compre agora e leia](#)

VOLUME 2 DA SÉRIE
O ODOOR DE MEMÓRIAS
MAIS DE 12 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS



A ESCOLHIDA
Lois Lowry



A escolhida

Lowry, Lois

9788580413489

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

SÉRIE COM 144 SEMANAS NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO THE NEW YORK TIMES Órfã e portadora de uma deficiência, Kira precisa enfrentar um futuro assustadoramente incerto. Vivendo em uma civilização que descarta os mais fracos, ela sofre hostilidade dos vizinhos, que a acusam de ser inútil para a comunidade. Quando é chamada a julgamento pelo Conselho dos Guardiões, Kira se prepara para lutar pela vida. Mas, para sua surpresa, os autoritários chefes já têm outros planos e a encarregam de uma tarefa grandiosa: restaurar os bordados de uma túnica centenária que contam a história do mundo. Escolhida por seu talento quase mágico para bordar, a jovem fica radiante com a honraria. Quando dá início ao minucioso serviço de investigação do passado, ela depara com uma série de mistérios nas profundezas do universo que achava conhecer tão bem. Confrontada com uma verdade chocante, Kira precisará tomar decisões que mudarão sua vida e toda a comunidade. Em A escolhida, Lois Lowry traz ao leitor personagens e cenários distintos de O doador de memórias, mas que complementam a sensacional

distopia e abrem um novo horizonte de reflexão para a tetralogia.

[Compre agora e leia](#)



Como se livrar de um vampiro apaixonado

Fantaskey, Beth

9788580411195

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jessica Packwood levava uma vida tranquila no interior da Pensilvânia e esperava ansiosamente pelo início do último ano escolar. Seus planos eram se formar e conseguir uma bolsa de estudos para a faculdade, ganhar a olimpíada de matemática e namorar seu colega Jake Zinn. Mas aí um novo aluno esquisitão (e muito gato) chamado Lucius Vladescu aparece do nada, dizendo que Jessica pertence à realeza vampírica e lhe foi prometida em casamento para selar a união entre os clãs mais poderosos dos vampiros. E de repente Jessica percebe que sua vida está prestes a virar de pernas para o ar. Para completar, Lucius fica hospedado na casa dela e faz de tudo para conquistá-la e atrapalhar seu flerte com Jake. Com a desculpa de que está fazendo intercâmbio, ele gruda em Jessica na escola e humilha todos os outros alunos da aula de literatura. O romeno esnobe e perfeito tira a garota do sério, mas logo começa a se encantar pelo estilo de vida local e a rever seus conceitos. Jessica, por sua vez, vivencia uma importante autodescoberta

e sofre uma transformação física e psicológica, fazendo as pazes com o seu passado e chegando a uma encruzilhada: ela deve ignorar o pacto de casamento e tocar sua vida simples ao lado da família e do namoradinho do colégio ou se abrir para uma experiência surreal e se unir a Lucius por toda a eternidade? Em seu livro de estreia, Beth Fantaskey mesclou humor, fantasia, romance e terror para criar uma história surpreendente. Repleto de tiradas sarcásticas, diálogos divertidos e personagens complexos, Como se livrar de um vampiro apaixonado apresenta uma nova forma de enxergar os mortos-vivos mais atraentes da literatura mundial. Nesta edição, incluímos os 22 capítulos de O casamento de Antanasia Jessica Packwood e Lucius Valeriu Vladescu, um suplemento publicado na internet pela autora Beth Fantaskey.

[Compre agora e leia](#)